Diário de Lisboa

CÉU ENCOBERTO

FUNDADOR JOAQUIM MANSO   DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 25 DE ABRIL DE 1974   N.º 18439 — ANO 54.º — PREÇO 2$50

O MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS PROSSEGUIRÁ NA SUA ACÇÃO LIBERTADORA

-afirma-se num comunicado transmitido ao País

O País foi informado ao princípio da madrugada, através do Rádio Clube Português, de que as Forças Armadas haviam desencadeado um movimento contra o regime. Mais tarde, um comunicado do Movimento das Forças Armadas informou que o movimento visa a libertação do país do regime queo oprime desde o golpe de Estado de 28 de Maio de 1926.

Segundo diversas emissões de estações de radiodifusão estrangeiras captadas na nossa redacção, nomeadamente o ORTF, o movimento militar pretenderia também pôr fim às guerras na Guiné, Angola e Moçambique, a partir das soluções propostas pelo general António de Spínola.

O Movimento das Forças Armadas dirigiu também sucessivos apelos às forças militarizadas e policiais no sentido de se manterem nos seus aquartelamentos e de que se abstivessem de quaisquer provocações. As forças militarizadas e policiais foram também avisadas de que as Forças Armadas não hesitariam em reprimir severamente qualquer tentativa de resistência, embora pretendessem evitar o derramamento de sangue.

Os comunicados das Forças Armadas insistem em que a população se deverá manter serena e evitar sair à rua. Em diversas zonas da cidade, forças militares formaram barreiras com automóveis atravessados nas ruas e impedem a circulação de veículos. Também em muitas zonas da cidade, em especial junto do Rádio Clube Português e de aquartelamentos, não é permitida a circulação de pessoas.

Apesar dos apelos dirigidos pelas Forças Armadas através do Rádio Clube Português, grande parte da população da cidade veio para a rua ou mantém-se em magotes às janelas, no desejo de acompanhar o movimento das Forças Armadas. Pode afirmar-se, no entanto, que a população civil de Lisboa se mantem tranquila, não se tendo registado qualquer tentativa de apoio ou oposição ao Movimento das Forças Armadas.

Embora seja ainda pouco clara a situação política no País, sabe-se que as forças militares revolucionárias identificadas com as ideias que presidiram ao recente Movimento dos Capitães (aderentes à doutrina definida pelo general Spínola no seu livro «Portugal e o Futuro»), ocuparam, ao princípio da madrugada, os estúdios da Emissora Nacional, no Quelhas (e mais tarde em S. Marçal), os quais depois deixariam de transmitir; da Radiotelevisão Portuguesa, na Alameda das Linhas de Torres; e do Rádio Clube português, na Rua Sampaio Pina. Simultaneamente, era também cercada a área onde se situa o Quartel-General, em S. Sebastião da Pedreira.

Depois das quatro horas, e apenas através do Rádio Clube, que entretanto passara a transmitir marchas militares, tendo sido suprimidos os habituais programas da madrugada, foram lidas mensagens e apelos exortando os elementos das Forças Militarizadas e Policiais (PSP, GNR e PIDE, nomeadamente) a recolherem a quartéis, aconselhando-se os respectivos comandos a usarem da «máxima prudência» a fim de ser evitada a desnecessária efusão de sangue.

Continua na pág. 12

Hoje 36 páginas

OS COMUNICADOS DO MOVIMENTO

Eis os textos dos comunicados difundidos esta manhã através do Posto de Comando das Forças Armadas (Rádio Clube Português):

COMUNICADO N.º 1

«Aqui Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas. As Forças Armadas Portuguesas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa no sentido de recolherem a suas casas nas quais se devem conservar com a máxima calma. Esperamos sinceramente que a gravidade da hora que vivemos não seja tristemente assinalada por qualquer acidente pessoal para o que apelamos para o bom senso dos comandos das forças militarizadas no sentido de serem evitados quaisquer confrontos com as Forças Armadas. Tal confronto, além de desnecessário, só poderá conduzir a sérios prejuízos individuais que enlutariam a criariam divisões entre os portugueses, o que há que evitar a todo o custo.

Não obstante a expressa preocupação de não fazer correr a mínima gota de sangue de qualquer português, apelamos para o espírito cívico e profissional da classe médica esperando a sua acorrência aos hospitais a fim de prestar a sua eventual colaboração que se deseja, sinceramente, desnecessária.»

COMUNICADO N.º 2

«A todos os elementos das forças militarizadas e policiais o comando do Movimento das Forças Armadas aconselha a máxima prudência a fim de serem evitados quaisquer recontros perigosos. Não há intenção deliberada de fazer correr sangue desnecessariamente, mas tal acontecerá caso alguma provocação se venha a verificar.

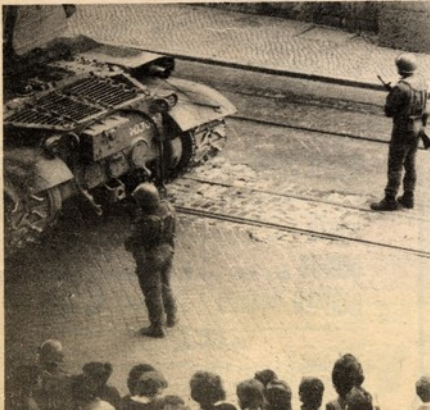
Apelamos para que regressem imediatamente aos seus quartéis, aguardando as ordens que lhes serão dadas pelo Movimento das Forças Armadas.

Serão severamente responsabilizados todos os comandos que tentarem, por qualquer forma, conduzir os seus subordinados à luta com as Forças Armadas.»

COMUNICADO N.º 3

«Aqui Posto de Comando das Forças Armadas. Informa-se a população de que, no sentido de evitar todo e qualquer incidente, ainda que involuntário, deverá recolher às suas casas, mantendo absoluta calma.

A todos os componentes das forças militarizadas, nomeadamente às forças da G.N.R., PSP e ainda às forças da DGS e da Legião Portuguesa, que abusivamente foram recrutadas, lembra-se o seu dever cívico de contribuírem para a manu-

Continua na pag. 12

Esta manhã na Rua do Arsenal

A POPULAÇÃO DE LISBOA E O GOLPE MILITAR

A população de Lisboa saiu á rua, em plena Baixa, no meio de indiscritível entusiasmo quando, perto do meio-dia, terminou o esboço de luta no Terreiro do Paço entre as forças revoltosas que ali se encontravam desde as cinco da manhã e dois carros de combate que abriram fogo. As Forças do Mivimento das Forças Armadas não responderam. Outros dois carros de combate teriam aderido rapidamente aos revoltosos.

Gritos de entusiasmo, flores, cânticos e milhares de pessoas saudando os militares que desfilaram pelas ruas da Baixa Pombalina, subindo até para os carros que os transportavam.

Tropas da Escola Prática de Cavalaria (Santarém), Escola Prática de Infantaria (Mafra), Regimento de Engenharia 1, de Lamego e Cavalaria 7 ocuparam o Terreiro do Paço a partir das cinco horas da manhã. Na Margem Sul, forças de Vendas Novas tomaram posição no Cristo Rei. O total das forças do M.F.A. que ocuparam o Terreiro do Paço era de cerca de 600 homens, 50 auto metralhadoras e carros de combate. Comandava essas tropas um tenente-coronel de Cavalaria 7. Inicialmente, a manobra fora comandada por um capitão.

Informações posteriores, indicavam-nos que a Marinha e a Aviação aderiram ao Movimento, embora a primeira se recusasse a abrir fogo.

Perto do meio-dia, sairam do Terreiro do Paço três colunas militares com objectivos específicos: uma de fusileiros navais avançou para as instalações da DGS-PIDE, na Rua António Maria Cardoso; outra avançou para o quartel da Legião Portuguesa, na Penha de França; uma terceira tomou posições junto do quartel da GNR, no Carmo, onde às 13 e 30 se esperavam início das conversações entre sitiados e

Continua na pág. 28

DL/NACIONAL

"A EMPRESA FACE À CONTESTAÇÃO"

Promovido pela União Católica de Industriais e Dirigentes de Trabalho (UCIDT), terá lugar nos dias 23, 24 e 25 do próximo mês, no Hotel Altis, na Rua Castilho, 11, em Lisboa, um congresso subordinado ao tema «A Empresa Face à Contestação».

O Congresso funcionará em três sessões plenárias dirigidas por um moderador, estando em debate os seguintes subtemas: «Propriedade e Poder na Empresa»; «A Empresa e as Relações de Trabalho»; e «A Empresa e a Comunidade». Na base da discussão estarão problemas como, por exemplo, o desaparecimento do poder do pequeno e médio proprietário perante a concentração do poder económico e financeiro nas mãos de possuidores poderosos; a dificuldade de se conseguir futuramente prever uma situação de equilíbrio e de harmonia social se, entretanto, não surgirem novas formas de relações de trabalhos; e a responsabilidade da Empresa na melhoria do nível de vida que as pessoas cada vez mais desejam e necessitam.

O Secretariado do Congresso funciona na sededa U.C.I.D.T., à Rua Duque de Palmela, 2-5.º, telef. 539 511.

Jovens operários em busca do livro

MARINHA GRANDE, 25 — Tem sido muito concorrida a mini-feira — exposição de livros organizada nesta vila pelo Sport Operário Marinhense.

A inédita iniciativa teve um acolhimento que excedeu todas as previsões. Efectivamente, contava-se que os baixos salários da população não permitissem mais do que uma reduzida venda de livros. No entanto, as aquisições têm sido muito significativas, especialmente por parte da juventude operária.

A feira continua aberta ao público por mais alguns dias.

PUBLICAÇÕES

«O ESCANÇÃO», orgão dos escanções de Portugal. Saiu o n.º 1 desta publicação, dirigida por Nelson Heitor e propriedade da Associação dos Escanções de Portugal. Boa apresentação gráfica e grande variedade de assuntos. Desejamos-lhe felicidades e longa vida.

«PI», jornal da Escola Secundária de Redondo. Com curiosa apresentação gráfica e valiosa colaboração dos alunos do estabelecimento, apareceu mais esta publicação escolar, concebida com imaginação e bom gosto.

«NOTÍCIAS DA ÁFRICA DO SUL» — Número de Abril.

«ACTIVIDADES NACIONAIS» — Número de Março.

Poesia e Vida

Promovida pela Comissão de Enfermagem da Clínica de Santa Cruz, a poetisa Matilde Rosa Araújo profere amanhã, às 18 horas, na sala da biblioteca daquele estabelecimento hospitalar, uma conferência sobre «Poesia e Vida».

Comércio luso-espanhol

Um grupo de individualidades representativas das Câmaras Oficiais de Comércio e Indústria de várias cidades espanholas e da Câmara Hispano-Portuguesa de Comércio e Indústria em Espanha visitaram a Associação Comercial de Lisboa.

Os visitantes eram acompanhados pelo vice-presidente da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Espanhola em Portugal e foram recebidos pelo presidente da Associação Comercial de Lisboa, prof. dr. Caetano Léglise da Cruz Vidal, pelo vice-presidente do mesmo organismo, Tomás Ferreira Pinto Basto, e pelos restantes directores, tendo sido trocadas impressões sobre a actividade das referidas Câmaras no âmbito das relações económicas entre os dois países ibéricos e seus reflexos no intercâmbio com o estrangeiro, nomeadamente na actual conjuntura económica internacional em que o fomento das exportações desempenha um papel primordial.

No decorrer dessa visita foi ainda salientada a íntima colaboração que sempre tem unido a Associação.

PERSPECTIVAS

A astronáutica em crise

Cinco anos depois da descida do primeiro homem na Lua, o esforço desenvolvido pelas duas maiores potências na conquista do espaço acha-se drasticamente reduzido. Mesmo os Estados Unidos, vencedores da corrida que levou o astronauta Neil Armstrong à superfície lunar, em 1959, não pensam reatar tão cedo projectos astronáuticos de grande envergadura, à excepção do voo orbital conjunto com a União Soviética, planeado para o próximo ano.

Outro projecto na calha, só deve concretizar-se em 1979. Consiste num veículo espacial reutilizável, semelhante a um avião, que permitirá voos mais baratos entre a Terra e engenhos em órbita. O veículo, conhecido pelo nome de estafeta espacial, poderá levar novamente tripulações para o laboratório orbital americano Skylab, no qual em meses recentes permaneceram três tripulações por períodos de 28, 59 e 84 dias.

Calcula-se que a órbita do Skylab se mantenha estável até 1982, após o que o laboratório espacial tenderá a descair para o nosso planeta. Tornar-se-á portanto necessária a intervenção de astronautas para evitar a destruição do enorme satélite, para o que bastará utilizar o sistema de propulsão do engenho a fim de o repor numa órbita conveniente.

Entretanto, o mais conhecido centro espacial nos EUA, a base de Cape Canaveral, foi em grande parte votada ao abandono, estando a funcionar apenas cinco das 42 torres de lançamento. Material originalmente no valor de 68 milhões de dólares foi vendido como sucata por 15 mil dólares e o mato invade os locais donde partiram os primeiros astronautas americanos, após a decisão do presidente John Kennedy, de ripostar ao desafio tecnológico representado pelo avanço da U.R.S.S., a primeira a lançar satélites e homens para o espaço.

Depois do entusiasmo dos anos 60, a astronáutica encontra-se portanto em crise. Os russos não chegaram a enviar ninguém à Lua e os americanos, que em 1966 gastaram com o seu programa espacial quase seis biliões de dólares, vão despender este ano 3,2 biliões, o que no entanto é ainda muito dinheiro para «queimar» segundo os adversários da conquista do espaço. O lançamento, agora rotineiro, de satélites não tripulados para órbitas terrestres e de sondas para os planetas do Sistema Solar ainda por explorar continuam a absorver avultadas verbas, o que não impede que o pessoal do Centro Espacial Kennedy tenha passado do total de 26 600 em 1967 para menos de dez mil presentemente.

Os planos de ficção científica de colonização de outros planetas, para aliviar o preocupante aumento populacional, e o ímpeto para alcançar as estrelas estão hoje esquecidos. A febre quase mística dos primeiros anos da era espacial deu também lugar ao desinteresse.

Aliás, as atenções gerais estão actualmente voltadas para graves problemas, que se sobrepõem à pesquisa científica de outros mundos. A escassez de alimentos e de matérias-primas, a explosão demográfica, a inflação e a poluição contam-se entre esses problemas, cujos efeitos imediatos constituem uma ameaça que não pode ser ignorada sem prejuízo talvez para a própria sobrevivência da Humanidade.

Contudo, a astronáutica poderá ajudar a resolver algumas questões graças ao desenvolvimento técnico que promoveu, no que diz respeito, por exemplo, aos satélites especializados — meteorológicos e de levantamento dos recursos naturais. A medicina deve-lhe também já alguma coisa e os satélites de comunicações estão a tornar global o processo de informação, acabando com o milenário isolamento de recônditas áreas da Terra.

NUNO VIEIRA

Resgate por um cão

«Wahki», um jovem «Fox-Terrier» branco, e o seu dono, Bruno Zanin, 23 anos, que participou no último filme de Federico Fellini, encontraram-se depois de uma separação de quatro dias. Com efeito, «Wahki» fora raptado na sexta-feira à noite por duas raparigas que reclamavam um resgate de 500 mil liras (cerca de 18 200 escudos). «Se tens possibilidades de ter um cão de luxo, podes muito bem pagar um resgate de 500 mil liras, senão matamos o cão», disseram pelo telefone, fazendo ao mesmo tempo ouvir o bicho a ganir.

O cão e as «raptoras» não faltaram ao encontro para a entrega do resgate mas Bruno Zanin fez-se acompanhar por polícias. As duas raparigas foram acusadas de extorção e presas. Um cúmplice que serviu de intermediário, ficou em liberdade provisória.

Hitler

Um autodenominado «Movimento Pátria Nacionalista» anunciou uma missa em memória de Adolfo Hitler e inscreveu ameaças de morte em diversos lugares de Buenos Aires contra dois ministros e um jornalista argentino de origem judia.

Em cartazes colocados em alguns pontos do centro de Buenos Aires o «Movimento Pátria Nacionalista» anuncia para o próximo dia 30 uma missa de homenagem a Hitler numa igreja de Buenos Aires.

O morto esperou

Durante três anos e meio, de pé em um canto, o morto James Evans esperou que alguém o reconhecesse, para que depois lhe fizessem o funeral.

Embalsamado, o corpo não demonstrou quaisquer indícios de se deteriorar, até que uma cunhada, Martha Evans, entrou casualmente na Casa Funerária de Eral Alexander e o reconheceu.

Finalmente deitado em um caixão, James — que contava oitenta anos à data da morte, em 1970 — vai agora a enterrar.

Alpinismo

Sir Edmundo Hillary, o neozelandês que conquistou pela primeira vez o pico mais alto do mundo, o Everest, propõe-se voltar às lides alpinistas no Himalaia, 21 anos depois da sua proeza.

No próximo dia 29, Sir Hillary iniciará a escalada do Monte Kalar Pittar, o local mais inacessível da cordilheira, embora tenha uma altitude inferior à do Everest, cerca de seis mil metros.

Agora, o alpinista, que conta 55 anos, será acompanhado por outros dois neozelandeses, Graham Dongle e Murray Nones.

Outro pormenor interessante deste regresso do velho escalador é que a sua aventura vai ser gravada em «video-tape» desde o início, a fim de ser transmitida na televisão depois do regresso dos alpinistas.

Sir Edmund Hillary, natural de Auckland (Nova Zelândia), reside na Inglaterra desde 1953, data em que conquistou o tecto do mundo.

MARIA JUDITE DE CARVALHO

UM CASO DE AMOR

Ambos numa clareira de jardim ao sol. Ela fora-se aproximando, tão lentamente, tão cautamente, em tão lindas voltas, pisando com tanta mansidão, que decerto ninguém a vira avançar, parar quando tinha avançado tudo. Surgira momentos antes por entre arbustos e flores, toda de branco vestida, flor só um pouco maior — e mais suja — do que as restantes. Surgira pois, entrara na clareira, pusera-se a dar voltas suaves, em espiral, e a estar cada vez mais perto dele. Dois passos miúdos, um pulinho, uma paragem só para apanhar uma pedrinha ou uma folha caída, outros dois ou três passos, uma volta sobre si mesma. Mas cada vez estava mais perto.

Teria cinco, seis anos? Ele, não andaria longe disso. Mas ele... Mas ela...

Ela era magrinha e usava cabelinho pobre, quase incolor, cortado bem horizontal, sobre a orelha, piuga largueirona caída em cima da sandália e a marca, bem clara, da pobreza. Falta de vitaminas entre outras coisas. Ele, pelo contrário, era um menino-sol. Pele rosada, cabelos de oiro, bem fartos, olhos de céu. E cheirava a saúde (uma coisa que cheira bem) e tinha decerto boa comida, bem estudada para ele, praia no Verão, quem sabe se fins-de-semana no Inverno. Menino pesado, medido, observado à lupa. Menino precioso, enfim, ali, naquela manhã, a brincar com uma coisa qualquer, amarela e com rodas.

Ela às voltas e voltinhas, passinhos, saltinhos, sempre mais perto. Quando ficou mesmo perto, parou a olhar. O rapazinho olhou também para ela e sorriu. Porque sobre todas as graças que lhe haviam sido concedidas, ele possuía aquela de ser capaz de sorrir e de se sentir momentaneamente irmão de uma pessoazinha qualquer, desconhecida e sem jeito. Sorriu pois e perguntou: «Como te chamas? Queres brincar?» E ela ia responder, ia entusiasticamente responder, ela que nunca dizia nada — chamavam-lhe mona lá em casa — e abriu a boca, quando a voz da senhora bonita (só agora a via) gritou «São horas de irmos!», e o menino logo esqueceu a pergunta feita, e correu para a senhora já de pé.

A pequenina ficou ali especada, no centro da clareira, no centro do deserto, a olhar para o menino-sol que se afastava sem sequer olhar para trás. Porque ele já era o que seria o resto da vida: belo, simpático, fraterno, desatento.

Quando desapareceu para além dos arbustos e das flores, a menina sentiu-se muito triste e foi esconder a cara no colo da avó, que estava num banco, lá mais adiante, a fazer croché. Embora não o soubesse na altura, era o seu primeiro caso (infeliz) de amor.

Por THOMAS FERENCZI «Le Monde»/«DL»

ENTREVISTA DE CHABAN-DELMAS

O «maire» de Bordéus declara-se «situado entre um partido comunista que se esconde e uma direita que se revela».

Através de pequenas pinceladas sucessivas aparecem, no decurso das declarações, as tonalidades que separam os dois principais candidatos da maioria. Sobre a economia, bem entendido: Giscard d'Estaing acredita que o problema mais sério é o do emprego; Chaban-Delmas, ao microfone da R.T.L., repetiu, na sexta-feira 12 de Abril, que «o problema número um» é o da alta dos preços. Sobre o aborto: o ministro da economia e das finanças é favorável ao actual projecto de lei; o antigo primeiro-ministro — que, aliás, votou em Dezembro, pelo reenvio à comissão do texto governamental — está mais próximo do «contra-projecto Ségard», que assenta em princípio no «respeito pela vida», mas que tem em conta «certos infortúnios». Sobre as instituições: Giscard d'Estaing deseja que o Parlamento retome o exame do projecto que reduz a duração do mandato presidencial; o «maire» de Bordéus, que considerava este texto bastante razoável, em Outubro, para lhe dar o seu sufrágio (quando Debré, principalmente, tornado hoje um dos mais activos partidários do candidato, se abstinha), considera agora que teria mais inconvenientes do que vantagens.

Chaban-Delmas, que denuncia em Mitterrand «o partido comunista que se esconde», não hesita em ver em Giscard d'Estaing «a direita que se revela». Como Messmer, que qualificava em Julho último o seu ministro da economia e das finanças de «conservador liberal», o presidente do município de Bordéus atém-se à «posição conservadora» do presidente dos republicanos independentes. Independentemente dos dois pontos de acordo sobre a reforma necessária das condições de acesso à candidatura e sobre... a amnistia das contravenções, os dois candidatos apresentam uma análise aparentemente convergente sobre a maioria: Chaban-Delmas evoca, com efeito, tal como Giscard d'Estaing, uma «nova maioria presidencial». Mas esta constituir-se-á no Parlamento, segundo o antigo primeiro-ministro, em função dos resultados da eleição presidencial, que vão «inflectir» a posição dos deputados, modificar até as fronteiras dos grupos; por seu lado, Giscard d'Estaing faz explicitamente referência às formações actuais, tal como as eleições legislativas as constituíram. A primazia da eleição presidencial sobre a eleição parlamentar, constantemente afirmada pelos gaullistas, é, também, um elemento do debate.

Interrogado ao microfone da R.T.L., na tarde de sexta-feira 12 de Abril, sobre o seu encontro com Giscard d'Estaing, Chaban-Delmas indicou que se tinha tratado **de uma entrevista entre um antigo primeiro-ministro e o homem que ele nomeara para o ministério da Economia e das Finanças, em 1969. Trabalhámos em conjunto,** acrescentou, **hoje somos candidatos, cada um pelo seu lado, o que é, aliás, perfeitamente normal, e uma boa aplicação da regra da democracia. Conviemos em algumas regras simples destinadas a evitar que se instale qualquer possibilidade de confusão por parte da maioria. Não é preciso enganar-se com o adversário. Mitterrand é precisamente o adversário. (...) Giscard d'Estaing e eu próprio, temos opiniões divergentes sobre o tipo de sociedade a construir, mas encontramo-nos, um e outro, dentro do quadro de uma sociedade de liberdade. Giscard d'Estaing representa uma tendência que se qualifica geralmente de liberal que, com a sua aliança com Lecanuet, reconstitui bastante claramente uma posição conservadora. Por outras palavras, eu próprio me encontro situado entre um partido comunista que se esconde e uma direita que se revela.**

Depois de ter sublinhado que **nunca estive convencido da necessidade de ver um só homem representar todas as tendências da maioria** que vão, disse, **de um centro esquerda acentuado a uma direita bastante firme,** o presidente do município de Bordéus recorda as condições precipitadas em que tornou pública a sua candidatura. **Fiz passar o dever à frente da sensibilidade**, disse **preferi passar por homem apressado do que por indolente.** Considera que **a empresa de François Mitterrand é uma empresa perigosa para a França.**

O candidato responde em seguida a várias perguntas particulares.

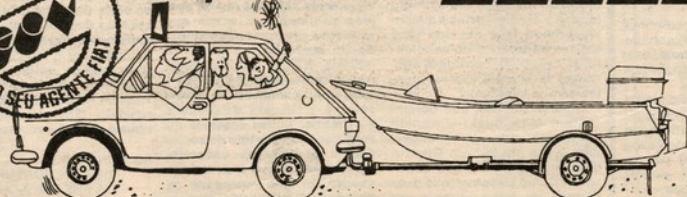
OS PREÇOS: PROBLEMA NÚMERO UM

O FINANCIAMENTO DAS CAMPANHAS ELEITORAIS

O ideal, diz ele, **seria certamente proceder de maneira que cada candidato dispusesse de um orçamento, que, em último caso, poderia ser fornecido pelo Estado. (...) Em toda a medida em que se pudesse proceder de forma que o dinheiro não pesasse sobre a política, e principalmente no que diz respeito à designação do chefe do Estado, bem como para as dos parlamentares, isso seria uma boa coisa. É uma questão que será tratada muito seriamente.** Como o seu interlocutor sugere o montante de **alguns biliões antigos** para as despesas da campanha do «maire» de Bordéus, este interrompe-o: **Não, de maneira nenhuma. Está a exagerar.**

AS CONDIÇÕES DE CANDIDATURA À PRESIDÊNCIA DA REPUBLICA

Julga que a profusão dos candidatos apresenta **sérios inconvenientes, para não dizer graves inconvenientes**, indica que no princípio de 1972 tinha sonhado, com Georges Pompidou, em modificar as regras e conclui que, após esta campanha **ninguém poderá mais duvidar da necessidade da reforma muito séria das condições de acesso à candidatura.**

Continua na pág. 13

A REVOLTA DO EXÉRCITO

A REACÇÃO EM MOÇAMBIQUE

JOANESBURGO, 25 — (R.) — Habitantes de Moçambique ficaram espantados e preocupados com as notícias de uma revolta do Exército no país-mãe, segundo afirmaram hoje fontes governamentais e civis com quem se entrou em contacto.

..Mostravam-se especialmente ansiosos acerca do possível efeito na sua segurança em face da actividade cada vez maior dos guerrilheiros — disseram.

..Grupos de pessoas juntavam-se à volta de aparelhos de rádio na Beira e em Lourenço Marques escutando as emissões do noticiário estrangeiro.

..Rádio Moçambique mantinha-se silenciosa acerca dos acontecimentos em Lisboa. Os serviços públicos funcionavam normalmente nas cidades moçambicanas, embora as ligações telefónicas entre Moçambique e Lisnoa ficassem cheias de interferências quando pessoas tentavam averiguar o que estava a acontecer.

A JUNTA MILITAR TERÁ CERCA DE 10 ELEMENTOS

Segundo informação do major Costa Neves, que chefia as operações no Rádio Clube Português, a Junta Militar que governará o País terá cerca de 10 elemtos. Nomes certos para já, de acordo com aquela fonte: generais Costa Gomes e António de Spínola, coronel pára-quedista Ferreira Durão e tenente-coronel Almeida Bruno.

Exigida a libertação dos jornalistas presos por Marcello Caetano

ZURIQUE, 25 — (R.) — O Instituto Internacional da Empresa exigiu a libertação imediata de cinco jornalistas portugueses presos pelo Governo do dr. Marcello Caetano, deposto aparentemente hoje por um golpe de Estado.

No telegrama endereçado ao dr. Marcello Caetano o director do I.I.I., Ernest Mayer, da França, declarava que o Instituto estava a observar com ansiedade cada vez maior a continuação das prisões dos jornalistas em portugal. «O I.I.I. insiste em nome dos seus 1900 membros em 63 países na libertação imediata de jornalistas presos e internados» — acrescentava o telegrama que indicava os nomes dos detidos como sendo Fernando Correia, Albano Lima, Mário Henrique Leiria, Mateus Branco e Lino de Carvalho.

O PROF. DESOILLE VISITA A SIDERURGIA NACIONAL

A convite do Serviço Nacional de Emprego encontra-se no nosso País o dr. Henry Desoille, professor da Faculdade de Medicina de Paris onde dirige também o Instituto de Higiene Industrial e de Medicina no Trabalho.

O professor Desoille, internacionalmente conceituado no campo da medicina laboral e membro honorário da Comissão Permanente da Associação Internacional para a Medicina no Trabalho, visitou ontem a fábrica do Seixal da Siderurgia Nacional dedicando especial atenção ao Centro de Medicina da Industrial da mesma. À tarde, o dr. Desoille pronunciou ali uma conferência sobre o tema «O médico do trabalho na equipa fabril». À noite, com a presença de médicos de outras empresas do distrito de Setúbal, realizou-se um jantar seguido de uma sessão sobre assuntos de medicina de trabalho orientada pelo ilustre visitante.

4.° CONGRESSO MUNDIAL DA URBANICOM

A Urbanicom, associação sem fins lucrativos, com sede em Bruxelas, promove de 13 a 15 de Maio, em Roma, um congresso sobre «Urbanismo e Comércio ao Serviço do Homem de Amanhã».

As inscrições, que deverão ser feitas até final do corrente mês, podem ser pedidas ao eng.º Silvério Martins, R. Tomás Ribeiro, 50-2.º — Tel. 537057, encarregado de constituir a secção portuguesa da Urbanicom.

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS EM CADA SÉRIE

49.469 — 3.150.000$00
8.207 — 350.000$00
50.243 — 175.000$00

APROXIMAÇÕES AOS 1.ºS PRÉMIOS

49.468 — 13.335$00
49.470 — 13.335$00

PRÉMIOS DE 14 CONTOS

79; 1.259; 4.690; 14.236; 14.879; 17.050; 18.253; 28.675; 28.838; 29.576; 30.811; 31.296; 31.876; 34.098; 36.409; 37.121; 37.880; 38.629; 40.174; 40.499; 42.358; 45.691; 46.212; 47.731; 48.379; 49.519 e 52.026

PRÉMIOS DE 280$00 (CENTENAS)

8.201 a 8.300; 49.401 a 49.500 e 50.201 a 50.300

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 419, são contemplados com 770$00, no bilhete de cada uma das duas séries da emissão e os terminados em 313, 360, 405, 743 ou 873; são contemplados com 560$00. Por sua vez os números cujos dois algarismos finais sejam 27, 34 ou 95, são contemplados com 350$00 Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 9, têm direito a 210$00 de prémio, também nos bilhetes de cada série.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

O SOL É BOM, AS MULHERES VESTEM BEM E O MAIS QUE ADIANTE SE VERÁ...

Feminino Singular continua profundamente atento aos problemas da Mulher (isto com maícusla dá mais metafísica!) Ontem, foi a moda. Assim: *A moda, sempre a moda um tema de interesse geral para todas as telespectadoras.*

Bem me parecia. Destes temas é que eu gosto. Temas de interesse geral. O colectivo, claro. Suponhamos que *Feminino Singluar* nos falava dos problemas que as mulheres encontram nos seus locais de trabalho: isso não tinha o menor interesse, porque não era geral, sim, porque nem todas as mulheres trabalham. Agora suponhamos que *Feminino Singular* se referia à angústia de tantas mulheres que não têm onde deixar os filhos com segurança quando vão para o emprego. Mal feito. Mal feito pela razão simples de que nem todas as mulheres têm filhos Algumas mulheres, por exemplo, quando vêm da praça deitam as mãos à cabeça com o preço das coisas. Está bem que *Feminino Singular* não trate disso porque: nem todas as mulheres vão à praça.

Agora falar da moda? Ah, isso sim. Ah, isso sim pela simples razão de que se trata de um tema para todas as telespectadoras. Todas à moda! À la mode de chez-nous...

Encontra-se em Lisboa uma embaixada da moda italiana de que faziam parte cerca de 30 pessoas, entre as quais Bianca Maria, comentadora de modas da RAI, e Donatella, considerada a mulher mais elegante da Itália no ano de 1974.

Bianca Maria gostou muito de estar em Portugal e, particularmente (claro!) deste Sol claro. As mulheres portuguesas? «Achoa-as verdadeiramente sensacionais (...) «de uma feminilidade maravilhosa». Achou-as também sempre muito bem vestidas.

Quanto à moda, a sua opinião é a de que se tende cada vez mais para uma grande sobriedade e simplicidade. As mulheres trabalham lado a lado com o homem, andam de automóvel *não podemos estar sempre preocupadas como temos as pernas e por isso usamos calças.*

Como se vê, uma questão de pernas.

Canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

Quanto à Donatella, não se pode dizer que seja uma senhora muito faladora. Estamos nitidamente em presença de uma conversadora programada. Para esta pergunta, esta resposta, esta resposta. E pronto, não se sai daqui que por falar pouco nunca pecou ninguém, nem foi para o inferno.

A importância das palavras não se mede aos metros. Há palavras poucas que valem muito mais que muitas palavras. Para que os meus leitores possam fazer uma simples ideia do valor cultural que a entrevista com Donatella representou para a Nação, vamos, com vénia, transcrever perguntas e respostas:

. *M. LEONOR — O que é a elegância?*

. *DONATELLA — A sobriedade, a simplicidade e usar o vestido exacto no momento exacto.*

M. LEONOR — Crê na beleza natural?

. *DONATELLA — Creio, mas nunca se deve descuidar, deve aperfeiçoar-se a beleza.*

M. LEONOR — Falemos da mulher relativamente à idade...

DONATELLA — Cada idade tem o seu encanto, mas é preciso que a mulher não seja ridícula.

M. LEONOR — A elegância está hoje ao alcance de todas as mulheres?

. *DONATELLA — Penso que a elegância é uma coisa inata: nasce com a mulher.*

M. LEONOR — Considera adequado o título da mulher elegante?

G *DONATELLA — Não sou pessoa indicada para fazer esse juízo. Isso compete aos outros.*

M. LEONOR — A que compara a moda?

. *DONATELLA — A moda é como a arte: e ambas se pode ver a maneira de viver de uma época.*

Não ha dúvida: o senhor comendador e grande industrial marido de Donatella deve ter ficado muito satisfeito com as respostas da esposa. Naquele mundo de moda e de elegância chega a ser crueldade pedir a uma mulher que fale.

VASARELY: A COR HUMANIZA A CIDADE

Não há qualquer semelhança — ou se há é mera coincidência — entre o Rocha de Sousa das primeiras emissões de *Perspectiva* e o destas últimas. Particularmente a de ontem.

Falar das artes plásticas em televisão encontra obstáculos difíceis de transpor por todos os motivos que entroncaram na ignorância generalizada, no mau gosto cultivado, na ausência de uma vivência colectiva, etc. Em tudo isso e ainda se deverá acrescentar a dificuldade em duplicado de se falar na televisão, por um lado, e na televisão portuguesa.

A presença de Rocha de Sousa nas primeiras emissões vinha envenenada da *literatura da especialidade* dos suplementos na Imprensa diária. O efeito não deixava de ser desastroso. Raramente se terá ouvido falar tão bem chinês na televisão portuguesa.

À experiência um maior domínio dos processos de linguagem, uma grave atenção às críticas (que não pretenderam nunca destruí-lo a ele, mas àquele processo negativo de usar a televisão) levaram-no a uma aproximação com o telespectador comum que não deixará de dar os seus frutos.

Certamente ainda falta alguma coisa por fazer. Abandonar, por exemplo, um certo ar... professoral, um tom, como direi, ostensivamente didáctico. Fartos de *mestres* estamos nós, amigo. Estamos fartos de quem sabe, sabe e agora toma muita atençãozinha que já vais perceber tudo. Em televisão a arte suprema consiste precisamente em ensinar sem dar a entender que está a ensinar.

Até porque, quando se trata de arte, a palavra *ensinar* ou a tentativa de — assume toda uma «importante» inutilidade. Ensinar, nos caminhos da arte, deve explodir, mais do que explicar.

Claro que se Rocha de Sousa não puder ser doutra maneira — paciência. O caminho percorrido já é considerável. No entanto estou certo que um passo em frente lhe será possível.

Antes de mais nada: parece de muita utilidade a sua iniciativa de nos propor alguns livros sobre determinados assuntos em questão. Aqui está um pormenor de que não deve abdicar. Não esquecer a prioridade: sempre que possível, propor obras em português. Po outro lado, importa acrescentar pormenores importantes como sejam: editoras ou seus representantes que possam satisfazer os pedidos ou as informações. Porque quem vive em Lisboa, no Porto ou em Coimbra ainda pode, com maior ou menor dificuldade, tentar resolver o problema. Mas no resto do país?

. Nem me venham falar da publicidade. Em grande número de rubricas, por exemplo, são mencionadas os casas fornecedoras dos adereços ou dos materiais. *France Decorações,* por exemplo (passe igualmente aqui a publicidade). Que essas casas sejam editoras ou livrarias não modifica a questão ou, se a modifica, é para maior justificação, como defesa cultural que é do telespectador.

Ontem o tema único foi *Vasarely,* o grande pintor ou (como ele gosta de se chamar a si próprio) um *plástico.* Para chegar até às construções de Vasarely, Rocha de Sousa partiu de elementos verdadeiramente... elementares. Fez bem. A todos os títulos.

Não apenas porque tinham a ver com o trabalho de Vasarely mas porque se relacionavam com uma posição consciente, crítica de ver pintura. Foi uma emissão capaz de despertar o gosto pela obra do artista em questão; logo, missão cumprida.

Claro que não podia ser uma emissão de informação exaustiva. Vimos alguma da pintura de Vasarely, mas faltou-nos conhecer a importância que ela assume (ou poderá vir a assumir) na construção da cidade futura. Da sociedade futura, se quiserem, em luta contra a desumanização, a degradação dos grandes aglomerados humanos. Quer dizer: insistiu-se na visão do quadro; falta agora alargar o campo de visão para o espaço em que esse quadro se inclui.

Será matéria para outra *perspectiva*, uma rubrica a assentar arraiais, com firmeza, no terreno da televisão, mercê do excelente entendimento entre Rocha de Sousa e o realizador José Elyseu.

DR. GIOVANNI CANDELO

A Direcção da FIAT PORTUGUESA recordando a passagem do 1.º aniversário do falecimento do seu antigo Director, manda celebrar missa por sua alma, no próximo dia 26, pelas 19.30, na Igreja do Loreto em Lisboa.

DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA — LAURO ANTÓNIO

... ÀS VEZES

Título: MALTESES; BURGUESES E ÀS VEZES
Realização: Artur Semedo, 1974 (Portugal)
Argumento: Artur Semedo e Bobela da Mota
Fotografia: João Silva e João Moreira
Música: Pedro Osório
Intérpretes: Artur Semedo, Yola, Pedro Pinheiro, Jaime Valverde, Henrique Viana, Alda Rodrigues, Nicolau Breyner, etc.
Distribuição: Doperfilme
Estreia: Cinema Avis (11.4.1974)

. Rodado em Angola (Luanda e mais dois ou três locais), **Malteses, Burgueses e às Vezes** é o segundo filme de Artur Semedo, actor que, já em 1956, dirigira **O Dinheiro dos Pobres**.

Filmado em condições que o próprio realizador considera insuficientes (a que se deverão ainda acrescentar a pouca prática do director), não será de estranhar que o filme se apresente, de um ponto de vista cinematográfico, extremamente frágil e mal acabado, com deficiências de vária ordem e uma total ausência de ritmo e de quaisquer preocupações plásticas.

Com base num argumento «um pouco louco», por vezes desconcertante, quase sempre incoerente e inconsistente, Semedo pretende, nesta sua comédia, atirar algumas flechas críticas a meia dúzia de figuras típicas e algumas situações-limite. Assim, o filme começa por definir o quadro da emigração clandestina de portugueses para o estrangeiro, apresentando-nos depois o retrato de um engajador «desempregado» que resolve mudar de ares e partir para Luanda, onde o esperam novas aventuras, todas elas ilícitas, para o que se cruza com administradores corruptos e pios; homens de monóculos negros e óbvias intenções sinistras; árabes que parodiam Nicha Cabral, Lawrence da Arábia, o Tavares e os crédulos homens da Informação; mercenário; padres; senhoras da alta-roda que se entretêm a preencher boletins do Totobola; um orfão, a quem o administrador pio põe a estudar trombone; a banda; os «amaneirados»; a secretária «para todo o serviço»; os agentes; dois nativos deslocados; etc. A visita do «administrador» a Lisboa ainda permite um Congresso do Lixo, com parlamentares que introduzem «àpartes» e morreram de aplexias, enquanto no palco se assiste ao malhão, malhão...

As aventuras mirabolantes de um vigarista em terra de aldrabões(«exportações,importações»...) poderia assim resumir-se a sátira que não esquece as raízes da comédia popular portuguesa (sem actores à altura de um Vasco Santana, de um António Silva ou de uma Beatriz Costa... o que aniquila grande parte das probabilidades de uma reedição com sucesso), nem a formação de revista de Artur Semedo. Acontece que **Malteses, Burgueses e às Vezes** acaba por sucumbir ao peso da vulgaridade, do mau gosto, da facilidade. Por vezes (tal é o cariz do empreendimento) ainda se pode pensar num humor estilo **bête et méchant** de um **haraquiri,** Mas, para que o paralelismo possa prosseguir, falta a Semedo a coerência crítica e o tom provocatoriamente insultuoso e blasfemo.

O que fica, portanto, é uma comédia medíocre, por vezes revoltante no aproveitamento impudico do riso alvar (a mulher gorda, as piadas obscenas, os amaricados, etc.), outras vezes inesperada (sobretudo nalguns excelentes nacos de diálogos absurdos e irreverentes).

Mas o resultado é francamente negativo, ainda que permita esperar de Semedo trabalhos futuros de um outro fôlego.

Humphrey Bogart em Londres

Este senhor a quem compõem o laço é, nada mais nada menos, que o famoso Humphrey Bogart. A fotografia é recente e ainda que o actor esteja vestido da mesma forma em que apareceu em «Casablanca», nem por isso as mãos visíveis na imagem são as de Ingrid Bergman. Como é possível, então, o «milagre»? Bogart está à disposição dos visitantes do museu londrino de figuras de cera: «Madame Tussaud», ali junto ao «metro» de Baker Street. Custo da entrada: 45 escudos.

Egídio Álvaro no I.A.D.E.

O critico Egídio Álvaro profere, hoje pelas 21 e 45, no Palácio Quintela, Rua do Alecrim, 70, uma palestra subordinada ao tema «Cubismo, Futurismo e Modernismo» e integrada nas actividades do Centro de Estudos Estéticos do I.A.D.E. (Instituto de Arte, Decoração e Design).

Aperfeiçoamento de artistas líricos

. O Teatro Scala de Milão aceita inscrições para o XXIX concurso de admissão de jovens cantores de todas as nacionalidades no Centro de Aperfeiçoamento para artistas líricos, para o ano académico de 1974/75.

As inscrições podem ser enviadas até 15 de Maio de 1974. O programa pode ser consultado no Instituto Italiano de Cultura.

ARY ESCREVE REVISTA

. O empresário Vasco Morgado tenciona apresentar uma nova revista, no Teatro Monumental, durante o próximo Verão. O texto será de José Carlos Ary dos Santos, César de Oliveira e Rogério Bracinha e a música de Fernando Tordo. E para que as perspectivas continuem a ser excelentes os principais papéis serão entregues a Nicolau Breyner, Ivone Silva, Helena Isabel e a um dos melhores actores portugueses, presentemente a actuar numa revista em cena num teatro da capital.

NOVOS DISCOS

Mouth & Mc Neal

À primeira vista, Willem Duyn «Mouth» e Maggie «Mc Neal» parecem ser pessoas demasiadamente diferentes para formarem um duo vocal. Duyn dedica-se à música «pop» já há muito tempo, enquanto que Maggie é uma cantora de formação clássica.

Mas Junho de 1971 viu o início da sua reunião e desde então têm vindo a provar que as aparências enganam mesmo. O seu primeiro disco, «Hey You Love» foi «número um» na Holanda, enquanto que o seguinte, «How Do You Do?» vendeu perto de quatro milhões de cópias e atingiu o oitavo lugar nos Estados Unidos. Mouth and McNeal tornaram-se então «celebridades» internacionais.

Naturalmente o sucesso de vendas dos discos de Mouth and McNeal levou-os a dar espectáculos em várias partes do globo, sendo o duo, actualmente, uma das atracções mais procuradas do «show business».

Entre os muitos prémios que o grupo já obteve, figuram um disco de ouro por «Hello-A», um de platina por «How do you do?» e o cobiçado «Silver Lion» do Rádio Luxemburgo que lhes foi atribuído em Outubro de 1972.

Embora o seu jogo cénico sugira que há conflitos entre ambos, Willem e Maggie são bons amigos.

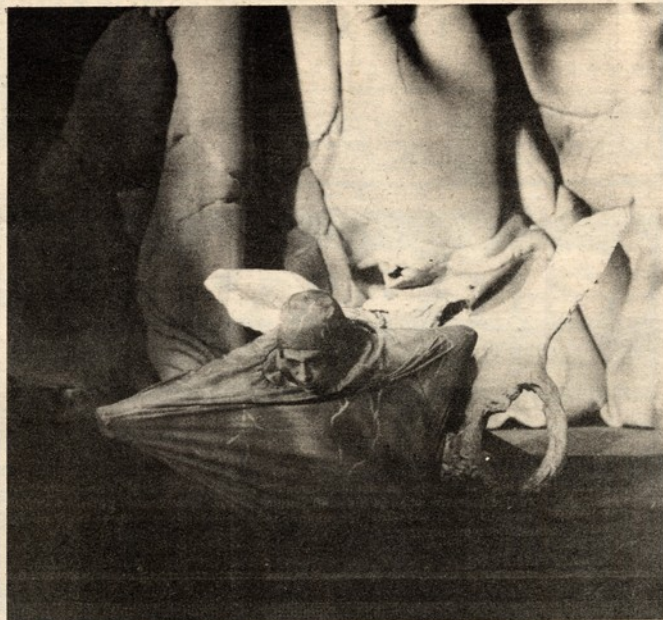
Agora a Holanda escolheu-os para a representar no Eurofestival 74 onde interpretaram «I SEE A STAR», canção classificada na terceira posição.

Bach e Vivaldi no mosteiro

A Orquestra Gulbenkian vai efectuar concertos na Batalha e em Santarém. Assim, amanhã apresentar-se-á no Mosteiro da Batalha, e depois na Igreja da Graça em Santarém.

Ambos os concertos serão dirigidos pelo maestro belga Edgar Domeux, e terão o particular interesse de contar com a colaboração solística de quatro violinistas da mesma nacionalidade, representantes da escola belga de violino: Maurice Raskin, Georges Octors, Clemns-René Quatacker e Marcel Debot.

No programa incluem-se o **Concerto em ré menor para dois violinos e orquestra** de J.S. Bach, o **Concerto para quatro violinos e orquestra** de Vivaldi, e ainda obras dos compositores belgas Gretry, Vieuxtemps, Joseph Jongen e Marcel Poot.

O maestro Edgar Domeux, que agora se apresenta pela primeira vez no nosso país, é o fundador e director-titular da Orquestra de Câmara da Radiotelevisão Belga. E regularmente convidado para actuar no estrangeiro, à frente do seu conjunto. Nos últimos anos, efectuou grande número de «tournées» na França, Itália, Hungria, Checoslováquia e Espanha.

"DOROTEIA" ATÉ FIM DE ABRIL

Autor discutidíssimo no Brasil, neste momento com duas peças em cena no Rio de Janeiro e S. Paulo, Nelson Rodrigues é um verdadeiro homem de teatro, irritante por vezes, sempre insólito no arrojo das imagens sugeridas e no clima de desespero criado. A peça em cena na Casa da Comédia, «Doroteia», uma obra libertadora do convencionalismo da dramaturgia brasileira mereceu de Morais e Castro e de uma equipa de artistas plásticos (Mário Alberto e Eduardo Cruzeiro) uma montagem a dar ao clima estranho e «impossível» da peça, o clima sugerido pelo autor.

Por razões de leneco, a peça estará em cena só até ao final do corrente mês.

São intérpretes: Maria do Céu Guerra, Lia Gama, Inês Palma, Marília Gama, Ângela Ribeiro e Eduarda Pimenta.

DL/GERAL

MILITARES MORTOS NO ULTRAMAR

..O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate os seguintes militares: na Província da Guiné o 1.º cabo — pára-quedista n.º 1178-71, João Manuel Aleixo Pinto, natural de Mora, concelho de Évora, filho de João Pinto e de Rosa Aleixo, e no Estado de Angola o soldado R. E. n.º 616580-69, Lourenço António, natural de Mussende, filho de António e de Angelina, casado com Esperança Rafael; e por acidente com arma de fogo o soldado R. P. n.º 822827/73. Bacar bala, natural de Nossa Senhora da Candelária, Bissau, filho de Fam Bala e de Chola Indin.

Em Angola, faleceram por acidente de viação os soldados R. E. n.º 611028/74, Júlio Quissongo, natural do Cuanza Sul, filho de Faz Tudo Jamba e de Evalina Chilongo; e n.º 624674/72, Adérito Rafael Gralho, natural de Mirandela, filho de Daniel Augusto Gralho e de Mani Lurdes.

Faleceu em Moçambique, por acidente com arma de fogo, o soldado G. E. n.º 1157/73, Henrique Iassine, natural de Quissanga, filho de Iassine Mahulussa e de Jaína Amade, e por doença os soldados recrutas R. E. n.º 748561/74, Trongonanz Ibraímo Samajo, natural de Chinde, filho de Ibraímo Samago e de Agima Marove; e n.º 780652/74, António Devis, natural de Lourenço Marques, filho de Devis e de Alcinda Maria Mucavele Vilânculos.

A GUINÉ AUSENTE NO CONCURSO DAS "MISSES"

BISSAU, 25 — (ANI) — Por falta de concorrentes, a organização do concurso de «Miss Guiné», foi obrigada a desistir à última hora da participação da província no concurso de «Miss Portugal».

Contava este ano a organização com o patrocínio do Centro de Informação e Turismo, de colaboração com o jornal «Voz da Guiné» e o emissor da EN.

Com efeito, apenas uma candidata estaria presente hoje no concurso para a eleição de «Miss Guiné». Tratava-se de Maria Filomena dos Santos Brito.

Entretanto, no concurso para «Miss Jovem» estão inscritas Maria Manuela Oliveira, de 17 anos, Maria Carolina Almeida, de 16, Maria Helena Valente e Olga Nazareth Barbosa, de 17, todas de Bissau.

Livros de arqueologia em exposição no Instituto Britânico

No Instituto Britânico inaugurou-se ontem, pelas 18 horas, a exposição de livros recentes ingleses sobre arqueologia que, no género, é talvez a mais importante realizada no nosso país.

A exposição, que é organizada pelo British Council de Londres a fim de ser apresentada nos principais centros culturais da Europa, é constituída por uma selecção de cerca de três centenas de obras recentes, dentro das mais representativas do ramo e destina-se especialmente a mostrar os trabalhos realizados pelos arqueólogos britânicos, quer no próprio Reino Unido, quer nas diversas regiões do continente europeu do Próximo e Médio Oriente, bem como os métodos, técnicas e ferramentas utilizadas em escavações arqueológicas.

Os que constituem a exposição acham-se agrupados nas seguintes secções: textos introdutórios e guias arqueológicos (incluindo os destinados à juventude); aspectos gerais; ilhas britânicas (geral, pré-história, e épocas romana medieval e industrial); Itália e Mediterrâneo Central (incluindo o Norte de África); Grécia e a região do Egeu; Próximo e Médio Oriente; Egipto arqueologia marítima; técnicas e tecnologia da arquitectura.

A exposição manter-se-á aberta até 7 de Maio, todos os dias úteis das 10 e 30 às 13 e das 15 às 19 horas, seguindo depois para o Porto e Coimbra.

FÁBRICAS MENDES GODINHO S.A.R.L.

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

BALANÇO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

EXERCÍCIO DE 1973

Exmos. Senhores Accionistas,

O ano de 1973 caracterizou-se por uma grande actividade económica, tanto em Portugal como na maioria dos Países do Ocidente.

Esta situação derivou das políticas de crescimento prosseguidas pelos respectivos Governos e traduziu-se naturalmente numa procura muito firme tanto de bens de consumo como de bens de equipamento, da qual vieram a beneficiar as Empresas de quase todos os sectores.

Infelizmente, também os efeitos adversos duma conjuntura deste tipo se vieram a verificar numa escala sem precedentes nos últimos anos e assistiu-se assim a uma dilatação progressiva de prazos de entrega de vários produtos, à carência de muitos deles, a dificuldades no recrutamento de mão-de-obra, sobretudo a especializada e a uma subida muito acentuada de preços de matérias-primas, materiais e bens de equipamento.

Mais recentemente a eclosão da crise no Médio Oriente e a explosão de preços de uma grande gama de produtos derivados das ramas do petróleo, veio dar novo incremento às pressões inflacionistas existentes.

A recessão, que já antes da crise do petróleo se dava como provável, passou a definir-se como inevitável e o espectro da estagnação inflacionista paira sobre o mundo. Que se venha ela a verificar, ou que tenhamos apenas uma desaceleração das taxas de crescimento anteriores, o certo é que devemos enfrentar uma situação em que os custos não deixarão de subir pelo facto de o crescimento parar.

Este exórdio que exprime reserva quanto ao futuro, precede uma apreciação da actividade da nossa Empresa em 1973, que embora com fortunas variáveis das suas diferentes explorações, foi no seu conjunto amplamente positiva.

As vendas totais do período foram de 320 543 c. ou 19 por cento acima do ano anterior, sem que tenha havido apreciável variação entre «stocks» iniciais e finais de produtos fabricados.

O lucro líquido foi de 12 511 contos contra 6 157 contos em 1972. Os «Cash-Flows» em 1972 e 1973 foram respectivamente de 26 718 e 39 469 contos.

Salientamos ainda que foi em 1973 atribuída à nossa Empresa a distinção de ser incluida entre os Cem Maiores Exportadores Portugueses. Os resultados já conseguidos e aqueles que estamos em via de obter, levar-nos-ão a fazer ainda mais e melhor.

As Vendas da Divisão Platex foram de 208 845 contos. Em 1972 tinham sido de 179 413 contos.

Tal como anunciámos no relatório anterior, a evolução que definimos para esta indústria foi a de uma valorização e diversificação de produtos, como condição prévia à instalação de novas linhas de fabrico.

Concluiram-se durante 1973, a montagem da linha de pintura e está em fase de arranque a produção de acabamentos.

Realizaram-se contratos para a produção de novos produtos, entre eles placas moldadas de especial interesse na indústria de mobiliário, e para a duplicação de capacidade da linha de acabamentos.

Confirmou-se em 1973 e serão entregues durante o corrente ano, as máquinas relativas ao aproveitamento total da capacidade da Fábrica da Nazaré, de que resultará um acréscimo de cerca de 30 por cento da sua produção.

Por fim, em concretização do programa a longo prazo que temos definido, foi solicitada a instalação duma terceira linha de produção na fábrica de Tomar.

Em condições normais e em resultado de todas estas acções, deveriamos esperar um substancial aumento de volume de negócios e de resultados, mas no momento em que escrevemos, a situação internacional torna difícil fazer previsões.

No entanto, o ano abriu com um marcado interesse do mercado interno e externo pelos nossos novos produtos e um nível de encomendas superior ao que poderiamos imaginar e que deverá compensar qualquer evolução desfavorável que venha a efectar os produtos standard.

Na Divisão Alimentar a fábrica de Alimentos Compostos para Animais viu a sua rendabilidade seriamente comprometida pela subida de preços das matérias-primas, nomeadamente proteínas, cujo aumento foi em certos momentos do mercado de mais de 300 por cento.

Apesar de em meados do ano ter sido homologado superiormente uma nova tabela de preços para rações esta não teve em devida conta a subida de custos de fabricação.

A opção para a Empresa foi então clara: ou suportar os prejuízos decorrentes desta situação ou reformular as rações com sacrifício da qualidade por forma a manter as estreitas margens com que vinha trabalhando.

As responsabilidades que nos cabem neste sector, no qual nos encontramos desde há 13 anos com produtos de alta qualidade, impeliram-nos a escolher a primeira alternativa. Atravessamos assim este difícil período com uma consolidação de prestígio e um resultado inferior ao previsto para o exercício.

O quadro abaixo ilustra a evolução de produção e vendas em 1972 e 1973.

	1972	1973
Produção (Tons)	13 767	18 593
Vendas (Contos)	43 826	64 741

Ser-nos-ia, como é óbvio, impossível manter indefinidamente esta situação. Confiamos no entanto, que estará próxima a necessária intervenção governamental no sentido da estabilização dos preços das matérias-primas ou ajustamento dos preços das rações.

A nossa moagem e fábrica de extracção de óleos tiveram produções normais, tendo sido as vendas de 20 383 c. e 5 081 c. respectivamente contra 19 747 c. e 3 964 c. no ano anterior.

A Divisão Cerâmica — conjunto das unidades de Tomar, Portela e Palença — teve em 1973 um volume de vendas de 21 532 contos, mais 10 por cento que em 1972.

A produção manteve-se mais ou menos constante porque uma quebra de ritmo na Fábrica da Palença veio a ser compensada por um aumento das restantes unidades.

Os estudos relativos à construção de uma nova fábrica de cerâmica, estão praticamente concluídos e orientam-se para a instalação de uma grande unidade na qual será contemplada tanto um aumento de produção como a necessidade de manter a nossa larga gama de produtos.

Constitui-se durante o ano de 1973 a nova Empresa do grupo, TAGOL — Companhia de Oleoginosas do Tejo, S.A.R.L.. Esta Empresa que tem um capital de 40 000 contos está concluindo a montagem do seu equipamento fabril em ordem a começar a sua laboração em meados do corrente ano.

Melhoraram ainda este ano os coeficientes de cobertura de capitais próprios, de solvabilidade total e imediata e os ratios de rotação do activo total e dos capitais próprios e os de rendabilidade pelo que a situação económica e financeira da Empresa resultou amplamente robustecida.

A Empresa continua a utilizar largamente o autofinanciamento na realização de um pesado programa de investimentos que deverá continuar a executar durante os próximos anos.

Os nossos investimentos em capital fixo somaram durante o ano de 1973, 25 606 contos.

A n/ Assembleia Geral reconheceu no entanto, a necessidade e a oportunidade de aumentar os capitais próprios da Empresa e aprovou deste modo uma elevação de capital de 10 000 para 120 000 contos por incorporação de reservas e subscrição por accionistas, empregados e público em geral.

Nos termos do artigo XXIII dos nossos Estatutos, propomos a seguinte aplicação para o saldo da conta de Ganhos e Perdas:

Reserva Legal, 625 534$20; Reserva Especial, 7 885 149$50; Dividendo aos Accionistas, 4 000 000$00. Total, 12 510 683$70.

O Conselho Geral da nossa Empresa, constituído em 12 de Setembro de 1973 ao abrigo do artigo 18 dos Estatutos, reuniu regularmente ao longo do ano e prestou inestimável auxílio ao Conselho de Administração na definição das grandes linhas da política da Empresa bem assim como em todos os pareceres que emitiu sobre assuntos da sua competência.

Ao nosso Conselho Fiscal queremos agradecer todo o valioso contributo que, quer por iniciativa própria, quer por nossa solicitação, nos prestou durante o exercício.

Cabe-nos também agradecer o esforço e dedicação demonstrados por todos os nossos operários, empregados e colaboradores.

Concluindo este relatório, resta-nos apresentar a V. Exª.s Senhores Accionistas, os nossos agradecimentos pela confiança com que nos distinguiram e fazer votos pela continuação da prosperidade desta Empresa.

Tomar, 28 de Fevereiro de 1974

O Conselho de Administração

Manuel Filipe Almeida Lemos Macedo — Presidente

Luís Maria Godinho Gonçalves — Vice-Presidente

José Augusto Almeida Oliveira Baptista

João José Godinho Leite Novais

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

O Conselho Fiscal reuniu-se periodicamente para examinar as contas da sociedade tendo sempre encontrado a escrituração dos livros selados em dia e tendo procedido à verificação dos saldos de Caixa e Bancos.

Teve ainda o Conselho Fiscal a possibilidade de ir acompanhando a evolução da conta de resultados através de mapas mensais elaborados pela Direcção Financeira da Sociedade.

O Conselho de Administração prestou todos os esclarecimentos pedidos no decorrer da nossa actividade fiscalizadora e sempre pudemos encontrar a contabilidade em boa ordem.

O relatório do Conselho de Administração dá esclarecedora notícia da evolução dos negócios da sociedade e os resultados apresentados demonstram uma bem conduzida gestão.

Louvamos a introdução de uma orçamentação programada, iniciativa que favorece a análise da exploração.

Os critérios adoptados na contabilização das existências estão em conformidade com as disposições legais e autorizadas pela Administração Fiscal.

As matérias-primas que passam em inventário estão registadas a custos padrão de aquisição e os produtos fabricados a custos padrão de produção.

Quanto ao Imobilizado efectuaram-se as amortizações às taxas máximas permitidas incluindo as acelerações legalmente aceites.

Neste termos e de acordo com as verificações a que se procedeu, este Conselho é do seguinte parecer:

1.º) Que sejam aprovados o Relatório da Administração e contas relativas ao ano de 1973 e bem assim, a proposta de aplicação de resultados.

2.º) Que se revela favorável o aumento de capital social da empresa, tendo em consideração a expansão verificada no património e nos negócios da sociedade e ainda os programas de desenvolvimento em curso.

3.º) Que aproveis um voto de louvor ao Conselho de Administração pela forma como tem gerido a Empresa.

4.º) Que seja aprovado um voto de louvor a todo o pessoal dos sectores fabris, comerciais e administrativos, pelo esforço e dedicação demonstrados no exercício das suas funções.

Tomar, 11 de Março de 1974

O Conselho Fiscal

Rogério Fernandes Ferreira — Presidente

Victor Manuel Mendes Godinho

Manuel Maria Azevedo Mendes Mourão

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

—ACTIVO—

Disponível			
Caixa	605 686$27		
Depósitos à Ordem	1 687 278$36		2 292 964$63
Realizável			
Títulos de Negociação	455 000$00		
Letras a Receber	10 160 581$20		
Clientes	38 959 833$23		
Devedores e Credores	15 077 100$58		
Caução de Taras	150 868$50		
Obras em Curso	1 783 605$60		
Fabricação	2 296 915$50		
Encomendas Ultimadas	1 704 474$40		
Produtos Fabricados	8 217 289$40		
Materiais Diversos	14 600 206$46		
Matérias-Primas	11 614 906$77		
	105 020 781$64		
Provisões	4 746 045$40		100 274 736$24
Imobilizado			
Participações Financ.			
— Subscrito	40 543 665$20		
— A realizar	35 991 900$00	4 551 765$20	
Gastos Plurienais	19 222 043$08		
— Amortizações	7 832 781$47	11 389 261$61	
Obras em Curso		8 767 798$10	
Imóveis: Terrenos		5 011 713$00	
Outros	63 073 497$63		
— Reintegrações	16 005 945$43	47 067 552$20	
Instalações	40 995 048$08		
— Reintegrações	20 318 074$98	20 676 973$10	
Máq., aparelhos e fer.	147 851 649$14		
— Reintegrações	95 325 198$74	52 526 450$40	
Mat. rolante e transp.	10 355 088$00		
— Reintegrações	6 937 801$30	3 417 286$70	
Elementos Diversos	7 892 977$15		
— Reintegrações	5 850 530$30	2 042 446$85	155 451 247$16
			258 018 948$03
Contas de Ordem			
Letras Descontadas		16 137 656$80	
Fundo Corp. Ind. Moag.		165 927$70	16 303 584$50
			274 322 532$53

—PASSIVO—

Exigível			
— A Curto Prazo			
— Letras a Pagar	11 887 895$60		
— Fornecedores	19 196 471$31		
— Devedores Cred.	50 098 659$31		
— Imposto Trans.	293 173$70	81 476 199$92	
— A Médio e Longo Prazo			
— Devedores Cred.		81 707 544$50	163 183 744$42
Situação Líquida			
Capital	10 000 000$00		
Reserva Legal	4 423 727$60		
Reserva Especial	67 900 792$31		
Ganhos e Perdas	12 510 683$70		94 835 203$61
			258 018 948$03
Contas de Ordem			
Responsabilidade L. D.		16 137 656$80	
Reserva Fundo Corp. M.		165 927$70	16 303 584$50
			274 322 532$53

CONTA «GANHOS E PERDAS» DO EXERCÍCIO DE 1973

DÉBITO

Existência inicial		39 404 493$50
Compras de matérias-primas e subsidiárias	138 542 739$70	
Compras de mercadorias	1 222 556$40	
Encargos com Órgãos Sociais	2 484 156$40	
Remunerações e outros encargos com o Pessoal	66 936 844$10	
Encargos com publicidade e propaganda	1 565 818$80	
Encargos fiscais e parafiscais	3 241 194$00	
Encargos financeiros e bancários	9 570 086$20	
Energia Eléctrica	14 408 839$20	
Encargos diversos	39 835 510$30	277 807 745$10
Reintegrações	24 999 813$33	
Provisões	1 957 742$00	26 957 555$33
Resultado do exercício		12 510 683$70
		356 680 477$63

CRÉDITO

Existência final		36 136 877$03
Vendas		320 543 600$60
		356 680 477$53

O Técnico de Contas
Armando Jorge Gonçalves Tomaz

O Presidente do Conselho de Administração
Manuel Filipe Almeida Lemos de Macedo

DL/GERAL

Mais táxis no concelho de Cascais

. O público do concelho de Cascais, disperso por vários e distantes núcleos urbanos, do Guincho a Carcavelos, vai passar a poder chamar um táxi pelo telefone e tê-lo à porta de casa minutos depois. A maioria dos táxis do concelho coligou-se numa cooperativa que instalou e vai pôr a funcionar uma central fixa e emissores-receptores radio-telefónicos nos automóveis.

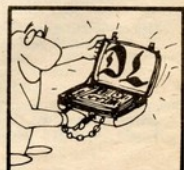
Até agora, os utentes das duas centenas de táxis que operam no extenso concelho telefonavam para os postos dos proprietários, na via pública, tentanto inúmeras vezes e para várias «praças» até obterem um serviço. Entre a chamada e a vinda do automóvel, que poderia entretanto ter ido ao outro extremo do concelho podia passar mais de meia-hora.

A solução do rádio-telefone centralizado permite que atenda a chamada para a central o táxi que se encontre mais perto do cliente. Para este, há uma apreciável melhoria em tempo e comodidade (não terá de fazer tentativas inúteis). Para os proprietários dos automóveis, membros da nova cooperativa, diminui o tempo de circulação não-paga dos veículos e aumenta o número de serviços realizados.

Cerca de vinte proprietários e quarenta automóveis estão actualmente inscritos na cooperativa, que não tem em si mesmo propósitos lucrativos e que abrange exclusivamente a instalação radio-telefónica, não a propriedade dos carros.

Os responsáveis da organização esperam que dentro de dois meses as inscrições subam para oitenta táxis e, dentro de um ano, para as duas centenas que constituem a totalidade da frota que opera no concelho.

Na central radiotelefónica ficarão turnos de pessoal remunerado para serviço permanente. Ascende a vinte contos o preço de cada emissor-receptor (a que se soma uma quota parte da aparelhagem central). E de 100 km o raio de acção da aparelhagem.

Tanto quanto se sabe, só outras duas frotas de táxis estão munidas de rádiotelefone; uma pequena firma de Lisboa, exclusivamente para os seus carros, e uma sociedade familiar de S. João do Estoril, com dois sócios.

Condutores de transportes públicos pretendem candidatar-se a 300 licenças de táxis

Mais trezentas licenças de táxi vão ser oportunamente distribuídas na praça de Lisboa. Duzentas e oitenta, nos meses passados, foram unicamente atribuídas a motoristas de táxi, ficando excluídos da oportunidade «todos os outros motoristas de serviços públicos e de pesados com largos anos de profissão».

Esses motoristas excluídos dos 280 veículos alimentavam esperanças quanto aos 300 que ainda não circulam pelo asfalto da cidade. Mas...

Mas uma portaria inserta no «Diário do Governo», datada de 21 de Março, foi um autêntico balde de água fria. Segundo essa portaria, mais uma vez as licenças vão ser concedidas a motoristas de praça, bastando para isso que tenham dez anos e um dia de condução de táxi. Os motoristas dos mais diversos serviços públicos (autocarros, camionagem, carga, etc.) continuam de fora, isto é, sem «bandeirada»...

Um grupo desses homens (alguns com 15, 20, 25 e 30 anos de condução) veio ao «Diário de Lisboa» com muitas e sentidas queixas: o Sindicato tinha garantido que os táxis seriam para todos os sócios nomeadamente para os mais antigos, etc., etc. e tal...

As coisas, pelo que acima fica exposto, são outras. E os homens, condutores de há muitos anos, estão à espera de uma solução que seja uma medida justa.

"Habitus" uma "boutique" diferente

Lisboa valoriza-se e, embora sem pretender rivalizar com os grandes meios é já, de certo modo, em termos de qualidade e bom gosto, um verdadeiro centro internacional da moda. E é geralmente através de pequenos estabelecimentos que essa valorização se vem processando. «Habitus» é uma nova «boutique» na Rua do Patrocínio (a Campo de Ourique) que se distingue pelo seu ambiente discretamente requintado em amplas e modernas instalações. Colecções de vestuário feminino cuidadosamente escolhidas, fugindo à vulgaridade do pronto-a-vestir, são atractivo constante para uma clientela orientada para o bom gosto. Entre as peças de maior aceitação predominam os fatos de crepe, saias, camisas, etc, numa enorme variedade de padrões e modelos.

Beatriz Costa Lobo e Ana Maria Vieira são as proprietárias desta nova «boutique» que se propõe oferecer elegância mas a preços acessíveis a uma vasta faixa de clientes.

Copiar fatos antigos, de 1900, e ter uma secção só para isso, é um dos projectos mais imediatos das proprietárias da «Boutique Habitus», pois este tipo de vestuário tem cada vez mais apreciadoras e é difícil de encontrar. Mas para já oferecem um bom atractivo: uma «boutique» requintada, onde jovens e não só podem encontrar coisas diferentes em matéria de vestuário. E podemos afirmar que, mesmo só para ver, vale a pena uma visita.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

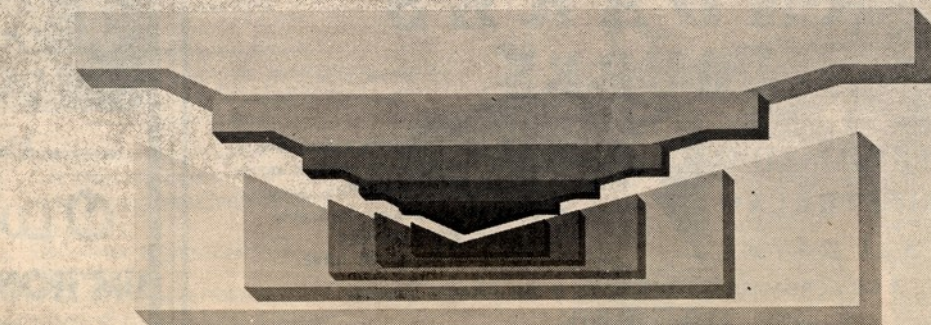
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado, pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/51226, arquivo 5460 para o estabelecimento, freguesia de S. Salvador, concelho de Odemira, de uma linha aérea a 30 kV Bugalheira - Almograve (2.º troco) com 7122 m, do poste n.º 47 da linha Bugalheira-Almograve (antiga linha para a fábrica de concentrados de tomate da Cooperativa Agrícola de Mira) ao posto de transformação n.º 30-04-06 em Almograve.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Abril de 1974.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

DL/NACIONAL

O MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS PROSEGUIRÁ NA SUA ACÇÃO LIBERTADORA

Continuação da pág. 1

Pouco antes das 5 horas, a reacção oficial (segundo noticiava «O Século» em edição especial divulgada às 5 e 30) «estava já em curso, não se conhecendo, no entanto, pormenores quanto ao seu desenvolvimento». Todavia, começava a gerar-se certa expectativa, não só na capital como nas diversas regiões onde estava a ser escutada a emissão do R.C.P.

TIROS NO MINISTÉRIO DA MARINHA

As dificuldades de trânsito avolumavam-se na cidade, quando, às primeiras horas da manhã, inúmeras pessoas, desconhecedoras dos apelos lançados via rádio, tentavam dirigir-se aos seus locais de trabalho. Não havia notícias de qualquer derramamento de sangue e a impressão geral era a de que, efectivamente, as forças revolucionárias dominavam a situação.

Entretanto, uma catadupa de informações caía na nossa redacção, a despeito de a luz eléctrica se encontrar cortada em largas áreas da cidade, assim como as comunicações telefónicas.

Às 9 e 10, ouviram-se cinco tiros no edifício do Ministério da Marinha, no Terreiro do Paço. Os tanques e soldados que cercavam a zona dirigiram-se imediatamente para o local. Grande pânico entre a multidão — que tentava passar do Cais do Sodré para a Praça do Comércio.

r O Rádio Clube Português continuava a transmitir marchas militares, canções folclóricas e de texto, nomeadamente interpretadas por José Afonso e Manuel Freire.

À mesma hora, barcos da Marinha de Guerra movimentavam-se no Tejo. Junto ao Cais do Sodré, mais propriamente na Avenida Ribeira das Naus, forças do Regimento de Cavalaria 7, aderentes à revolução, e do Regimento de Lanceiros 2 (Polícia Militar), igualmente identificadas com o Movimento, tomavam posições de combate. Aí registou-se tiroteio cerca das 9 horas, não havendo, no entanto, conhecimento de quaisquer mortes.

Por outro lado, no Ministério do Ultramar, em Belém, tudo parecia decorrer normalmente, entrando os seus funcionários à hora do costume.

O restaurante do Monsanto e a antena emissora da R. T. P. encontram-se ocupados por forças da G. N. R. e Polícia Aérea da base de Monsanto.

A residência do almirante Américo Thomaz, assim como os acessos à mesma, estavam cercados esta manhã por elementos da Polícia e da G. N. R.

MINISTROS PRESOS

Estariam presos vários membros do Governo de Marcello Caetano nomeadamente os ministros do Interior, da Defesa e do Exército.

Os edifícios da Câmara Municipal de Lisboa e dos vários ministérios do Terreiro do Paço estavam guardados por tropas da revolução. Às 9 e 55, inúmeros carros tomavam posição de fogo no local.

Entretanto, soube-se que o director da Penitenciária de Lisboa, dr. Roberto Pinto, fora **preso pelas forças revoltosas.**

TROPAS DO PORTO SOBRE LISBOA

Às dez horas, soube-se em Lisboa que forças militares da cidade do Porto avançavam sobre Lisboa.

Um destacamento da Escola **Prática de Cavalaria, de** Santarém, com 15 autometralhadoras, chegou à Praça do Comércio pouco antes das oito horas da manhã e tomou completamente conta da área, de acordo com um alferes desse destacamento que chegou pouco depois ao Rádio Clube Português.

Na Praça do Comércio encontrava-se uma força blindada do Regimento de Cavalaria n.º 7, comandada pelo major Ferrand de Almeida que passou a ser chefiada por um oficial do destacamento de Santarém, informou ainda o mesmo alferes, o qual explicou também que o facto de se verem alguns polícias de choque junto dos elementos das Forças Armadas apenas significa que **as forças do movimento militar** não querem fazer sangue e que «enquanto eles não fizerem nada, nós deixamo-los estar».

FECHADO O AEROPORTO

Segundo tudo indica, o primeiro objectivo do Movimento das Forças Armadas foi encerrar o Aeroporto Internacional de Lisboa. Sabe-se que o director do aeroporto do Funchal, que tinha urgência em seguir para a Madeira, foi impedido de o fazer, tendo de voltar para casa.

DETENÇÕES

Ao entrar no Governo Militar de Lisboa, foi esta manhã preso pelas tropas revoltosas o brigadeiro Serrano, que comandara o cerco ao quartel das Caldas, na intentona de Março. Recolheu ao quartel de Caçadores 5. Confirma-se também a prisão do contra-almirante Henrique Tenreiro, constando na cidade, sem confirmação, a prisão de outras destacadas personalidades políticas do Regime. A meio da manhã, em novo comunicado radiodifundido, o comando do Movimento anunciava que o ministro do Exército abandonara o Ministério e entrou em contacto com aquele comando.

NA LEGIÃO

Cerca das 10 horas, contactámos telefonicamente o Comando Geral da Legião Portuguesa, na Penha de França. Foi-nos apenas informado que **a situação «evoluía» e que** nada mais nos podiam dizer.

O PÚBLICO PREVINE-SE

Às 10 horas, já não havia pão nas padarias, muitas das quais se encontravam fechadas. **Mercearias e talhos também** tiveram vendas excepcionais, parecendo assim que o **público procurava garantir se** contra todas as eventualidades. Também, embora em número diminuto, houve estabelecimentos que não abriram as portas.

ENCERRADO O AERÓDROMO DE TIRES

Embora não ocupado militarmente, o aeródromo de Tires encontrava-se esta manhã, **sem movimento, por ordens re**cebidas da torre de controlo do Aeroporto de Lisboa. Nenhum avião pode levantar voo. Mesmo um aparelho que, de madrugada, tomou o rumo da Alemanha, foi intimado a **regressar à Base.**

OS COMUNICADOS DO MOVIMENTO

Continuação da pág. 1

tenção da ordem pública, o que na presente situação só poderá ser alcançado se não for oposta qualquer reacção às Forças Armadas. Tal reacção nada teria de vantajoso pois apenas conduziria a um indesejável derramamento de sangue que em nada contribuiria para a união de todos os portugueses.

Embora estando crentes no civismo e bom senso de todos os portugueses no sentido de evitarem todo e qualquer recontro armado, apelamos para que os médicos e pessoal de enfermagem se apresente aos hospitais para uma colaboração que fazemos votos por que seja desnecessária.»

COMUNICADO N.º 4

«Atenção elementos das forças militarizadas e policiais. Uma vez que as Forças Armadas decidiram tomar a seu cargo a presente situação, será considerado delito grave qualquer oposição das forças militarizadas e policiais às unidades militares que cercam a cidade de Lisboa.

A não obediência a este aviso poderá provocar um inútil derramamento de sangue cuja responsabilidade lhes será inteiramente atribuída.

Deverá por conseguinte, conservar-se dentro dos seus quartéis até receberem ordens do Movimento das Forças Armadas.

Os comandos das forças militarizadas e policiais serão severamente responsabilizados caso incitem os seus subordinados à luta armada».

COMUNICADO N.º 5

«Aqui Posto de Comando das Forças Armadas.

Conforme tem sido transmitido, as Forças Armadas desencadearam na madrugada de hoje, uma série de acções com vista à libertação do país do regime que há tanto tempo o domina. Nos seus comunicados, as Forças Armadas têm apelado para a não intervenção das forças policiais, com o objectivo de se evitar derramamento de sangue. Embora este desejo se mantenha firme, não se hesitará em responder decidida e implacàvelmente a qualquer oposição que se venha a manifestar. Consciente que interpreta os verdadeiros sentimentos da Nação, o Movimento das Forças Armadas prosseguirá na sua acção libertadora e pede à população que se mantenha calma e que se recolha às suas residências. Viva Portugal!».

DL/GERAL

ENTREVISTA DE CHABAN-DELMAS

Continuação da pág. 3

A LUTA CONTRA A ALTA DE PREÇOS

É o problema número um. Deve ser empreendida uma acção enérgica; no ponto em que estão as coisas, perante o excesso de inflação, vai ser preciso quebrar com os métodos empregados até ao presente e comprometer-se numa acção mais global e mais voluntarista.

A CANDIDATURA DE ROYER:

Posso dizer-lhe, afirma ele ao seu interlocutor, que lhe pergunta se esta candidatura não é uma maquinação contra si, **que Royer é o último homem que se prestaria a uma maquinação, fosse ela qual fosse. Acrescento que a sua candidatura não me atinge a mim somente (...). Tenho a sensação de que ela não é mais incómoda para mim do que para outros.**

A AMNISTIA DAS CONTRAVENÇÕES

Creio recordar-me, com efeito, que, quando o presidente Pompidou se instalou no Eliseu, um dos meus primeiros cuidados na qualidade de primeiro-ministro foi justamente o de tomar medidas para a aplicação de uma tal decisão.

O ABORTO:

É um assunto extraordinàriamente difícil, porque é, antes do mais, um caso de consciência. É preciso, ao mesmo tempo, afirmar o respeito pela vida e proceder de maneira que nos casos em que, clinicamente, são casos-limites, em suma, casos insuportáveis, perigosos, ou em certos infortúnios, se encontre uma solução que tenha na devida conta a mulher e a família. No momento actual não parece ter-se chegado a uma solução inteiramente satisfatória, e não tenho ainda a certeza de que exista uma. Que é preciso fazer qualquer coisa, disso não resta dúvida, e tem de ser feito ràpidamente. Será certamente para o próximo chefe do Estado um assunto a tratar sem tratar.

A REDUÇÃO DO MANDATO PRESIDENCIAL

No que me diz respeito, penso que o inconveniente de um mandato de cinco anos é um certo risco de coincidência. E é também aumentar dentro de um dado período o número das eleições. Então, sete anos, dizse, é demasiado tempo. Sete anos é, com efeito, muito tempo (...) Mas como ninguém sonharia — eu, pelo menos, não — em reduzir o mandato para quatro anos (porque as experiências estrangeiras mostram que quatro anos, não são suficientes...), restam os seis anos. Penso que, por um ano, não é preciso pôr tudo em causa.

O EMBARGO DE FORNECIMENTO DE ARMAS A ISRAEL:

O embargo ao fornecimento de armas já não tem qualquer significado dado que se chegou a uma suspensão das hostilidades.

O SOCIALISMO:

Chaban-Delmas receia a palavra socialismo? A sua resposta é a seguinte: **Há muitas formas de socialismo, burocrático, centralizado, planificador e, finalmente, totalitário até ao socialismo humanista... (...) Tento dar uma resposta entre os projectos actuais de socialismo votados a tornar-se autoritários e os projectos de sociedade liberal nos quais a busca de justiça não está excluída, mas não passa completamente para o primeiro plano.**

A MAIORIA:

Finalmente, Chaban-Delmas, interrogado sobre a maneira como contava **reestruturar a maioria** depois da eleição, declarou: **A passagem de um septanato a qualquer outro período marca uma rotura tal que o problema não deve ser posto a partir das maiorias, por exemplo, de maioria actual ou de uma maioria futura, porque não é perscrutando o Parlamento, determinando nos grupos se é possível obter ou não uma maioria na Assembleia, não é desta maneira que é preciso agir. (...) É todo o povo que vai, ao levar um homem até ao Eliseu, decidir da orientação a dar à política francesa. Este homem, tornado chefe do Estado, eleito sobre as suas orientações, verá nesse momento quais são aqueles que vêm constituir uma maioria para aplicar aquilo que tiver anunciado. Como o veredicto popular terá sido muito poderoso, muito claro e será extraordinàriamente recente, então, nos grupos da Assembleia e do Senado, os homens políticos não deixarão de ter em conta a vontade do povo para se reunir, provavelmente inflectindo posições que pudessem ter tido até agora. Ver-se-á aparecer uma nova maioria presidencial e será bom que assim seja.**

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 72

Faz-se saber que durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», são aceites na 4.ª Repartição Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente à «EMPREITADA N.º 398/73/GTH CONSTRUÇÃO DE CASAS NA CHARNECA DO LUMIAR — LOTE 2 65 FOGOS DA CATEGORIA I PARA A CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA», com a base de licitação de 12 120 080$00. (Processo n.º 20/7/4/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 303 002$00 e o definitivo de 5 % da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea a) do artigo 6.º do programa do concurso acima referido.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida repartição, nas horas de expediente e o seu programa e caderno de encargos foram publicados no «Diário Municipal» n.º 11 758, de 19/4/1974.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de Obras Públicas na I Categoria ou 1.ª ou 3.ª subcategoria da I Categoria e da classe correspondente ou superior ao valor da proposta.

A abertura das propostas realiza-se às 16 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 19 de Abril de 1974.

O Presidente **António Jorge da Silva Sebastião.**

Agradecimento

Eng.º José Manuel Socorro Domingues

Sua mulher, mãe, irmã, sobrinho, tios, sogros e cunhados agradecem aos colegas da Setenave e a todas as pessoas que directa ou indirectamente se interessaram pela sua saúde e até ao fim o acompanharam.

DL/NACIONAL

ASSEMBLEIA DIA A DIA

Por ARMANDO PEREIRA DA SILVA

Não há países ricos com uma agricultura pobre

Não há países ricos com uma agricultura pobre. E não há nos nossos dias uma agricultura rica sem meios técnicos e homens preparados para os tempos que correm. Esta a posição do deputado Jorge Proença, defendida em S. Bento durante a discussão do aviso prévio sobre formação profissional agrícola, efectivado pelo eng. Magro dos Reis.

Ontem, de resto, foi um dia de trabalho parlamentar intenso. No plenário estiveram presentes 114 deputados, muitos dos quais se reuniriam depois com o ministro da Agricultura e Comércio, dr. Mota Campos, para apreciarem, no âmbito das três comissões encarregadas de o fazer, a proposta de lei de protecção e defesa do consumidor.

OUTRA IMAGEM

O aviso prévio sobre formação profissional agrícola já leva dois dias na agenda de trabalhos, e continuará hoje.

Ontem, além do deputado Jorge Proença (Guarda), falaram da formação agrícola os seus colegas Pereira do Nascimento, Castro Saraiva, Carvalho Conceição e Almeida Santos. A necessidade da formação profissional extra-escolar para os nossos homens do campo e de um ensino que englobe a necessária preparação técnica aliada a uma formação intelectual e humana actualizante, foram posições defendidas por toda a gente. É ponto incontroverso que se impõem novos caminhos para a agricultura, que o dimensionamento das explorações e o recurso à agricultura de grupo e outras formas de associativismo são indispensáveis, que é preciso pôr a imaginação e o dinamismo ao serviço de uma campanha que vença imobilismos e individualismos considerados atávicos dos meios rurais. E, além de tudo isto, será necessário melhorar as remunerações para atrair o interesse dos jovens, é preciso garantir trabalho aos quadros técnicos formados, criar condições sociais e comunitárias para tornar viável a vida no campo e desentusiasmar a emigração. **Saber fazer coisas, manejar máquinas, utilizar técnicas, concretizar actividades, eis o caminho do pragmatismo agrícola e das realidades por que todos anseiam** — disse Jorge de Proença. **Se acharmos que a imagem do homem do campo, inicialmente traçada, se encontra já ultrapassada e não corresponde à realidade do nosso tempo, figuremo-lo sentado no tractor ou na moto-cultivadora, em movimento incessante de vaivém, devorando hectares, olhos distantes, alimentando a sua fé e esperança, na mistura do ruído e do fumo que cansam os seus nervos e o seu corpo, em jornada longa de trabalho, dia após dia.** Evidentemente que esta imagem diz respeito a uma certa agricultura. Resta a outra, não menos importante. É preciso pôr a imaginação, de facto, a trabalhar para se conseguir o equilíbrio.

Registe-se, ainda, o novo pedido de escolas agrícolas secundárias para o distrito de Braga, com aptidões polivalentes para uma agricultura moderna. Pediu-as o deputado Carvalho Conceição.

CRÍTICAS AO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Antes da ordem do dia, o deputado portuense Ferreira da Silva fez severas críticas ao Ministério da Educação Nacional, a propósito, entre outras coisas, do problema dos exames na Faculdade de Ciências do Porto. **A falta de cumprimento de muitas das mais elementares normas dos direitos dum cidadão, por parte do Ministério da Educação Nacional é, quanto a mim, uma das causas que estão na base do espírito de revolta duma parte da população académica que não pode admitir, e muito bem, actos de injustiça pedagógico-social que afecte a sua formação como homens duma sociedade de que todos fazemos parte** — afirmou. Como exemplo, destacou o caso da não recondução de dois assistentes da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, acto esse baseado em lei que fixa o prazo de doutoramento. Ora, em face dessa «atitude legalista», **ficaram sem aulas cerca de 240 alunos, a quem não foram ministrados os conhecimentos considerados necessários à sua formação de futuros engenheiros e cujo exame foi feito tendo em consideração essa falta de conhecimentos**. Outros exemplos, como o do ponto de Filosofia que motivou, no ensino liceal, um número catastrófico de reprovações, por ultrapassar o programa dado, foram referidos pelo orador como conduta negativa dos serviços do M. E. N.

OUTROS ORADORES

Também no período antes da ordem do dia, o deputado setubalense Constantino Goes, congratulou-se com a próxima entrada em funcionamento dos modernos «ferry-boats» que ligarão as duas margens do Sado, mas lembrou que mais importante do que isso seria resolver o problema das ligações fluviais entre Lisboa e as vilas do Montijo e Alcochete, que carecem de barcos em condições e de número suficiente de carreiras.

Por sua vez, João Manuel Alves alertou a Câmara contra os malefícios resultantes de uma parece-que-projectada extinção do ramal do Dão, única via férrea que actualmente liga a cidade de Viseu com o resto do país.

E Manuel Freire pediu maior compreensão das autoridades alfandegárias para o pequeno comércio turístico na raia de Espanha, alvitrando ainda medidas policiais mais severas contra os ladrões de automóveis e os tarados sexuais que começam a atentar contra crianças de tenra idade, em número de casos que começa a tornar-se assustador.

SINDICATO DOS SEGUROS DO PORTO

PORTO, 25 — O Sindicato Nacional dos Profissionais de Seguros do Distrito do Porto, efectua amanhã, às 21 e 30, na sua sede, à Rua do Breyner, 259-1.º, uma sessão de cinema em que serão projectados os filmes: «Sinfonia da Primavera», «Ensaio», «Vidas de Gentes» e «Domingo... Domingo».

Aquela sessão tem a colaboração da secção de cinema amador do Cineclube do Porto.

SESSÃO DO CINECLUBE IMAGEM

O Cineclube Imagem exibe esta tarde para os seus sócios, no Jardim Cinema, pelas 18 e 40, o filme de Richard Brooks «Os Profissionais».

Entretanto, à noite, na sede — Rua D. João V, 26-3.º Dt.º — realiza-se um colóquio subordinado ao tema «O que é uma cinemateca?», o qual será orientado por Manuel Pina.

NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE MARCONI

Na chamada Colina do Sinal um "milagre" da Física

Em 25 de Abril de 1874 nasceu em Bolonha, de pai italiano e mãe irlandesa, Guglielmo Marconi. Dez anos mais tarde, James Clerk Maxwell apresentava na Royal Society de Londres um trabalho intitulado «A Dynamical Theory of the Electromagnetic Fiedl» onde, em forma definitiva, tinha desenvolvido as suas ideias sintetizadas nas famosas «Equações de Maxwell do Campo Electromagnético», equações que levaram o grande físico Boltzmann a dizer que, de tão maravilhosas, com certeza tinham sido ditadas directamente a Maxwell por Deus... Há tempos, discutia-se das vantagens e dos inconvenientes dos trabalhos científicos realizados em grupo, quando um dos circunstantes perguntou: podem citar-me um exemplo convincente de uma teoria científica a que se não podesse chegar mais rapidamente por um trabalho de grupo? Imediatamente, um, respondeu: a teoria de Maxwell do campo electromagnético... E tão evidente pareceu a todos o exemplo que ninguém levantou quaisquer objecções.

Por ANTÓNIO M. BAPTISTA

Já antes da apresentação do trabalho citado, Maxwell tinha concluído, dos seus trabalhos, que a propagação das perturbações eléctricas se assemelha à da propagação da luz e tinha escrito: «Dificilmente podemos evitar a inferência de que a luz consiste nas ondulações transversais do mesmo meio que é a causa dos fenómenos eléctricos e magnéticos».

Resultados de várias experiências realizadas após a publicação destas ideias, tendiam a apoiar a teoria de Maxwell. Em 1882, George F. Fitzgerald escrevia em um comentário a esta teoria: «parece altamente provável que a energia de correntes eléctricas variáveis é, em parte, irradiada para o espço e, assim, perdida por nós». No ano seguinte, o mesmo Fitzgerald descreveu métodos pelos quais esta energia radiante poderia ser produzida. O sistema veio a ser conhecido com o nome de «oscilador magnético» que podemos considerar como um precursor próximo dos sistemas ulteriormente utilizados para gerar ondas electromagnéticas.

O tempo estava maduro para a verificação experimental da existência de ondas electromagnéticas propagando-se no espaço com a velocidade da luz.

Em 1884 a teoria de Maxwell foi estabelecida de forma diferente por um jovem físico alemão Heinrich Hertz. Hertz sentiu acordada a sua vocação para a ciência quando estudava engenharia como parte do curso de arquitectura. O grande Helmohltz reconhece-lhe qualidades extraordinárias e escolhe-o para assistente. Em 1885, com 28 anos apenas, é já professor de Física em Karlsruhe e, definitivamente começa a interessar-se pela verificação experimental das equações de Maxwell.

Em 1887, Hertz observa que saltava uma pequena faísca no espaço entre dois pontos de um «detector» formado por um arame e dobrado segundo uma curva não completamente fechada, quando saltava uma faísca em um outro circuito interrompido ligado ao secundário de uma bobina de indução como a bobina de Rumkorf. Seriam, portanto, as ondas electromagneticas geradas quando saltava a faísca na bobina de indução que se propagariam no espaço e que seriam detectadas na forma que indicámos.

Ao mesmo tempo, outros grupos estavam já próximos do êxito e importa citar o caso de David Edward Hughes que, seis anos antes de Hertz, tinha mostrado que os sinais originados em um gerador de faíscas poderiam ser detectados à distância de mais de 400 metros, usando como detector um contacto microfónico. Apesar de em 1879 e 1880 ele ter demonstrado esse efeito que ele correctamente interpretava como transmissão a distância de sinais por ondas eléctricas no ar, perante reconhecidas autoridades como o presidente da Sociedade Real, de Georges Stokes e do engenheiro principal dos Correios britânicos William Preece, o facto é que não acreditaram na inerpretação de Hughes que, desanimado, só publicou os resultados das suas experiências depois de Hertz. Assim, as ondas conhecidas hoje como hertzianas poderiam ter sido legitimamente conhecidas como ondas hughesianas.

Em 1888, Hertz mostra convincentemente que estas ondas eléctricas são efectivamente semelhantes à luz, como previsto por Maxwll e aliando as qualidades de teórico à de experimentador consolida a teoria maxwelliana, desenvolvendo-a e fundamentando-a.

Heinrich Hertz morre em 1894, apenas com 37 anos. A notícia da sua morte é publicada em todo o mundo com referências aos seus trabalhos mais importantes e chega às mãos do jovem Marconi.

ENTRA MARCONI

Tinha então Marconi 20 anos de idade. «Menino de sua mãe» era uma rapaz tímido que nunca venceria completamente em público essa timidez. Não tinha qualquer educação formal sendo um pianista muito talentoso. Desde muito jovem que sonhava ser um grande inventor e por isso se interessara em estudar, de forma pouco sistemática a Física, em particular a Electricidade. As notícias que lhe chegavam de que Hertz tinha demonstrado experimentalmente a existência de ondas electromagnéticas que se propagavam como a luz no ar, atinge-o chocantemente. Como haveria de escrever mais tarde:

«Pareceu-me que se se pudesse aumentar a radiação, desenvolvê-la e controlá-la, seria possível enviar sinais através do espaço percorrendo distâncias consideráveis». E, logo a seguir, faz um comentário que todos os dias se repete em todos os laboratórios de investigação de todo o mundo, comentário que justifica tantas das coisas mais gloriosas do mundo da ciência, e explica outras menos recomendáveis:

«A minha preocupação era de que a ideia sendo tão elementar, tão simples na sua lógica, achava difícil acreditar que ninguém tivesse pensado em pô-la em prática. Deve haver, pensava, cientistas mais experimentados que seguiram a mesma linha de pensamento e chegaram às mesmas conclusões. Logo de princípio a ideia pareceu-me tão real para mim que não percebia que, para outros, a teoria parecia mesmo fantástica».

A verdade é que muitos estavam pensando no problema. Vimos já a pouca sorte de Hughes. O célebre físico Oliver Lodge também se dava conta da importância do assunto, assim como, entre outros, Popoff na Rússia e Branly em França. O que importa salientar aqui neste ponto é que Marconi vence a corrida da telegrafia «sem fios» pela sua dedicação e persistência, na fidelidade a uma visão de que nunca mais se afasta. Neste sentido, foram injustos os que, quando o êxito o bafejou merecidamente, proclamaram que ele não era o verdadeiro inventor da transmissão sem fios.

Oliver Lodge, no entanto, com a sua enorme autoridade, situa o problema como deve ser. Escreveu ele em 1925:

Deixem-me dizer antes de mais, que, para evitar qualquer mal-entendido, qué sem a energia, a habilidade, a iniciativa do Signor Marconi, o que se chama agora «sem fios», não teria sido, estabelecido comercialmente, não teria coberto a Terra com as suas estações de rádio, e não teria excitado, como o faz, a imaginação do público».

Logo imediatamente ao seu conhecimento dos resultados de Hertz inicia Marconi uma série de experiências e, se é certo que não contribui fundamentalmente para o avanço da ciência física fundamental, sem dúvida que são consideráveis as suas contribuições para o avanço da tecnologia, em particular em novos tipos de antenas e de geradores de sinais cada vez mais eficazes e potentes.

Começa as experiências na Viva Griffone onde vivia e, pouco a pouco, vai dominando a técnica da emissão e recepção de sinais: primeiro de uma ponta a outra de uma sala com doze metros de comprimento; depois consegue, sem fios, fazer tocar uma campainha dois andares abaixo da sala que tinha transformado em laboratório (é nesta altura que o pai, geralmente alheado dos interesses do filho, lhe oferece 5 mil liras para os seus trabalhos); em seguida passa à experiência em campo aberto, auxiliado pelo seu irmão Alfonso, e a emissão e recepção de sinais é feita de colina a colina. Em Setembro de 1895, Marconi tem já um aparelho que vai patentear e oferecer ao Governo italiano que não se mostra interessado. «Vamos para Inglaterra» aconselha-o a mãe, que sempre estimulou o filho.

Ao entrar na Inglaterra com o seu aparelho os (como dizer) escrupulosos funcionários da alfândega desmancham o aparelho e, depois, quando o procuram montar verificam que sobram peças e fios...

Em 1896, consegue finalmente uma patente — a primeira sobre telegrafia sem fios. Consegue interessar o engenheiro William Preece dos Correios, aquele perante o qual o infeliz Hughes tinha mostrado a existência das ondas hertzianas, antes de Hertz. Realiza então uma série de demonstrações e consegue interessar oficiais do Exército e da Marinha, em particular quando consegue estabelecer comunicação através do canal de Bristol, em 1897, mostrando que os sinais se poderiam propagar sobre a agua atravessando uma distância superior a 12 quilómetros. A sua fama cresce principalmente a partir de agora. O Governo italiano reconsidera e em Itália, em Spezia, consegue estabelecer comunicações com navios a mais de 21 quilómetros da costa. Regressa à Inglaterra e funda a Wireless Telegraph and Signal Company (hoje a Companhia que tem o seu nome). Tão bom administrador se mostra que até deixa a outros mais capazes os cuidados da administração, e concentra-se no aperfeiçoamento técnico dos seus sistemas.

Continua a realizar avanços tecnológicos importantes como o da sintonização entre o transmissor e o receptor dos sinais evitando-se assim o problema da «interferência» pois que se poderiam captar sinais emitidos apenas em um dado comprimento de onda com exclusão de outros portanto,. Estabelece a comunicação através do Canal da Mancha e, pouco depois, cria um serviço de comentários desportivos por telegrafia sem fios, realizando a reportagem para o jornal «Dublin Express» de uma famosa corrida de «yachtes» em Kingston, seguindo a regata a bordo de uma embarcação,. O acontecimento causou a sensação que se imagina, tal que a rainha Victória ordena que estabeleça uma comunicação sem fios entre a sua casa da ilha de Wright, Osborne House, e o «yacht» do príncipe de Gales a bordo do qual este participava nas corridas de Cowes. E aqui que se dá aquele episódio famoso entre as cortesias. Aconteceu que a rainha Victória passeava no jardim quando Marconi, laboriosamente, erguia um mastro para montagem das antenas. Marconi, ao ver a rainha, cumprimentou-a respeitosamente infringindo a regra da etiqueta de que são os reis quem cumprimentam primeiro (se estão para isso, claro está). A rainha, altivamente, perante aquela falta de respeito, nem se dignou olhar para Marconi. Este, ofendido, imediatamente, recusa continuar o trabalho. A rainha, informada do facto, respondeu impaciente: «Sim?... Pois arranjem outro electricista...» Tiveram os hábeis cortesãos que explicar à rainha que o signor Marconi não era um electricista vulgar mas um grande inventor, etc., etc. Sua majestade graciosamente, então, convidou Marconi para almoçar o que este simpaticamente aceitou e o incidente ficou sanado da melhor maneira como vêem.

A «EXPERIÊNCIA» IMPOSSÍVEL

Em Março de 1899 um barco alemão colidiu com o farol de East Goodwin e, pela primeira vez, o pedido de socorro veio pela telegrafia sem fios sendo respondido. Recorde-se que quando em 1912 MM» Marconi visitou Lisboa, recebeu a medalha de ouro do Instituto de Socorros a Náufragos.

A reputação de Marconi não cessa de crescer e de brincadeira diz-se: «não tarde que envie mensagens através do Atlântico». Depois de uma visita aos Estados Unidos é exactamente a esse projecto que Marconi se vai dedicar com a tenacidade habitual. Quando os cientistas sabem deste projecto logo anunciam o seu certo fracasso. Com efeito, não são as ondas electromagnéticas semelhantes em tudo à luz? Não se propaga esta em linha recta? Assim, devido à curvatura da Terra, os sinais luminosos nunca poderão atravessar o Atlântico de um ponto a outro na superfície da Terra. Mas Marconi continua e vai gastar no projecto a soma considerável de 50 mil libras. Constrói um transmissor gigantesco, cem vezes mais poderoso do que qualquer outro usado até então e instala-o na Cornualha. Em 27 de Novembro de 1901 parte para a Terra Nova, a 3600 km de distância, e instala o receptor em São João, em um hospital abandonado, no cimo de uma colina com 150 metros de altitude que, estranhamente, era conhecida com o nome de Colina do Sinal. Em Cape Cod, nos Estados Unidos, instala igualmente uma estação emissora análoga à da Cornualha. O objectivo era estabelecer comunicações nos dois sentidos. Mas Marconi estava ansioso para provar o seu ponto de vista e instala-se em São João. Em vez de mastros utiliza papagaios para levantar as suas antenas. Dá instruções para que, a partir de 11 de Dezembro transmitam da Cornualha a letra S em Morse a intervalos frequentes. No primeiro dia não consegue captar nenhum sinal. No segundo dia, 12 de Dezembro, o temporal forte derruba um dos papagaios que tem de ser substituído mas, à tarde, quando já pensava que a experiência tinha fracassado, Marconi consegue ouvir com os seus auscultadores o sinal ansiosamente esperado: «... ... ...»

Por estas e outras é que Arthur Clarcki aconselhou os jovens inventores: «se um cientista veterano vos disser que qualquer coisa é possível é prudente acreditar no que diz; se, porém ele vos disser que algo é impossível, é muitas vezes conveniente ignorar o seu conselho...»

Efectivamente, de acordo com o parecer razoável da comunidade científica a experiência deveria falhar. Milagre? Claro que não. O que aconteceu foi que as ondas electromagnéticas se podem reflectir em uma camada condutora formada na parte superior da atmosfera, possivelmente por acção da luz ultravioleta do Sol a chamada «camada de Heaviside ou camada de Heaviside-Appleton». Desta forma, os raios enviados de um ponto da superfície da Terra e reflectidos nesta camada, podem atingir um outro ponto, apesar da curvatura da Terra e, assim, se explica o êxito de Marconi, o êxito de uma ignorância atrevida merecidamente recompensada.

Marconi torna-se em uma figura lendária. E feito marquês pelo rei de Itália e recebe em 1909 o Prémio Nobel da Física, o que parece exagerado quase tanto como ser chamado um simples «electricista». E interessante notar que Marconi nunca se interessou pela telefonia sem fios tão orientado estava para a telegrafia sem fios. Nisto se encontram paralelos na história da tecnologia com a atitude de Watt e Boulton que consideraram a ideia de uma locomotiva a vapor como sintoma de uma doença mental; de Edison que considerava um disparate o uso da corrente alterna ou de Baird, um dos pioneiros da televisão e que em 1925 tenta interessar, sem êxito, a Companhia Marconi por esse assunto, e que tão pouco viu qualquer interesse no osciloscópio de raios catódicos que todos conhecemos sob a forma dos nossos aparelhos de televisão...

Marconi fotografado aos 21 anos quando efectuava uma experiência da longa série que levou à descoberta de um sistema prático de telegrafia sem fios.

DL/ESTRANGEIRO

FRANÇA

Giscard mais á frente de Chaban na "guerra" a Miterrand

PARIS, 25 — (R) — O ministro das Finanças, Giscard D'Estaing distanciou-se mais um ponto à frente do seu rival gaullista Jacques Chaban-Delmas na corrida presidencial francesa, melhorando mais ainda as suas perspectivas de defrontar-se com o candidato da Esquerda Unida, François Mitterrand, no escrutínio decisivo de 19 de Maio.

Os dados obtidos por uma sondagem publicada pelo vespertino France Soir, mostram Mitterrand ligeiramente vacilante, com apenas 41 por cento dos votos na primeira fase das eleições, em 5 de Maio, o que, no entanto, lhe assegura um dos dois lugares no afrontamento final.

Apesar da sua batalha para recuperar o terreno perdido, Chaban-Delmas mantém-se estável, com 23 por cento, ao passo que Giscard D'Estaing avança mais um ponto, obtendo 26 por cento.

Enquanto os três principais contendores prosseguem activamente a sua campanha, a sondagem efectuada pela IFOP revela que o gaullista marginal Jean Royer melhora a sua posição, com seis por cento de apoio.

No último inquérito da IFOP, divulgado na segunda-feira, Mitterrand apresentava-se com 43 por cento, Giscard com 25 por cento, Chaban com 23 por cento e Royer, o cruzado dos pequenos comerciantes e artesão, cinco por cento.

O CONFORTO DE CHABAN

O único conforto de Chaban-Delmas pode retirar das percentagens é o facto de contradizerem os indícios de uma desastrosa baixa de popularidade prognosticada numa sondagem publicada no quotidiano das direitas «L'Aurore».

O jornal atribuira apenas 19 por cento dos votos ao candidato da UDR no primeiro escrutínio, apesar do apoio que lhe dispensa o Partido Governamental.

Contudo, os resultados da sondagem da IFOP contém outras notícias de mau augúrio para o «maire» de Bordéus. Revela, pela primeira vez, que o público pensa que tem menos probabilidades de derrotar Mitterrand na volta final das eleições do que o ministro das Finanças.

As pessoas interrogadas acham que Giscard D'Estaing venceria o candidato das esquerdas por 42 por cento contra 37, ao passo que consideram que Chaban-Delmas não obteria mais do que 41 por cento contra 40.

Os números ameaçam minar um dos temas centrais da campanha eleitoral do antigo primeiro-ministro — a sua afirmação de que é o único candidato da maioria governamental capaz de neutralizar o perigo encarnado por Mitterrand que representa uma frente unida de socialistas, comunistas e radicais da esquerda.

Chaban-Delmas percorreu ontem as cidades principais da Normandia, enquanto o «leader» dos republicanos independentes visitava a província da Bretanha.

Por seu turno, Mitterrand prossegue a sua triunfal viagem pela França Oriental, depois do comício monstro que atraíu a Lyon cerca de 17 000 pessoas — de longe a sessão mais espectacular registada até agora nesta campanha.

MARCHAIS COM MITTERRAND

Cortês, mas de uma ironia cáustica e altamente seguro de si, o candidato da esquerda encaminha-se serenamente para o ponto culminante da sua campanha, um grande comício conjunto que se realiza hoje em Paris, com a intervenção do dirigente do Partido Comunista, Georges Marchais.

Os peritos políticos calculam que Mitterrand deve obter 46 por cento dos votos no primeiro escrutínio para poder apresentar-se na volta final com sólidas perspectivas de triunfo. Explicam que com essa percentagem preliminar pode esperar conseguir votos suficientes à custa dos candidatos eliminados na primeira fase para reunir a maioria absoluta no segundo turno, que é de mais de 50 por cento da totalidade dos sufrágios.

Contudo, a classificação mais alta que lhe foi atribuida em todas as sondagens efectuadas até agora é de 44 por cento.

ARSENAL MÓVEL

PARMA, 25 — (R) — Gaetano Gruzza, de 35 anos, um pedreiro desta cidade italiana, coleccionava armas, mas a mulher não gostava de as ter em casa. **Devido a isso, transformou o seu pequeno carro Fiat num arsenal móvel.**

A Polícia de Trânsito, que fez parar Gruzza quando ele seguia para o trabalho, encontrou a mala do automóvel cheia com uma metralhadora ligeira, dez revólveres, oito carabinas e caixas de munições.

Gruzza explicou ao tribunal que a mulher não gostava de armas e foi condenado, com a pena suspensa, a seis meses de cadeia pela posse ilegal e transporte de armas de fogo.

ÁUSTRIA

ELEIÇÕES EM JUNHO

VIENA, 25 — (R) — O Governo austríaco anunciou que serão realizadas eleições presidenciais no dia 23 de Junho a fim de ser escolhido um sucessor para o falecido Franz Jonas.

A decisão foi tomada numa reunião extraordinária do gabinete que se efectuou menos de 12 horas depois do falecimento do chefe do Estado austríaco, com 74 anos, mais uma vítima do cancro.

As eleições serão consideradas pelo Partido Socialista no poder como um teste de popularidade e poderão fazer com que o Governo venha a convocar eleições gerais no fim do ano corrente, ou seja um ano antes do seu mandato de gerência política no país.

Franz Jonas foi o quarto presidente da República austríaca estabelecida em 1945 depois da Segunda Guerra Mundial. Eleito para um primeiro mandato em 1965, Jonas foi reconduzido no cargo e encontrava-se agora a meio caminho do seu segundo mandato de seis anos. E de notar que desde 1945 a Austria só tem tido presidentes socialistas.

O chanceler da República austríaca, dr. Brumo Kreisky, tomou posse do cargo de presidente interino após Franz Jonas ter morrido, numa clínica de Viena, onde estava hospitalizado há cinco semanas.

Embora não tivesse sido publicada nenhuma declaração a respeito da sua doença, círculos políticos afirmam que o presidente sucumbiu a uma dolorosa forma de cancro.

O dr. Bruno Kreisky frisou que o presidente estava consciente da gravidade da doença que o afectava desde o Verão passado, altura em que se disse que Franz Jonas sofria de uma doença articular num joelho. O presidente insistiu sempre em manter secreta a gravidade do seu estado, pedindo para que fossem feitos arranjos constitucionais de modo a substituí-lo nas suas funções somente quando a doença se estivesse espalhado para todo o seu corpo e ele não pudesse assinar documentos do Estado.

O Governo declarou cinco dias de luto nacional e ordenou que as bandeiras austríacas fossem colocadas a meia haste. Os teatros pertencentes ao Estado encerraram as suas portas e os futebolistas empenhados em jogos do campeonato austríaco apresentar-se-ão em campo com braçadeiras negras.

De tipógrafo a presidente

QUEM ERA FRANZ JONAS

VIENA, 25 — (R.) — Franz Josef (Francisco José) Jonas, baptizado com o nome do mais famoso imperador austríaco, ergueu-se desde um ambiente humilde, através das fileiras do Partido Socialista e de vários cargos governamentais desempenhados, até ao mais alto cargo do seu país — presidente da República da Áustria.

Franz Josef Jonas, tinha 74 anos e foi eleito presidente pela primeira vez em 1965, depois de ter sido presidente do Município de Viena.

O seu estilo era formal e reservado, mas ele conquistou uma genuína popularidade entre o povo austríaco pela sua modéstia e pelo forte sentido que tinha dos seus deveres.

Como chefe do Estado, Franz Jonas tinha o seu gabinete instalado em aposentos formais do Palácio Hofburgo, antigo palácio dos imperadores austríacos da família Habsburgo, situado no centro de Viena.

O seu segundo mandato como presidente iniciou-se em 1971, altura em que obteve uma vitória decisiva sobre o candidato do Partido Popular dr. Kurt Waldheim, antigo ministro dos Estrangeiros austríaco e presentemente secretário-geral das Nações Unidas.

Não obstante ter adoecido a meio do seu segundo mandato, Franz Jonas manifestou sempre profundo interesse nos assuntos do Governo e continuou a assinar documentos de Estado e a receber ministros, mesmo na clínica.

Franz Josef Jonas nasceu em Viena no dia 4 de Outubro de 1899, sendo o oitavo filho de um trabalhador indiferenciado.

Jonas ingressou numa tipografia como aprendiz, mas em 1917, nos últimos dias do império austro-hungaro dos Habsburgos, foi chamado a prestar serviço militar e combateu durante a Grande Guerra nas frentes italiana e russa.

Findo o pesadelo da hecatombe da Primeira Grande Guerra, Jonas passou a trabalhar como tipógrafo e tornou-se ao mesmo tempo um socialista convicto e um lutador pelos direitos do operariado através dos Sindicatos, prosseguindo ao mesmo tempo os seus estudos.

No centro profissional operário de Viena, que servia como instituição educacional para os trabalhadores, Franz Jonas teve como professor três homens que também foram presidentes socialistas da Áustria depois da Segunda Guerra Mundial — dr. Karl Renner, dr. Adolf Schaerf e Theodore Koerner.

Foi funcionário do Partido Socialista de 1932 a 1934, ano em que o Partido foi colocado à margem das leis pelo Governo das direitas, muito aparentado com o fascismo, que geria a Áustria nessa altura.

Em 1935 foi preso, juntamente com muitos outros socialistas, e acusado de alta traição pelas suas actividades políticas, ms mais tarde foi absolvido.

Durante a Segunda Guerra Mundial trabalhou numa fábrica de máquinas e depois de 1945 iniciou a sua carreira como funcionário municipal na área de Viena. Teve a seu cargo projectos de habitação e desempenhou um papel de vulto na recuperação da capital austríaca arruinada pela guerra.

Eleições para brancos na África do Sul

(pouca concorrência em certas regiões)

JOANESBURGO, 25 — (R) — O eleitorado branco da África do Sul acorreu às urnas para votar nas eleições gerais apesar da certeza de mais uma vitória do Partido Nacionalista, no poder.

Contudo, em algumas zonas rurais, atribuiu-se à chuva a pouca afluência registada da hora do almoço. Em várias áreas urbanas apenas 30 por cento dos eleitores recenseados tinham votado esta manhã.

Em virtude da posição segura do Governo, durante a campanha eleitoral, o interesse concentrou-se nos partidos oposicionistas e em especial no aceso duelo entre o Partido Unico e o Partido Progressista.

Na Assembleia Demissionária, o Partido Nacionalista detinha 119 dos seus 166 lugares, o Partido Unido 46 e os Progressistas apenas um.

Só os brancos votam nas eleições legislativas e provinciais. Os 18 milhões de sul-africanos de cor não têm voto no Parlamento.

Trinta dos 135 candidatos nacionalistas, incluíndo alguns chefes de fila do Partido, foram eleitos sem oposição para o Parlamento alargado de 171 lugares, juntamente com 13 membros do Partido Unido, de modo que apenas um máximo de 1 600 000 dos 2 200 000 eleitores vão hoje às urnas.

Nas regiões em que o Partido Nacionalista goza de grande apoio, como no Estado Livre de Orange, longas bichas começaram a formar-se diante das assembleias de voto antes da abertura das urnas, às sete horas.

Registou-se igualmente considerável afluência no Sudoeste Africano (Namíbia), onde os eleitores escolherão não só os membros da Assembleia Legislativa como também seis representantes para o Parlamento da Cidade do Cabo. Numa zona rural, as pessoas atravessaram a custo um rio engrossado pela água das chuvas para irem lançar o seu voto.

Naquele território disputado, o eleitorado deve decidir-se principalmente entre o Partido Nacionalista e o Partido Herstigt Nasionale, da extrema-direita, embora em algumas áreas alguns lugares da Assembleia sejam fortemente disputados entre nacionalistas e candidatos do Partido Unido.

DL/ESTRANGEIRO

MÉDIO ORIENTE

Sete semanas de batalha nas colinas de Golan

LONDRES, 25 — (R.) — De novo irromperam recontros de aviação e duelos de artilharia entre Israel e a Síria, somente a alguns dias de vista do secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger chegar ao Médio Oriente para iniciar nova tentativa de conseguir um acordo de separação de forças na frente dos montes Golan.

A Síria diz que as suas defesas antiaéreas de mísseis abateram dois jactos israelitas e que aparelhos sírios cumpriram missões a «território ocupado» pelos israelitas causando severas perdas em vidas humanas e material de guerra.

Israel, durante o dia de ontem prestou homenagem aos seus 12 000 mortos nas anteriores guerras desde a independência e os seus caças-bombardeiros entraram por duas veze em acção na frente do Golan, talvez para uma comemoração mais condigna. Segundo um comunicado de Telavive, os aparelos regressaram todos incólumes às suas bases, depois de acções que duraram 90 minutos.

A batalha da frente do Golan entrou na sua sétima semana consecutiva e o foco principal dos combates concentra-se há 13 dias no monte Hermon, majestosa elevação de terreno sempre com o cimo coberto de neve.

Os recontros, que cada vez se tornam mais ferozes, acrescentam urgência à missão de rkissinger para tentar obter um afastamento de forças entre israelitas e sírios.

O secretário de Estado norte-americano parte de Washington no domino, com uma primeira escala em Genebra, para a sua quinta viagem ao Médio Oriente, desde a Guerra de Outubro.

APENAS NUMA ESTRATÉGIA

A respeito desse possível afastamento de forças, um jornal libanês publicava aquilo que designou como o plano básico sírio de cinco pontos para um acordo, estiulando a completa retirada israelita das terras ocupadas em 1967 e 1973, e uma retirada, por fases, para um ponto perto de Kuneitra.

O jornal libanês, o «Al-Safir», informava que o plano rejeita terminantemente «zonas-tampões» em solo sírio ou o estacionamento de forças de manutenção de paz das Nações Unidas. O mesmo jornal diz também que Israel apresentou já uma contra-proposta.

Observadores políticos dizem que a Síria não se encontra em posição de exigir coisas de tal rigidez e que se trata apenas de uma estratégia, sendo ao mesmo tempo novidade que declarem publicamente ter perdido terreno na Guerra de Outuoro de que sempre se declararam vencedores.

Entretanto, círculos governaoentais em Washington disseram que a administração Nixon enviou ao Congresso um total de auxílio militar e económico para o Médio Oriente no valor de 900 milhões de dólares, com fundos destinados a Israel, ao Egipto e à Jordânia.

COMÉRCIO CHINA-BRASIL

BRASILIA, 25 — (F.P.) — Ao convidar ao Brasil uma missão comercial chinesa, o Governo brasileiro deu um novo passo para o estabelecimento de relações diplomáticas com Pequim, pensam os observadores em Brasília.

A missão chinesa — cuja vinda, daqui a três meses, foi confirmada pelo chefe da diplomacia brasileira, Azeredo da Silveira — incluirá um representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros da China Popular.

Esta visita, nota-se, segue-se à que efectuou a Pequim, a semana passada uma missão comercial brasileira, igualmente acompanhada por um representante do Governo de Brasília, e que constitui na realidade um restabelecimento oficial das relações económicas entre os dois países, rompidas em 1964.

E verdade que o Brasil e a China tinham recomeçado em 1969 certas trocas comerciais, mas a um nível modesto.

Porém, o ano passado, essas trocas aumentaram e o Brasil exportou para a China mercadorias no valor total de mais de 100 milhões de dólares, em especial açúcar (a China já é o terceiro comprador de açúcar do Brasil)

Em contrapartida, o Brasil, o ano passado, não importou mais de 300.000 dólares de produtos chineses.

O reconhecimento do Governo de Pequim, pensam ainda os observadores, não seria contrário à diplomacia brasileira dos últimos anos, que se caracterizou por uma ampla abertura. «Concordamos que mantemos relações mais estreitas e melhores com certos países, mas isso não impede de modo algum o Brasil de procurar manter relações de respeito recíproco com todos os países do mundo», declarava recentemente Azeredo da Silveira.

Já o ano passado o Brasil reconhecera a Alemanha democrática, havendo agora apenas cinco países com os quais o Brasil não mantém relações: China Popular, Coreia do Norte, Vietname do Norte, Cuba e Albânia.

WALDHEIM SUBLINHA A IMPORTÂNCIA DA SESSÃO DA ONU SOBRE MATÉRIAS PRIMAS

NAÇÕES UNIDAS, 25 — **(Por Bruce W. Munn, da UPI, exclusivo da ANI em Portugal)** — O secretário-geral Kurt Waldheim declarou que o destino de milhões de pessoas dentro dos próximos meses pode depender do que se estabelecer na sessão especial da Assembleia Geral sobre matérias-primas e preços.

Waldheim efectuou esse comunicado na conclusão do debate geral sobre a situação económica mundial, que durou uma semana. A sessão especial começou no passado dia 9 e deve terminar na próxima segunda-feira.

Os delegados esperavam completar a tempo uma declaração de princípios e um programa de acção, que muitos esperam que vá reformar o sistema económico global vigente entre países ricos e pobres.

A situação veio a lume quando os países produtores de petróleo aumentaram os preços do petróleo em rama na ordem dos 100 por cento, provocando grave perturbação económica nos países industrializados e enormes prejuízos nos países em desenvolvimento que produzem outras matérias-primas e as vendem a baixo preço.

«Em todo o mundo tem-se seguido com enorme interesse os progressos alcançados por esta sessão especial — afirmou Waldheim, ao encerrar o debate geral — o mundo aguarda ansiosamente as primeiras medidas concretas emanadas desta Assembleia, que façam frente à situação de emergência, a qual, de uma maneira ou de outra, afecta todas as nações.»

«A ansiedade e a esperança da comunidade mundial são aumentadas pelo facto de que, além dos problemas de médio e longo prazo que enfrentamos, o destino de milhões de pessoas pode muito bem depender, dentro dos próximos meses, do que esta sessão especial fizer ou não.»

Waldheim acrescentou que o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, assim como membros individuais das Nações Unidas, estão a postos «para fazer todo o possível para ajudar».

«E imperativo efectuar-se a transferência rápida da assistência necessária a esses Estados membros mais necessitados, e também proceder aos arranjos necessários para controlar as necessidades futuras e sua assistência», salientou.

«E preciso reconhecer que os países em desenvolvimento têm que ganhar mais, de maneira a poderem pagar as suas importações e dependem ainda dos bens de consumo para a maior parte do que ganham nas exportações... No passado, os esforços internacionais falharam em alcançar resultados significativos no campo dos bens de consumo. Hoje em dia contudo, e mais do que nunca, é do interesse tanto dos países produtores como dos consumidores iniciar, durante esta sessão especial, uma acção que conduza à resolução deste problema.

«Por fim, é imperativo que o ambiente gerado por esta sessão especial seja mantido.»

Morreu Abbott

LOS ANGELES, 25 — (R) — Faleceu ontem, na sua residência de Los Angeles, o cómico Bud Abbott, de 75 anos, que fazia parte da dupla cinematográfica Abbott e Costello.

Alto, elegante e sério, contrastando com o seu parceiro Lou Costello, gordo e desajeitado, Abbott interpretou com o seu companheiro trinta filmes, quase todos grandes êxitos de bilheteira, até que a equipa se desfez, há alguns anos.

Um membro da família declarou que Abbott sofria de cancro e tinha tido várias crises cardíacas. A sua morte foi atribuída ao cancro.

Abbott nasceu em Asbury Park, Nova Jersey, em 1898. Sua mãe era artista equestre num circo e seu pai agente de publicidade do circo Ringling Brothers. Trabalhou durante 10 anos com o pai e o irmão na direcção de uma cadeia de casas de espectáculos «burlescos», estendendo-se desde Toronto, no Canadá, até Buffalo, em Nova York.

O negócio da família Abbott faliu em 1929 e Bud, de seu verdadeiro nome William, acabou a vender bilhetes no Empire Theatre de Brooklyn. Foi aí que viu Costello actuar e fez equipa com ele num «sketch» cómico.

O primeiro filme da dupla, «Uma Noite nos Trópicos», produzida em 1939, passou praticamente despercebido. Mas num mundo despedaçado pela guerra e sedento de espectáculos de evasão, o seu segundo filme, «Buck Privates», foi um enorme êxito de bilheteira, rendendo 10 milhões de dólares e popularizando-os em todo o país. Outros êxitos se seguiram: «Agarra o Fantasma», «Rio Rita», «Perdoa o meu Sarong», e «Abbott e Costello Encontram Frankenstein».

A equipa desfez-se em 1957. No cinema, Abbott era o que ministrava bofetadas e pontapés a um Costello gaguejante e tímido. Quando se separaram, Costello explicou que estava «farto de ser esbofeteado».

Depois da ruptura, Costello tentou prosseguir sozinho. Morreu em 1959.

A dupla transferiu para o cinema os velhos «skeches» que tinha aprendido nos teatros de «Vaudeville». Embora os seus intermédios barulhentos e burlescos não fossem muito apreciados pelos críticos, obtinham uma extraordinária audiência popular.

QUATRO BARCOS DE GUERRA INGLESES PARA O CHILE

LONDRES,25 (FP) — O ministro dos Negócios Estrangeiros, James Callaghan, triunfou contra o seu colega Michael Foot, ministro do Emprego, no primeiro atrito importante no seio da nova administração trabalhista. Trata-se do fornecimento de navios de guerra ao Chile.

Michael Foot, que se encontraá frente da esquerda, deplorou a venda de navios de guerra. Era preciso rever a decisão,disse. Mas Callaghan alegou que os quatro navios já são do Chile. Os navios tinham sido encomendados à Inglaterra ainda no tempo do governo de Eduardo Frei. Este ponto de vista já tinha sido aliás aceite pelo comité nacional executivo do partido, acrescentou Callaghan, que informou ter o mesmo comité aprovado a Iroposta de convidar a Londres a sr.ª Allende, viúva do antigo presidente.

Callaghan considera que a Grã-Bretanha, embora aceitando o fornecimento dos quatro navios ao Chile, com as respectivas peças sobressalentes, recusará o fornecimento de canhões para substituição, assim como de torpedos e de munições.

Os quatro navios não irão da Grã-Bretanha desguarnecidos, mas os chilenos terão de arranjar as armas e as munições de que possam vir a ter necessidade.

INTERHOTEL

SOCIEDADE INTERNACIONAL DE HOTÉIS, SARL

RELATÓRIO DE 1973

Relatório do Conselho de Administração

Senhores Accionistas:

Em cumprimento do disposto na lei e nos estatutos temos a honra de submeter à apreciação de V. Ex.as o Relatório e Contas do exercício de 1973.. Nos termos habituais passamos a referir as partes mais expressivas da actividade da Vossa Sociedade no ano passado.

1. CONSTRUÇÕES

Prosseguiu em ritmo acelerado a construção dos hotéis Holiday Inn-Estoril e Holiday Inn-Vilamoura. Na primeira destas unidades procedeu-se à alteração do projecto inicial, tendo aumentado o número de quartos de 160 para 196. Essa alteração, resultante de um melhor aproveitamento da área de implantação permitirá aumento da rentabilidade sem acréscimo substancial de custos das zonas de serviços. Apesar das carências de materiais de acabamentos ocorridos a partir de Outubro último pretende-se que a inauguração tenha lugar conforme previsto dia 17 de Junho de 1974.

No Holiday Inn-Vilamoura a construção sofreu o impacto da escassez de pessoal, sobretudo no sector de mão-de-obra especializada. A baixa densidade da população da província do Algarve aliada à multiplicidade de projectos em curso na região, originou um descompasso entre a programação e a evolução das obras. Já em fins de 1973, a introdução de equipamentos e técnicas substituiram em parte as carências humanas e permitiram recuperar na quase totalidade os atrasos sofridos, estimando-se que o hotel esteja pronto no último trimestre de 1974.

Em Água de Pena continuou em bom ritmo a urbanização para a implantação dos Apartamentos Miradouro.

2. PROJECTOS

Por acordo com a Câmara Municipal de Lisboa foi transferido de Monsanto para o prolongamento da Avenida da Liberdade, esquina com a Avenida Gulbenkian, o local para implantação do Holiday Inn-Lisboa. Devido às diferenças de área e de características entre os dois terrenos houve que elaborar um novo projecto que atendesse não só às implicações quanto à volumetria prevista pela Câmara para os prédios a edificar naquela zona de expansão da principal artéria da cidade mas também que se enquadrasse nos objectivos que nos propusemos realizar de construir uma unidade dotada de serviços capazes de preencher os requisitos de um hotel de congressos. No início de 1974 iniciaram-se os trabalhos de escavação e desaterro que deverão atingir um volume de terras deslocadas da ordem de 66 000 metros cúbicos.

Para complementar as nossas actividades no Arquipélago da Madeira, adquiriu-se uma área na Ilha de Porto Santo onde se prevê a construção de um hotel de 200 quartos. É necessário que possamos levar a efeito a construção de tal unidade com a maior celeridade, pois é elemento essencial à cobertura do nosso Holiday Inn-Madeira, pela maior facilidade que a Ilha do Porto Santo tem em instalações aeroportuárias. A programação da obra do novo hotel deverá atender às dificuldades de mão-de-obra local, pelo baixo índice demográfico da ilha, bem como os problemas com água que irão afectar a subsequente exploração do mesmo.

Ao abrigo de decisão da Assembleia Geral estão em curso diligências para a constituição no Brasil da Sociedade com capitais luso-brasileiros que expanda as nossas actividades ao país irmão. Os estudos de mercado levados a efeito aconselham vivamente a instalação da vossa empresa naquele país onde apenas muito recentemente se iniciou o aproveitamento das potencialidades turísticas. É de remarcar que o Brasil tem hoje uma população superior a 100 milhões de habitantes, com um créscimo demográfico anual da ordem dos 3 %, sendo portanto, por si só, e independentemente da captação de turistas externos, um vasto mercado consumidor de ocupação hoteleira. Acresce a esse facto que a natureza especialíssima das relações entre os dois países têm desde há alguns anos decidido grupos nacionais a investirem em sectores, os mais diversos da economia brasileira. A liberdade de circulação de capitais no que diz respeito ao Brasil, desde que devidamente registados no Banco Central, aliados à alta rentabilidade do sector hoteleiro aconselham vivamente a que se prossiga o trabalho iniciado. Nesses termos iniciaram-se negociações com o Governo do Distrito Federal para cessão de uma área junto ao lago de Brasília para implantação de um hotel de até 500 quartos. Foi remetido àquele Governo um anteprojecto do hotel que se pretende implantar bem como um estudo da respectiva viabilidade económica. Aguarda-se a apreciação desses elementos para concretizar a cessão da área proposta.

Dentro da linha de cobertura do território nacional pela nossa rede hoteleira estão em curso negociações para a aquisição de áreas na cidade do Porto em zona propícia à implantação de um hotel de até 250 quartos.

Entabularam-se negociações com o Gabinete da área de

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

ACTIVO

DISPONÍVEL		
CAIXA	209 327$80	
BANCOS	320 822 342$05	321 031 669$85
RELIZÁVEL		
DEVEDORES	6 848 181$15	
LETRAS A RECEBER	34 866 112$40	
PROMITENTES COMPRADORES	23 423 978$90	
ARMAZÉM HOTEL VILAMOURA	2 162 900$80	
ARMAZÉM HOTEL ESTORIL	967 525$40	68 268 698$65
IMOBILIZADO		
HOTEL MADEIRA		
Edifício, Terrenos anexos, Mobiliário e Equipamento	287 598 042$46	
ESTRUTURAS DE APOIO AO HOTEL MADEIRA	4 310 000$00	
HOTEL PORTO SANTO		
Terrenos	2 711 600$00	
HOTEL VILAMOURA		
Terreno, Projectos e Construção	80 844 330$40	
HOTEL ESTORIL		
Terreno, Projectos e Construção	52 635 525$80	
HOTEL LISBOA		
Projecto	6 879 665$30	
HOTEL RIO RITZ		
Projecto	923 681$05	
HOTEL INTERHOTEL BRASÍLIA		
Projecto	3 037 729$60	
HOTEL MOÇAMBIQUE	33 248$40	
IMOBILIZAÇÕES INCORPÓREAS		
Despesas de Constituição, Publicidade e Outras	8 330 288$60	
SEDE	5 750 000$00	
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	551 152$50	453 605 264$11
REGULARIZAÇÃO DO ACTIVO		
APARTAMENTOS MIRADOURO		
C/construção		6 839 197$20
SITUAÇÃO LÍQUIDA		
ENCARGOS DE EXERCÍCIOS FINDOS	21 880 640$69	
ENCARGOS DO PRESENTE EXERCÍCIO	23 590 337$10	45 470 977$79
CONTAS DE ORDEM		
VALORES EM DEPÓSITO		40 000$00
		895 255 807$60

PASSIVO

EXIGÍVEL			
A CURTO PRAZO			
CREDORES	29 851 759$80		
LETRAS A PAGAR	78 951 065$50	108 802 825$30	
A MÉDIO E A LONGO PRAZO			
CREDORES			
Diversos	2 711 600$00		
Financiamento do Fundo de Turismo	218 439 167$60	221 150 767$60	329 953 592$90
REINTEGRAÇÕES E AMORTIZAÇÕES			
AMORTIZAÇÕES DAS IMOBILIZAÇÕES INCORPÓREAS		2 931 871$60	
REINTEGRAÇÕES DAS IMOBILIZAÇÕES CORPÓREAS			
Do Hotel Madeira	7 291 706$70		
De Móveis e Utensílios	150 546$40	7 442 253$10	10 374 124$70
REGULARIZAÇÃO DO PASSIVO			
CONTRATOS PROMESSA DE COMPRA E VENDA			52 310 500$00
CAPITAL E RESERVAS			
CAPITAL		500 000 000$00	
RESERVAS EXTRAORDINÁRIAS		2 577 590$00	502 577 590$00
CONTAS DE ORDEM			
CREDORES POR VALORES EM DEPÓSITO ...			40 000$00
			895 255 807$60

Lisboa, 31 de Dezembro de 1973.

O TÉCNICO DE CONTAS

a) **António Pereira de Sá**

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

a) **Mário de Gusmão Madeira — Presidente**
a) **Fernanda Pires da Silva**
a) **Abel Saturnino da Silva de Moura Pinheiro**
a) **Francisco Negrão de Lima**
a) **MATUR — Sociedade de Empreendimentos Turísticos da Madeira, SARL**

INTERHOTEL
Sociedade Internacional de Hotéis, S.A.R.L.

Sines para a cessão em regime de direito de superfície de uma área de até três hectares para implantação de um hotel de 200 a 250 quartos.

3. EXPLORAÇÃO HOTELEIRA

Decorreu o primeiro ano de funcionamento do Holiday Inn-Madeira. Nos termos do contrato celebrado com a Holiday Inns não há qualquer risco operacional por parte da vossa sociedade. No entanto, os baixos índices de ocupação verificados fizeram com que as receitas recebidas por nós fossem muito pequenas. O problema ultrapassa a nossa capacidade de resolução e atinge toda a economia daquela ilha. Já no relatório de 1972 chamámos a atenção para as deficiências do sector aeroportuário, indicando que só mediante alargamento da pista do aeroporto do Funchal e adopção de uma política de transportes aéreos a preços competitivos se poderia sanear o problema. No decurso do exercício fizemos várias exposições às entidades competentes mostrando-lhes a gravidade da situação e a premência de adopção de soluções. Sabemos que a transformação do aeroporto, demorará bastante tempo mas os custos dos transportes aéreos podem ser remediados a mais curto prazo. O volume dos investimentos feitos pela indústria hoteleira na Ilha da Madeira, e o número de camas por ela criado justificam medidas de excepção para garantir uma ocupação razoável. O efeito multiplicador dos ingressos monetários do turismo e a consequente receita fiscal obtida, certamente permitiriam a concessão de subsídios ao transportador aéreo para que tenhamos preços competitivos, com os do mercado internacional. O recente agravamento do custo de combustíveis vem ainda mais demonstrar a urgência de tal solução.

Só poderemos obviar a esses inconvenientes mediante a abertura no continente de novos hotéis, de modo a permitir o estabelecimento de programas com múltiplas destinações, únicas capazes de minorarem a situação que descrevemos. Por essa razão estamos a levar a efeito um gigantesco esforço de investimento para que tenhamos no mais breve prazo outros hotéis abertos ao público. Tal só será possível mediante a compreensão e o apoio dos accionistas e das autoridades. O património que estamos a constituir é a única garantia contra a depreciação monetária que se verifica no mundo inteiro.

4. SITUAÇÃO ECONÓMICA-FINANCEIRA

Muito embora já se tivesse dado início à exploração do Hotel Holiday Inn Madeira através da cadeia hoteleira internacional «Holiday Inns» este empreendimento só nos proporcionou uma receita líquida da ordem dos 2000 contos, de acordo com as cláusulas contratuais estabelecidas com a referida entidade operadora. O resultado apurado que não se coaduna, evidentemente, com as potencialidades económicas da citada unidade hoteleira, é perfeitamente admissível, visto nos encontrarmos no período do seu lançamento, período esse que em termos de hotelaria abrange normalmente cinco anos.

Durante o exercício em referência elevou-se o capital social de 166 000 para 500 000 contos tendo sido a emissão destinada parcialmente à subscrição pública. O aumento levado a efeito teve em vista o plano financeiro traçado pela Administração para a consecução do seu programa de obras em curso das quais se destacam as construções dos hotéis já referidos no anterior número.

Dado o desenvolvimento da sociedade, esta procedeu ainda à aquisição da sede própria no edifício do Grupo Empresarial Grão-Pará.

Como já era de esperar este exercício fechou com saldo negativo visto estarmos ainda no período de puro investimento, sendo de assinalar que foram considerados como custos de exercício o reforço dos fundos de amortização e reintegração assim como a liquidação da verba de 6300 contos aproximadamente, correspondente ao juro intercalar do exercício de 1972 atribuído nos termos do artigo 7.º do Estatuto.

5. AGRADECIMENTOS

Durante o exercício tivemos a honra de mais uma vez receber a visita no Holiday Inn-Madeira de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, acompanhado de outros Membros do Governo. Chamado a exercer funções governativas o Senhor Dr. César Moreira Baptista cessou as funções de Secretário de Estado de Informação e Turismo, cargo em que desenvolveu notável e profícua obra a favor do Turismo Nacional.

Não podemos deixar sem uma palavra especial toda a colaboração recebida, mais uma vez da Secretaria de Estado de Informação e Turismo, especialmente de Sua Excelência o Senhor Dr. Pedro Corte Real Pinto, e do Director-Geral do Turismo, Senhor Engenheiro Álvaro Roquette.

Na resolução do problema do local de edificação do hotel Holiday Inn-Lisboa, contámos com toda a boa vontade e espírito de cooperação de Sua Excelência o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Senhor Coronel Silva Sebastião a quem manifestamos o nosso reconhecimento.

Queremos deixar bem expresso o mais elevado apreço em que temos a prestimosa actividade do Conselho Fiscal e a valiosa cooperação que nos tem prestado.

Para todos os nossos colaboradores formulamos um voto de louvor pelo zelo e dedicação com que vêm desempenhando as suas funções.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1974.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

a) *Mário de Gusmão Madeira*— Presidente
a) *Fernanda Pires da Silva*
a) *Abel Saturnino da Silva de Moura Pinheiro*
a) *Francisco Negrão de Lima*
a) *Matur — Sociedade de Empreendimentos Turísticos da Madeira, S. A. R. L.*

Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas:

Cumprindo as obrigações legais e estatutárias vimos apresentar a V. Ex.as o nosso parecer sobre o Relatório do Conselho de Administração, Balanço e Contas respeitantes ao exercício de 1973.

Foi-nos grato verificar a acção criteriosa desenvolvida pelo Conselho de Administração do qual se evidencia o aumento de capital social da ordem dos 334 000 contos situando-o portanto em 500 000 contos, o que vem possibilitar a criação das indispensáveis estruturas financeiras para dar cobertura ao grande volume de obra que a Empresa neste momento está a levar a efeito. É de realçar ainda a aquisição de uma sede própria que vem possibilitar a montagem dos seus serviços.

O Relatório, Balanço e Contas subscritos pelo Conselho de Administração proporcionam uma visão correcta e pormenorizada da situação patrimonial da Empresa.

No desempenho das nossas funções examinámos periodicamente a escrita da Empresa, tendo o Conselho de Administração apresentado todas as provas e esclarecimentos que lhe foram solicitados.

Ao longo do exercício nos diversos exames a que procedemos verificámos:

a) Que a Contabilidade, o Balanço e a Conta de Ganhos e Perdas são suficientemente informativos e satisfazem as disposições legais e estatutárias;

b) Que em relação aos critérios valorimétricos seguiu-se o adoptado anteriormente, isto é, escriturar os débitos na base dos preços de aquisição e na dos custos de construção.

Assim, o Conselho é de Parecer:

1. Que sejam aprovados, o Relatório, Balanço e Contas relativos ao exercício de 1973;

2. Que seja aprovado um voto de merecido louvor ao Conselho de Administração pelo esforço desenvolvido na expansão da Empresa;

3. Que de acordo com a proposta do Conselho de Administração seja louvado todo o pessoal, pelo zelo dedicação evidenciados no desempenho das suas funções.

Lisboa, 5 de Março de 1974.

O CONSELHO FISCAL

O Presidente, *Jorge de Melo e Faro* (Conde de Monte Real)
O Vogal, *Aristides Sain*
O Vogal, *António Baptista Duarte Silva*

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE GANHOS E PERDAS DO EXERCÍCIO DE 1973

DÉBITO

ENCARGOS DOS EXERCÍCIOS FINDOS			21 880 640$69
ENCARGOS DO EXERCÍCIO			
DE AMORTIZAÇÕES DE IMOBILIZAÇÕES INCORPÓREAS ...		2 776 485$20	
DE REINTEGRAÇÕES DAS IMOBILIZAÇÕES CORPÓREAS			
Móveis e Utensílios	65 195$20		
Hotel Madeira	7 291 706$70	7 356 901$90	
DE ENCARGOS FINANCEIROS			
Juro Intercalar, Comissões dos Bancos, etc.		6 239 216$10	
DE ENCARGOS AFECTOS À EXPLORAÇÃO GERAL LÍQUIDA			
Gastos c/ Órgãos Sociais	1 319 500$00		
Gastos c/ Pessoal	1 098 635$60		
Gastão de Gestão	5 929 062$90		
Encargos Fiscais e Parafiscais	839 994$60	9 187 193$10	25 559 796$30
			47 440 436$99

CRÉDITO

RECEITAS AFECTAS À EXPLORAÇÃO DO HOTEL MADEIRA	
Rendas	1 867 870$20
PROVEITOS FINANCEIROS	
Juros obtidos pelos n/ Depósitos	101 589$00
Saldo para o ano seguinte	45 470 977$79
	47 440 436$99

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado, pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/52437, arquivo 4 para o estabelecimento na freguesia de Santa Maria do Castelo, concelho de Alcácer do Sal, de uma linha mista a 30 kV, com 33 m (parte aérea com 18 m, e parte subterrânea com 15 m), do poste n.º 336 da linha Cachofarra-Alcácer ao posto de transformação de Plasrefor, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 19 de Abril de 1974.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

DL/GERAL

Adiada para o dia 30 a assembleia do grémio dos exportadores de frutas

A assembleia geral ordinária do Grémio do Comércio de Exportação de Frutas, foi adiada para o próximo dia 30, por falta de número de sócios, com a seguinte ordem de trabalho:

1 - apreciação e votação do Relatório e Contas referente ao ano de 1973; 2 - eleição dos três sócios para fazerem parte da Comissão Orientadora e de Fixação de Preços para o corrente ano, de harmonia com o decreto n.º 27 992; 3 - situação dos exportadores de frutas e produtos hortícolas perante a criação de novas sociedades de exportação; 4 - processo disciplinar levantado ao agremiado Henrique Fiel Lourenço.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se àvenda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

LISGESTE
Investimentos e Gestão de Bens, S. A. R. L.

Avenida 5 de Outubro, 96-7.º C e D — LISBOA-1

CONVOCATÓRIA DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

São convocados os senhores accionistas a reunirem em Assembleia Geral Extraordinária no nosso escritório sito na Rua Almirante Cândido dos Reis, n.º 34, em Montijo; no próximo dia 16 de Maio, pelas 21.30 horas; com a seguinte ordem de trabalhos:

Estudo de uma proposta do Conselho de Administração para alteração ao art.º 24.º, alínea a) dos nossos estatutos.

NOTA: Os senhores accionistas devem dar cumprimento ao disposto nos art.ºs 10.º, 11.º e 12.º dos nossos estatutos.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Guilherme da Cruz Bordeira

SINDICATO NACIONAL DOS CAIXEIROS

AV. DA REPÚBLICA, 29
LISBOA

REUNIÃO GERAL DE SÓCIOS

Na sede do Sindicato às 21.30 horas, para discussão dos seguintes pontos:

n.º 1 Informações

n.º 2 Campanha de Semana de 44 horas com encerramento ao sábado às 13 horas.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Baptista Abreu — CABAÇOS

PLASTINA, S. A. R. L.

Convoca-se a assembleia geral extraordinária da Plastina, S. A. R. L., para reunir no dia 11 de Maio de 1974, pelas 16 horas, na sede social, sita na Praça do Areeiro, 13, 1.º, d.º, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Modificação dos Estatutos;
2. Pronunciar-se sobre algumas propostas que o C. A. pretende submeter à sua apreciação.

Lisboa, 23 de Abril de 1974.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Dr.ª Cândida Preciosa Monteiro Reinas dos Santos Martins

MATUR
SOCIEDADE DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS DA MADEIRA, SARL

RUA CASTILHO, 50, 7.º
LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL DE 35 000 000$00 PARA 200 000 000$00

TROCA DE CAUTELAS PELOS TÍTULOS DEFINITIVOS

AVISAM-SE OS SENHORES ACCIONISTAS DE QUE, A PARTIR DE 3 DE MAIO PRÓXIMO, PODEM EFECTUAR A TROCA DAS CAUTELAS, REFERENTES AO ÚLTIMO AUMENTO DE CAPITAL, PELOS TÍTULOS DEFINITIVOS, NOS LOCAIS ONDE FOI FEITA A SUBSCRIÇÃO

LISBOA, 22 DE ABRIL DE 1974.

A ADMINISTRAÇÃO

O Sindicato dos Guias-Intérpretes responde ao presidente do Grémio das Agências de Viagens

Esclarecendo determinados aspectos relacionados com o exercício da actividade de guia-intérprete anteriormente focados pelo presidente do Grémio das Agências de Viagens no decorrer de uma entrevista dada ao nosso jornal, o Sindicato Nacional dos Guias e Intérpretes de Portugal enviou-nos a seguinte carta, com o pedido de publicação:

Numa entrevista concedida ao «Diário de Lisboa» pelo presidente do Grémio Nacional das Agências de Viagens e Turismo, em 21 do corrente, certos factos fundamentais ficaram omissos, o que dá origem a uma interpretação deturpada da situação actual referente aos guias-intérpretes.

Não era intenção do Sindicato Nacional dos Guias e Intérpretes de Portugal debater em público aquilo que no «Diário de Lisboa» é apresentado como «caso dos guias-intérpretes», mas, uma vez que é o próprio presidente do Grémio a fazê-lo, é este Sindicato obrigado a responder para, não só chamar a atenção para a situação destes profissionais, como ainda, e principalmente, a expor a **Verdade**.

Da leitura atenta do Decreto-Lei de 26 de Janeiro de 1971 é fácil concluir ter sido revogado tudo quanto existia respeitante a honorários.

Deste modo o Sindicato submeteu à apreciação do Grémio, em Agosto de 1971, as bases para a elaboração de uma nova tabela de honorários para os guias-intérpretes, que viria a ser objecto de negociações entre os dois organismos, realizadas no Ministério das Corporações, a partir de Dezembro desse ano.

Depois de várias manobras dilatórias o Grémio abandonou as negociações, vindo, mais tarde, a propôr um acréscimo de 30 por cento sobre as tabelas então praticadas, e que estava longe de corresponder ao índice do custo de vida até essa data.

No ano seguinte concordaram os dois organismos em que essa percentagem entrasse em vigor em 1 de Maio desse ano.

Do que atrás se expõe ressalta que no acordo entre o Grémio e o Sindicato não se tratou de uma homologação, como parece deduzir-se da afirmação feita pelo presidente do Grémio, mas sim de um **acordo particular e transitório.**

Não se entende, portanto, a «grande estranheza» do Grémio perante a nova tabela acordada pelos nossos associados, visto que, já durante as negociações directas entre os dois organismos para a celebração do Contrato Colectivo de Trabalho para o Pessoal de Informação Turística em regime permanente, em Maio de 1973, foi dado conhecimento ao Grémio «de que havia já sido elaborada uma nova tabela de honorários para os guias-intérpretes em regime livre, a qual o Sindicato faria seguir pelas vias oficiais para homologação no fim do corrente mês.»

Uma vez mais, se mostrou o desejo dos guias-intérpretes colaborarem o máximo com as agências de viagens, quando, ao terem conhecimento da denúncia do acordo, acordaram na tabela enviada às entidades interessadas.

Foi dado conhecimento às agências de viagens por circular nossa, logo em Janeiro de 1974, de que, não havendo homologação superior da nova tabela proposta, **até 31 de Março** de 1974, os guias-intérpretes cobrariam os seus serviços na base de **150$00**/hora (salário de um mecânico especializado!), a partir de 1 de Abril.

Novamente, por circular de Março, foram as agências de viagens informadas de que, a partir do dia 1 do corrente mês, a tabela mínima a cobrar seria aquela que foi enviada para homologação superior, a fim de modo nenhum se praticarem preços desprestigiantes para a classe.

Têm os guias-intérpretes encontrado a melhor compreensão da parte das agências de viagens, com raras excepções, talvez provocadas por uma circular enviada pelo dito Grémio.

Esperam confiantes os guias-intérpretes a resolução superior daquilo que o Grémio classifica de problema e que não passa de mera situação transitória até à homologação da tabela mencionada no Decreto-Lei 16/71.

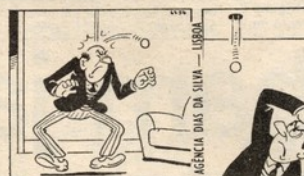
Do exposto se conclui que a situação de impasse a que se chegou não é culpa dos guias-intérpretes, como o presidente do Grémio afirma.»

Câmara de Lagos:

Biblioteca e aeroporto

LAGOS, — Na segunda reunião quinzenal da Câmara Municipal desta cidade, o seu presidente, dr. Figueiredo Luís, comunicou a deslocação efectuada à Fundação Gulbenkian onde teve oportunidade de verificar que o problema da construção do edifício para a biblioteca oferecida pela viúva do dr. Júlio Dantas está a ser estudado, tendo em vista a sua efectivação dentro da brevidade possível.

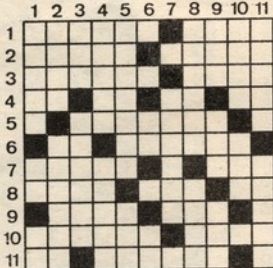
Na mesma reunião foram tomadas outras deliberações, nomeadamente consultar o proprietádio do terreno junto ao aeródromo sobre as condições em que estará disposto a vendê-lo com vista ao prolongamento da pista, aprovar novo orçamento para um edifício de apoio ao aeroporto, convidar um arquitecto para elaborar o plano urbanístico do bairro da Abrótea, concordar com as condições para a prestação de assistência técnica pela Junta Distrital de Faro, pôr a concurso diversas obras municipais de interesse geral e aprovar diversos projectos de obras particulares bem como aprovar a conta de gerência dos Serviços Municipalizados respeitante a 1973, a qual encerrou com um saldo de 2700 contos.

O actor cómico americano Danny Kaye quando provava um molho do mais célebre cozinheiro francês, Alexandre Dumaine, cognominado «Alexandre o Grande». Dumaine morreu na terça-feira com 78 anos.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10765

HORIZONTAIS

1 Celebrar em verso. Ardil.
2 Levantais as abas a. Calhaus.
3 Agravas. Embarcações grandes.
4 Batráquio. Viração. Átomo. Apelido.
5 Pesarosos.
6 Crómio (s.q.). Abrisse.
7 Chiadas. Anuência.
8 Concha de balança. Apelido. Solitário.
9 Invulgar. Fruto da ateira.
10 Casinhola. Em que lugar.
11 Preposição. Cortai com serra.

VERTICAIS

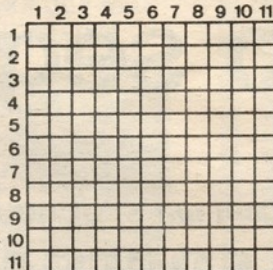
1 Ilha do mar Tirreno no golfo de Nápoles. Duzentos em romano. Cério (s.q.).
2 Ilha de Judá. Lastimam.
3 Recusa. Dobrada.
4 Sacar. Gorgulhos tropicais.
5 Guarnecerias de asas. Preposição.
6 Senhor. Atmosfera.
7 Compromete sériamente.
8 Retruques (pop). Leva a reboque.
9 Marisco do Senegal e Cabo Verde. Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Agência Telegráfica de Imprensa.
10 Malas. Aqui está.
11 Pronome demonstrativo (pl): Habitem.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6923

HORIZONTAIS:

1 Resmunga. Tecido de algodão ou linho muito transparente.
2 Lavrei. Fechas as asas para descer mais depressa.
3 Conjunção. Um cento. Pedras de moinho.
4 Tempo do verbo haver. Largo de Lisboa. Apelido.
5 Apelido.
6 Foras para fora. Mitologia.
7 Oceano. Filtro.
8 Samário (s.q.). Uma das espórades. Bromo (s.q.).
9 Artigo indefinido. Mágoa. Tritura.
10 Presentemente. Tira de couro a que vai preso o cão de caça.
11 Nome de um planeta. Saudáveis.

VERTICAIS:

1 Maliciosas. Antes de Cristo.
2 Superfície plana delimitada. Brame.
3 Preposição. Víscera dupla. Maior.
4 Cento e um em romano. Fisionomias. Nota musical.
5 Parceiros.
6 Crias. Moderato.
7 Dois mil e cinquenta em romano. Fende.
8 Campeão. Interjeição que exprime espanto. Artigo definido.
9 Consentimento. Espádua. Espaço de trinta dias.
10 Saudáveis. Palmatoada.
11 Atacarias.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10764

HORIZONTAIS:

1 AGUA. Peruca.
2 Mar. E. LENHA.
3 Om. Via. Aiar.
4 Laves. Apo.
5 In. Ema.
6 Ronha. Olaré.
7 Cana. Clam.
8 Ala. Apressa.
9 CADA. Ais.
10 Emana. DIA.
11 Risota. Eros.

VERTICAIS:

1 Amolar. Acer.
2 Gama. Lami.
3 Ur. Vincadas.
4 VENHA. Ano.
5 Eis. Ana. AT.
6 Apá.
7 El. Amo. Ris.
8 Rea. Alces.
9 Unia. Ais. Dr.
10 Chaparas. Io.
11 Aaro. Emalas.

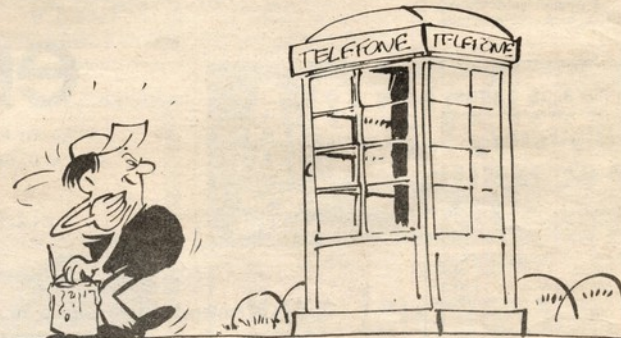
Provérbio: ÁGUA E LENHA, CADA DIA VENHA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6922

HORIZONTAIS:

1 Atroa. Porto.
2 Crepitarias.
3 Ais. Ras. Mit.
4 To. Cossa. Si.
5 Calcara.
6 Mil. Pia.
7 Havre. Casca.
8 Or. Astro. Al.
9 Rol. Tui. ANI.
10 Ataca. Milho.
11 Sasão. Er. Au.

VERTICAIS:

1 Acata. Horas.
2 Trio. Marota.
3 Res. CIV. Lãs.
4 Op. Caira. Ca.
5 Airol. Estão.
6 Tasca. Tu.
7 Passa. Crime.
8 Ro. Arpão. Ir.
9 Rim. Ais. Al.
10 Tais. Acanha.
11 Óstia. Aliou.

REUNIÃO DE MOTORISTAS EM LOURENÇO MARQUES

LOURENÇO MARQUES, 25 (ANI) — Realizaram-se hoje de manhã os funerais de Joaquim Gonçalves dos Santos e José Luís, os dois camionistas da capital que no passado Domingo foram vítimas de um atentado terrorista alguns quilómetros a sul do Inchope, no distrito de Vila Pery.

Anteontem, cerca de meia centena de camionistas reuniram-se perto do hospital de S. José, à entrada da cidade de Lourenço Marques, onde se deslocou o governador do respectivo distrito tenente-coronel Custódio Nunes, para com eles entabular conversações. Um representante dos motoristas pediu-lhe então maior protecção na zona do Inchope e que lhes fosse autorizada a posse de armas de defesa.

As conversações prosseguiram à tarde, pelas 16 horas, no edifício do governo do distrito, onde Custódio Nunes recebeu cinco representantes dos camionistas e um delegado do grémio das empresas transportadoras. Como resultado desta reunião, o governador do distrito de Lourenço Marques contactou o comando da Polícia de Segurança Pública, que se encarregou do dispositivo de segurança sugerido.

Entretanto, o trânsito na estrada nacional número um — Lourenço Marques — Beira — segundo informações confirmadas, continua a processar-se regularmente.

Colóquio na Ordem dos Engenheiros

A Secção Regional de Lisboa da Ordem dos Engenheiros leva a efeito hoje, pelas 21 e 30 na sede da Ordem, um colóquio subordinado ao tema «Existência, condições de realização e critérios de apreciação dos estágios na obtenção do título profissional».

A mesa que orientará os trabalhos será formada pelos engenheiros Nuno Pedro da Silva, Fernando Abecassis, Bernardo Herold, António Garcia, Jorge Bento e Machado Rodrigues.

O assunto do colóquio, já abordado num inquérito no Boletim Informativo da Ordem dos Engenheiros, reveste-se da maior importância para todo o sector profissional, já que está em causa a análise dos estágios quer ao nível de um complemento de escolaridade obrigatória, quer de uma formação profissional que integre os novos engenheiros no mundo do trabalho, ponto da sua utilidade social e da sua realização humana, tanto mais que a entrega de um relatório constitui problema de tal importância que, independentemente de uma prática profissional efectiva, priva muitos engenheiros do exercício legal da sua profissão.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado, pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/52221, arquivo 4 para o estabelecimento, na freguesia de Santa Maria do Castelo, concelho de Alcácer do Sal, de uma linha aérea a 30 kV, com 87 m. do poste n.º 347 da linha Cachofarra-Alcácer ao posto de transformação de Adelino Castelo Crespo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 20 de Abril de 1974.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Agradecimento

Eng.º José Manuel Sócorro Domingues

Sua mulher, mãe, irmã, sobrinho, tios, sogros e cunhados agradecem reconhecidos aos médicos, irmãs e pessoal do Hospital de Setúbal que tão eficiente e carinhosamente o trataram.

HÓQUEI EM PATINS

O DESPORTIVO DE L. MARQUES NA GRANDE HORA EUROPEIA

Regressando de Novara com uma vantagem de 9 golos, pode-se desde já considerar o Desportivo de Lourenço Marques na terceira eliminatória da «Taça dos Campeões Europeus», de hóquei em patins. Por isso mesmo, o encontro da segunda «mão», a cumprir no próximo sábado à noite, no pavilhão da Juventude Salesiana, assume carácter muito especial, uma vez que o resultado da eliminatória não está em causa, mas existe curiosidade em testemunhar a exibição que os lourenço-marquinos podem oferecer ao público que se deslocar até ao Estoril.

Em boa verdade, não se esperava que Fernando Adrião e seus pares conseguissem, no recinto do Novara, uma vitória tão esclarecedora, baseada em tão fulgurante actuação que chegou a entusiasmar os adeptos do clube italiano. E, se nos lembrarmos de que este mesmo Novara afastou há dois anos a equipa do Ferroviário de Lourenço Marques, da final da prova europeia (tendo os portugueses perdido em Itália por uma margem de 5 tentos), somos forçados a admitir, pela lógica, que o Desportivo se encontra numa «forma» excepcional e suficientemente moralizado para ir ultrapassando todos os obstáculos que lhe surgirem no caminho até conseguir alcançar, para o nosso país, o único título que falta no glorioso historial da modalidade.

Testemunhos idóneos que foi a magnífica jornada em Novara, garantem-nos que a turma campeã nacional está num apuro sensacional, desafiando qualquer confronto e em qualquer recinto: o regresso de Fernando Adrião (que soube compensar o peso dos anos com a experiência ganha quando se firmou como um dos melhores praticantes do Mundo) decerto que emprestou ao «cinco» uma força e um à-vontade difícil de encontrar em qualquer outra formação sem esquecer que, além deste regresso, a inclusão de Amilcar também contribuiu muito para maior «poder» do campeão nacional.

Tudo isto faz com que renasçam as esperanças do triunfo europeu (a nível de clubes portugueses) que nos anda fugindo há imenso tempo. Todavia, cria-se um problema: com valores tão positivos como que integram a caravana do esportivo, que fará o seleccionador nacional (Torcato Ferreira) para formar a selecção nacional?

Uma certeza: Torcato Ferreira é um homem que sabe o que quer e conhece o caminho que terá de trilhar para alcançar os objectivos em mente. E, nunca a crise de abundância prejudicou qualquer actividade...

VOLEIBOL

O Leixões está perto do título nacional

Ao defrontar (no Estádio da Luz) a equipa do F.C. Porto, num embate de que saíu derrotada por 1-3, a equipa de voleibol do Benfica viu comprometidas as suas aspirações quanto à conquista do título máximo da modalidade.

Efectivamente, e tendo ainda de se deslocar a Leixões, vaticina-se dificílima a viagem dos «encarnados», pois sabe-se como actuam as equipas nortenhas no seu reduto, contando sempre (e de que maneira) com os incitamentos e apoio da generosa massa dos seus adeptos.

Vejamos, entretanto, o quadro actual relativamente às três equipas em foco e os resultados possíveis: Benfica — 1 vitória e 2 derrotas, 6 - 6 em «sets»; Leixões — 2 vitórias e 1 derrota, 6 - 5; e Porto — 2 vitórias e 2 derrotas, 8 - 9.

O Benfica, para ser campeão, tem de vencer o Leixões, pois havendo igualdade em vitórias e derrotas o «set-average» é-lhe favorável. Mas, se o Leixões ganhar o encontro com os «encarnados», de Lisboa, o título queda-se em Matosinhos. Por seu lado, o Porto fica a aguardar o resultado que se verificar entre lisboetas e leixonenses.

Quanto ao jogo da Luz, pode dizer-se que foi caracterizado, dum modo geral, por má actuação dos lisboetas, «irreconhecíveis» e mal organizados na defesa, (mormente no 1.º «set».) e com desastrada actuação no «set» derradeiro.

Os 2.º e 3.º «sets» foram equilibrados e a vitória do Benfica no segundo pode ficar a dever-se à acentuada melhoria de ataque (com relevo para Francisco João) e a uma mais perfeita organização de jogo.

No 3.º «set», os nortenhos (rectificando o seu sistema de jogo e fazendo entrar José Carneiro para o lugar de Ernesto) conseguiram superiorizar-se, vencendo embora com dificuldade um duelo que teve os seguintes resultados numéricos: 15/3; 9/15; 15/12 e 15/4.

Equipa do Benfica: Caroço, Valério, Pernão, Helder, Duarte, Matias, João, Moisés, Alfredo e Figueiredo.

Porto: Nora, Monterroso, Gonçalves, Pedrosa, Moreira, Martins. Ernesto e Carneiro.

Distinguiram-se Valério (sempre bem), Alfredo e João (no Benfica) e Gonçalves, Moreira e Nora (Porto).

A arbitragem de Alberto Mendes (Porto) e Oliveira e Silva (Lisboa) pode considerar-se aceitável, se bem que a dupla tenha cometido alguns erros, embora sem qualquer influência no resultado.

FERNANDO MONTEIRO

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇAO PARA O CONCURSO N.º 34 DE 28 DE ABRIL 1974

Beira Baixa, 111 1x1 1x2 1111; Boa Nova, 111 212 111 1112; Brados do Alentejo, 111 x12 122 x121; Cardeal Saraiva, 111 11x 11x 1112; Cavalgada do Ritmo, 111 x12 1xx 1112; Centro Desportivo, 111 x12 12x 11x1; Correio dos Açores, 111 x12 11x 111x; Correio de Coimbra, 111 112 111 111x; Correio do Vouga, 111 112 12x 1111; A Defesa, 111 21x 1xx 112x; O Distrito de Portalegre, 112 21x 222 2xxx; Eco de Estremoz, 111 212 1x2 111x; Ecos do Desporto, 111 x12 11x 1111; Eu Sei Tudo, 1x2 112 1xx 12x1; Folha do Domingo, 111 21x 1x1 1x11; Imagens Piedenses, x11 21x x11 xx11; Jornal do Barreiro, 111 212 11x x121; O Jornal de Felgueiras, 111 x12 1x2 1111; Jornal do Fundão, 111 x1x 12x 211x; O Jornal da Lixa, 111 211 x12 1112; Jornal de Sintra, 111 x12 11x 111x; Jornal do Sul, 111 111 1xx 1112; Jornal de Viseu, 111 112 x11 11x2; Linhas de Elvas, 111 212 112 11x1; O Norte Desportivo, 111 x12 1xx 1112; Notícias de Felgueiras, 111 212 11x 11xx; Notícias de Gouveia, 111 212 122 111x; Povo Algarvio 111 11x 1x2 1112; Presença Coimbrã, 111 x12 121 11x1; Reconquista, 111 111 1x2 11x1.

O Algarve, 111 x12 111 xx22; Auto Rádio, 111 x1x 11x 1x1x; Clube do Ar, 111 x12 11x 1111; O Benfica, x11 x12 11x 111x; Ritmo, x1x 212 x2x 111x; Revista Desportiva, 111 x12 111 xx11; O Comérico de Leixões, 111 112 1x2 x111; Comércio de Portimão, 111 x11 11x 1122; O Concelho de Estarreja, 111 x1x 1x2 111x; Às 10 espere por nós, x11 x1x 2x2 x1x2; Diário de Coimbra, 111 x12 111 1111; Diário do Porto, 111 111 12x 2x11; Ecos de Cacia, 111 212 11x 1112; Estrela da Manhã, 111 x12 11x 11x2; Estúdio 64, 111 112 12x 1x12; Dos fracos não reza a história, 21x 211 x21 212x; Gazeta das Caldas, 111 x12 1xx 1x1x; João Semana, 111 x12 1x2 1x2x; Novidades, 111 212 1x1 11x1; Jornal da Graça, 111 112 112 1111; O Mensageiro, 111 x1x 111 1111; Litoral, 11x x11 1x1 1x1x; Manchete Desportiva, 111 11x 121 11x1; Maria da Fonte, 111 212 1xx 11xx; A Ordem, 111 111 112 x11x; Peça que não maça, 111 212 112 1111; Penalti, 111 112 1x1 1111; Placard Desportivo-Açores, 111 x12 11x 1x12; Póvoa de Lanhoso, 111 x11 11x 1121.

Bondiazinho, 221 111 1x1 x112; Brado Africano-Desporto, 111 x12 1x2 11x1; Brado Africano-Ronga, 11x x12 121 1121; Domingo Alegre, 111 111 111 x122; Jornal Desportivo, 111 x1x 112 1xx2; Passatempo, 11x 221 1x1 1x12; Revista Desportiva-Moç., 111 x12 1x2 11x2; Roteiro Sonoro, x11 12x 111 1222; Terceiro Programa, 111 111 1x1 2xx1; 20 Ponto D, 111 111 111 2122; Quelimane 73, 111 212 1xx x21x; Renovação-Moç., 211 112 11x 11x2; Diário, 111 x12 1x1 1x1x; Jornal da Beira, 11x 112 112 11x2; Mundo Desportivo, 111 212 112 11xx; Rádio Altitude, 111 112 11x 1112; Rádio Oceano, 111 212 1x2 1x1x; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Renovação, 111 x12 11x 11x1; Repórter do Dia-Angola, 111 x12 112 1111; República, x11 112 121 1x22; Encontro Musical, 111 112 112 111x; Ritmo e Amizade, 111 x1x 11x xx11; Telejornal Regional do Norte, 111 111 1x1 1x12; O sorriso da hora do almoço, 112 x1x 1x2 xx11; A Voz Desportiva, 111 112 122 21x2; A Voz do Domingo, 111 211 112 1111; Voz de Lamego, 111 112 112 x11x; A Voz de Palmela, 111 212 1x2 11xx; A Voz dos Ridículos, 111 112 11x 1111.

Sporting, 111 x12 11x 1111; Diário de Lisboa, 111 x12 12x x121; Voz do Casa Pia, 111 x12 11x 1111; Época, 111 x11 1x2 x111; Notícias de Évora, 111 21x 12x 111x; Fómula Jota, 1x1 x11 121 x111; Notícias do Totobola, 111 x1x 1xx 1111; Jornal de Notícias, 111 111 x1x 1x1x; O Primeiro de Janeiro, 111 212 1x2 1111; Rádio Sports, 111 11x 112 111x; Folha de Tondela, 111 112 111 1112.

	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. SPORTING-BELENENSES	92	6	3	10	1	1
2. PORTO-BARREIRENSE	98	2	1	10	1	1
3. CUF-BEIRA MAR	92	6	3	10	1	1
4. ATLÉTICO-FARENSE	35	41	25	4	5	3
5. BOAVISTA-FAMALICÃO	98	1	2	10	1	1
6. AVINTES-U.TOMAR	21	20	60	3	2	7
7. OLHANENSE-SALGUEIROS	93	6	2	10	1	1
8. OVIEDO-MÁLAGA	48	35	18	6	4	2
9. ATLÉTICO MADRID-BARCELONA	28	39	34	3	5	4
10. VALENCIA-SARAGOÇA	77	17	7	9	2	1
11. ELCHE-MÚRCIA	75	22	4	9	2	1
12. SANTANDER-GRANADA	64	23	14	7	3	2
13. ESPANHOL-REAL MADRID	42	30	29	5	4	3

a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:

111 X12 11X 1111

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO EXTRAORDINÁRIO DE 27 DE ABRIL A 2 DE MAIO DE 1974

Boa Nova, 122 212 122; Brados do Alentejo, 112 222 x11 11x; Cardeal Saraiva, 11x 11x 11x x11; Cavalgada do Ritmo, 112 122 x1x 2x2; Centro Desportivo, 122 121 21x 1x1; Correio dos Açores, 122 1x2 x1x 21x; Correio de Coimbra, 1x2 122 122 x22; Correio do Vouga, 112 1x2 111 212; A Defesa, 1x2 122 x22 22x; O Distrito de Portalegre, 11x 121 x2x 22x; Eco de Estremoz, 112 1x2 2x1 222; Ecos do Desporto, 112 1x2 x11 x2x; Folha de Domingo, 112 112 1x1 xx1; Imagens Piedenses, 1x2 1x2 2x1 122; Jornal do Barreiro, 112 1xx x22 121; O Jornal de Felgueiras, 112 122 11x x1x; Jornal do Fundão, 122 1x2 211 2x2; O Jornal da Lixa, 111 1x2 111 221; Jornal de Sintra, 112 122 111 22x; Jornal do Sul, 112 122 211 222; Linhas de Elvas, 122 122 x11 212; O Norte Desportivo, x12 112 x2x 212; Notícias de Felgueiras, 112 122 xx1 22x; Notícias de Gouveia, 122 122 111 21x; Povo Algarvio, 112 121 122 121; Presença Coimbrã, 122 122 212 1x2; Reconquista, 1x2 11x 111 111; Renovação, 111 122 1xx 222; Encontro Musical, x1x 11x 122 x1x; Eu Sei Tudo, 12x 122 2xx 121.

O Algarve, 11x 122 1x1 12x; Auto Rádio, 111 111 111 21x; O Emigrante, 122 x22 21x xxx; Clube do Ar, 1x2 1x2 212 212; O Benfica, 122 122 22x x22; Revista Desportiva, x12 122 x11 122; Ritmo, 11x 1x2 1x1 x2x; O Comércio de Leixões, 1x2 122 x1x 222; Comércio de Portimão, 112 112 111 21x; O Concelho de Estarreja, 1xx 1x2 2x1 112; Às 10 espere por nós, 1xx 1x2 x12 xxx; Diário do Porto, 11x x2x x2x xx2; Ecos de Cacia, 112 111 121 121; Estrela da Manhã, 11x 1x1 1x1 222; Estúdio 64, 11x 112 x2x x1x; Dos fracos não reza a história, x11 1x2 22x x12; Gazeta das Caldas, 112 122 111 2x2; João Semana, x22 112 21x 11x; Novidades, 1x2 112 x11 121; Jornal da Graça, 111 111 111 111; O Mensageiro, 122 122 21x 1x2; Litoral, 122 122 211 212; Manchete Desportiva, 112 x22 x21 x2x; Maria da Fonte, 112 122 2xx 121; A Ordem, 112 x11 211 221; Peça que não maça, 112 122 222 x2x; Penalti, 112 122 222 122; Placard Desportivo, 112 11x 11x 111; Placard Desportivo - Açores, 11x 112 xx1 x12; Póvoa de Lanhoso, 112 122 111 212.

Bondiazinho, 121 112 112 211; Brado Africano-Desporto, 122 1x2 112 1x2; Brado Africano - Ronga, 1x2 122 x1x 112; Domingo Alegre, 112 112 11x 111: Passatempo, x22 11x 112 2xx; Revista Desportiva-Moça., 122 1x2 1x1 212; Roteiro Sonoro, xx1 122 x11 212; Terceiro Programa, 212 112 111 212; 20 Ponto D, 211 112 111 111; Renovação-Moç., 11x 12x 122 12x; Mundo Desportivo, 11x 122 1xx 222; Notícias de Évora, 1x2 122 x1x x22; Rádio Altitude, 112 1x2 111 2x2; Rádio Oceano, 112 112 11x 112; Rádio Placard, 111 11x 111 211; Repórter do Dia-Angola, x12 112 x12 2x2; República, 1x2 122 xx1 x2x; Ritmo e Amizade, 1xx 1x2 22x xx2; Telejornal Regional do Norte, 112 122 111 222; O sorriso da hora do almoço, 211 1x2 x2x 1x2; A Voz Desportiva, 122 122 211 212; A Voz do Domingo, 112 122 xxx 122; Voz de Lamego, 112 122 x11 222; A Voz de Palmela, 121 122 x11 222; A Voz dos Ridículos, 212 122 222 1x2; Época, 222 1x2 x2x 212; Sporting, 1x2 122 x11 222; Diário de Lisboa, 122 1xx 111 2xx; Voz do Casa Pia, 112 122 111 222; Fórmula Jota, 112 211 211 211;

Notícias do Totobola, 112 122 222 121; Jornal de Notícias, 112 122 111 x22; O Primeiro de Janeiro, 1x2 112 111 21x; Rádio Sports, 111 111 111 112; Folha de Tondela, 122 112 111 212.

Nº JOGOS	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. ESTRELA VERMELHA - ANDERLECHT	81	9	5	10	1	1
2. GUIMARÃES - ACADÉMICA	57	17	21	7	2	3
3. CANNES - AJAX	12	15	68	2	2	8
4. BENFICA - SETÚBAL	89	4	2	10	1	1
5. GUIMARÃES - ESTRELA VERMELHA	27	21	47	3	3	6
6. CANNES - BENFICA	10	10	75	1	1	10
7. SETÚBAL - AJAX	41	29	25	5	4	3
8. ACADÉMICA - ANDERLECHT	58	16	21	7	2	3
9. GUIMARÃES - ANDERLECHT	49	28	18	6	4	2
10. CANNES - SETÚBAL	31	20	43	4	3	5
11. ACADÉMICA - ESTRELA VERMELHA	37	18	40	5	2	5
12. AJAX - BENFICA	20	25	50	3	3	6

(a) - *Nos termos do Artº 10º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.*

E a "CHAVE" lógica será:

112 122 111 222

Comunicado das 11 e 45

«Na sequência das acções desencadeadas na madrugada de hoje, com o objectivo de derrubar o regime que há longo tempo oprime o País, as Forças Armadas informam que de Norte a Sul domina a situação e que em breve chegará a hora da libertação.»

«Reafirma-se o desejo veemente de evitar derramamento de sangue mas igualmente se reafirma a decisão inabalável de responder decidida e implacavelmente a qualquer oposição que as forças militarizadas e policiais pretendam oferecer.»

«Recomenda-se de novo à população que se mantenha calma e nas suas residências para evitar incidentes desagradáveis cuja responsabilidade caberá integralmente às poucas forças que se opõem ao Movimento.»

«Chama-se a atenção de todos os estabelecimentos comerciais de que devem encerrar imediatamente as suas portas, colaborando desta forma com o Movimento, de modo a evitar açambarcamentos desnecessários e inúteis.»

«Caso esta determinação não seja acatada, será forçoso decretar o recolher obrigatório. Ciente de que interpreta fielmente os verdadeiros sentimentos da Nação, o Movimento das Forças Armadas prosseguirá inabalavelmente na missão que a sua consciência de portugueses e militares lhes impõe. Viva Portugal!»

POSSIBILIDADE DE RECOLHER OBRIGATÓRIO

Às 11 e 45, o Comando do Movimento difundiu um comunicado aconselhando o imediato encerramento de todos os estabelecimentos comerciais, para evitar o açambarcamento. Caso este conselho não seja seguido, as forças do Movimento decretarão o recolher obrigatório.

OCUPADA A RUA ANTÓNIO MARIA CARDOSO

Às 12 e 20 averiguou-se que forças da Marinha tomaram conta da Rua António Maria Cardoso, onde se encontra a sede da Direcção-Geral de Segurança.

O DISTINTIVO DO MOVIMENTO

As viaturas do Exército que pertencem ao Movimento ostentam nos vidros, como distintivo, um quadrado de cor vermelha.

MINISTROS RUMO AO ESTORIL

Às 12 e 25, fomos informados de que, num veículo do Exército, seguiam em direcção ao Estoril os ministros Silva Cunha, Moreira Baptista e Rebello de Souza.

O DESARMAR DOS POLÍCIAS

Às 12 horas, foi detido no bar do Rádio Clube Português o tenente-coronel Vinhas, que trajava civilmente. Recusava todo e qualquer contacto com o comando do Movimento.

Entretanto, um caixote de armas entrava na arrecadação do R.C.P.: era o resultado do desarmamento dos polícias. Estes, calmamente, entregavam as armas.

Em Santarém

Nesta cidade, onde a situação se mantém calma, os militares procederam, a meio da manhã, à distribuição de exemplares da proclamação do movimento. Consta entretanto, que o comandante da Escola Prática de Cavalaria está preso. Os C.T.T. locais foram ocupados pelos militares.

A situação na Emissora Nacional

Às 10 horas da manhã, o trânsito efectuava-se normalmente junto à Emissora Nacional na Rua do Quelhas. As portas do edifício encontravam-se encerradas, vendo-se no interior um soldado armado e muitos outros nas varandas do edifício. No exterior, juntavam-se os funcionários que iam chegando e eram delicadamente impedidos de entrar por um capitão do Exército.

Segundo uma produtora da estação, foi pouco depois das 4 horas da madrugada que chegaram à Rua do Quelhas dois camiões com tropa. Dois oficiais aproximaram-se da porta da estação oficial, acompanhados por soldados armados, e prenderam dois guardas que se encontravam tavam também armados. Convidaram-nos a depor as armas e a regressarem à esquadra a que pertenciam.

Ao chegarem à estação, o primeiro locutor de serviço e um técnico foram convidados a abrir a emissão e a lerem um comunicado do Posto de Informação do Movimento das Forças Armadas.

A situação matinha-se idêntica — calma — ao fim da manhã, continuando a Emissora Nacional a difundir comunicados e a emitir música portuguesa e o Hino Nacional.

Os primeiros acontecimentos

2 horas — Estão de prevenção várias unidades militares; 3 horas — Ocupação, por forças militares armadas, de postos de radiodifusão da E. N. (Quelhas), Rádio Clube Português e Radiotelevisão Portuguesa.

O Rádio Clube Português passa a emitir comunicados destinados a elementos militarizados e à classe médica, pedindo «a máxima prudência» e a colaboração com os Hospitais Civis.

Este posto encontra-se ocupado por forças do Batalhão de Caçadores 5.

Segundo os comunicados emitidos, Lisboa encontra-se completamente cercada por forças militares não identificada. O aeroporto da Portela encontra-se ocupado militarmente.

5 horas — Começa a funcionar o dispositivo de defesa governamental.

Às forças policiais que se encontram junto aos ministérios juntam-se tropas de artilharia, vendo-se auto-metralhadoras e blindados na Praça do Comércio e na Rua do Ouro.

Elementos da DGS montam barricadas na Rua António Maria Cardoso.

Terão saído forças da Carregueira, ao que parece pertencentes ao movimento dos militares.

5 e 30 — Membros do Govérno, bem como o Presidente da República, estariam detidos.

O Terreiro do Paço é ocupado por autometralhadores de Santarém a que se juntaram as tropas ali estacionadas.

6 e 30 — A O. R. T. F. relata o acontecimento, relacionando-o com a guerra colonial.

A SITUAÇÃO EM COIMBRA

Em Coimbra todos os quartéis estão encerrados, notando-se no aquartelamento da G. N. R., além dos portões fechados, um reforço de sentinelas interior e exteriormente.

Na Rua Antermde Quental, onde fica situado o Quartel-General (também encerrado), bem como a secção da PIDE e a Direcção de Finanças, movimentavam-se patrulhas da P. S. P.

À porta do Serviço de Saúde aglomeravam-se numerosas pessoas (familiares de soldados que se encontram nas colónias), aguardando a abertura dos portões para receberem as pensões, visto ser hoje o dia do seu pagamento.

As aulas estão a decorrer normalmente na Universidade e nos demais estabelecimftos de ensino. Os transportes públicos funcionam cgmo habitualmente e nota-se por parte da população um grande interesse em escutar as notícias difundidas pela Rádio sobre o desenrolar dos acontecimentos.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado, pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/52224, do arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de S. Sebastião, concelho de Setúbal, de uma linha aérea a 30 kV, com 431 metros do poste n.º 24 da linha Cachofarra-Alcácer ao posto de transformacão de Manuel Gonçalves Branco, Herdeiros.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 19 de Abril de 1974.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

bolsa de LISBOA

COTAÇÃO DE ONTEM

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons. 23/4 %	—	—	430$
Cons. 3 %	—	445$	—
Cons. 3 1/2 %	—	—	—
Centenários	1.320$	1.310$	1.330$
Tes. 5 % 57	1.010$	1.000$	—
Tes. 5 % 59	—	—	—
Extern. 1.ª-s.	—	—	—
Extern. 1.ª-c.	—	:	—
Extern. 3.ª-s.	—	—	—
Extern. 3.ª-c.	—	730$	—
Caut. 3.ª-s.	—	—	160$

FUNDOS PÚBLICOS

	Efect.	Compra	Venda
A. Lx. 6 %	—	850$	—
C. M. L. 5 3/4 %	1.005$	1.005$	—
C. P. 5 1/2 % 67	820$	810$	—
C. P. 5 1/2 % 68	—	810$	—
C. P. 5 1/2 % 69	—	810$	—
Corr. 5 3/4 %	—	—	900$
Metr. 5 3/4 %	—	—	890$
Tur. 5 3/4 %	—	1.005$	—
C. P. 6 3/4 %	—	970$	980$

ELÉCTRICAS

	Efect.	Compra	Venda
G. 5 % 58	820$	—	820$
G. 5 % 59	—	810$	—
G. 5 % 62	—	—	—
G. 5 % 63	—	—	—
G. 5 % 64	—	—	—
G. 5 % 65	—	—	—
G. 6 % 67	—	—	—
G. 6 % 69	90$	—	920$
G. 7 %	1.010$	1.010$	—
H. E. A. A. 5 %	—	700$	—
H. E. C. 5 %	—	730$	—
H. E. C. 6 %	855$	855$	—
H. E. D. 5 %	710$	710$	—
H. E. D. 6 %	—	850$	855$
H. E. N. P. 5 %	—	—	—
H. E. S. E. 5 %	—	—	—
H. E. S. E. 6 %	—	—	855$
H. E. Z. 5 % 57	—	—	800$
H. E. Zèz. 6 %	—	850$	855$
N. Elec. 5 %	—	—	690$
N. Elec. 6 %	—	—	850$
Termoel. 5 %	—	680$	—
U. E. P. 5 % 60	—	—	—
U. E. P. 5 % 63	—	—	—
U. E. P. 6 %	—	—	850$
U. E. P. 7 %	—	950$	—

DIVERSAS

	Efect.	Compra	Venda
A. P. T. 5 % 56	—	—	780$
A. P. T. 5 % 58	835$	835$	840$
Lisnave 6 %	—	—	—
Nitratos 60	—	—	—
Pet. 2.ª e 3.ª	—	920$	—
Sacor 7 %	990$	990$	995$
Sacor 5 % 54	—	980$	—
Sacor 5 % 60	850$	850$	—
Sid. 5 % 2.ª	—	—	700$
Sid. 5 % 3.ª	—	—	710$
Sid. 5 % 4.ª	—	—	—
Socel 5 %	—	—	—
R. Fabril 67	850$	850$	855$
R. Fabril 68	—	850$	855$

ULTRAMARINAS

	Efect.	Compra	Venda
Carbonif. 5 %	—	—	620$
Rev. 5 % 57	—	—	—
Rev. 5 % 59-60	—	—	610$
Moçambique 5 %	—	—	—
Sonefe 5 %	790$	—	790$

ACÇÕES

De Bancos

	Efect.	Compra	Venda
Agricultura	—	—	5.050$
Algarve	3.580$	—	3.580$
Alentejo	2.400$	—	2.400$
Angola	5.650$	—	5.650$
Borges & Irmão	8.050$	8.050$	8.100$
Crédito Predial	4.940$	—	4.940$
Espírito Santo	9.700$	—	9.700$
Fomento	4.700$	—	4.700$
F. & Burnay	104.250$	104.250$	—
Intercontinental Português	—	—	9.500$
N. Ultramarino - m.	5.800$	7.750$	—
N. Ultramarino - c.	7.950$	—	7.950$
Pinto & Sotto Mayor	14.450$	14.450$	—
Portugal - n.	7.400$	—	7.500$
Portugal - p.	8.500$	8.400$	8.550$
P. Atlântico	15.850$	15.850$	16.000$
Totta & Açores	8.600$	8.600$	—
Pinto Magalhães	8.200$	—	8.200$
Fernandes de Magalhães	—	—	6.350$

	17-4-74	22-4-74	24-4-74
GERAL	306,2	292,2	285,4
METROPOL	320,6	305,1	2974
ULTRAM	200,5	197,9	197,1

De Seguros

	Efect.	Compra	Venda
Alentejo	—	—	550$
Bonança	—	—	14.200$
Império	54.600$	54.600$	—
Mundial	3.760$	—	3.760$
Soberana	5.550$	—	5.550$
Tranquilidade	10.300$	—	10.300$

Eléctricas

	Efect.	Compra	Venda
C. P. E. - p.	1.220$	1.220$	—
C. P. E. - n.	—	1.200$	1.210$
E. Beiras	—	1.750$	1.770$
G. Electricidade - c.	352$	—	352$
H. E. A. A.	—	—	—
H. E. N. P.	—	280$	—
H. E. S. E.	1.650$	1.600$	1.650$
U. E. P.	200$	—	200$

Ultramarinas

	Efect.	Compra	Venda
Ag. Cassequel	865$	—	865$
Ag. Incomati	—	—	1.650$
Ag. S. T. e P.	—	270$	—
Aç. Angola	1.330$	—	1.330$
Alg. Angola	—	—	270$
Ang. Agricultura	—	—	715$
Boror	410$	—	410$
Boror Com.	—	—	120$
Buzi	—	—	118$
Cabinda	190$	—	190$
Com. Lobito	410$	410$	—
D. A. T. 100	—	—	—
H. E. Revuè	—	550$	—
I. do Príncipe	—	660$	—
Moçambique	540$	535$	550$
Sonefe - n.	—	450$	—
Sonefe - p.	—	450$	—
Zambézia	91$	91$	—

Diversas

	Efect.	Compra	Venda
Ag. Lx. - ant.	960$	950$	—
Ag. Lx. 34	—	—	940$
Ag. Lx. 36	—	—	800$
Cel. Guadiana	—	—	5.900$
C. Leiria - p.	—	—	20.450$
C. Tejo - p.	73.350$	—	73.350$
F. Ramada	1.870$	—	1.870$
Fornos Eléctricos	—	—	—
P. Celulose	8.550$	—	8.550$
Siderurgia - p.	14.050$	—	14.050$
Siderurgia - n.	—	—	9.500$
Socel	7.050$	7.050$	—
Cidla	3.760$	—	3.760$
C. U. F.	4.120$	4.120$	—
Intar	660$	660$	665$
Nitratos	1.350$	1.350$	1.360$
Petroquímica	—	—	1.620$
Sacor	5.550$	—	5.550$
Tab. Portugal	1.720$	1.700$	1.740$
Tabaqueira	12.700$	12.700$	—
U. F. Azoto	—	—	855$
Empor	—	—	—
Ind. Aliança	—	—	—
I. P. Colónias	1.810$	—	1.810$
Nacional Navegação	—	—	2.420$
Navegação (Col.)	—	—	—
P. Pesca	815$	815-	—
Matur	—	—	2.600$
R. Marconi	1.940$	—	1.940$
T. A. P.	—	—	1.630$
Compal	855$	—	855$
Salvor	2.300$	—	2.300$
Penina	—	—	3.800$
Grão-Pará	—	—	3.040$
Lisnave	11.550$	11.550$	—
Vidago, M. & P. Salgadas	2.460$	—	2.460$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

	Efect.	Compra	Venda
Atlântico	—	450$00	463$50
F. I. D. E. S.	—	322$10	330$80

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul, Rands	31$00	34$00
Alemanha, Marco	9$75	10$05
América		
Dollars de 1 e 2	23$80	24$80
Dollars de 5 a 20	24$30	25$30
Dollars de 50 a 1000	24$50	25$50
Austria, Schilling	1$34	1$40
Bélgica, Franco	$62	$65
Brasil, Cruzeiro	3$20	4$00-
Canadá		
Dollars de 1 e 2	24$60	25$60
Dollars de 5 a 1000	25$30	26$30
Dinamarca, Coroa	4$00	4$30
Espanha, Peseta	$43	$46
França, Franco	5$00	5$40
Holanda, Florim	9$20	9$50
Inglaterra, Libra	60$00	63$00
Itália, Lira	$03,5	$04
Japão, Yene	$07,5	$10
Marrocos, Dirham	$	$
Noruega, Coroa	4$40	4$70
Suécia, Coroa	5$50	5$85
Suiça, Franco	8$15	8$50
Ouro		
Inglaterra, Libra Isabel	1.350$00	1.500$00
Inglaterra, 1/2 libra	850$00	1.000$00
Ouro fino, grama	140$00	155$00

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)

NO TEMPO EM QUE VOCÊ NASCEU

Programa destinado a reviver acontecimentos de diferentes naturezas ocorridos em Portugal e no estrangeiro. Apresentação de Artur Agostinho.

2.º Programa (23.00)

Foi êxito na TV «Os primeiros Churchil»

8.º episódio realizado por David Giles

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Pica-Pau»
13.00 Da saúde e da vida
13.15 A rapariga que sabia demais
13.45 Telejornal, 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.20 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa, educação musical: crianças
19.25 «O diário das fábulas»
19.30 Telejornal, 2.ª edição
19.45 Aolongo da vida
20.00 Andebol: Campeonato Nacional da I Divisão
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 No tempo em que você nasceu
23.30 Telejornal, 4.ª edição
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e Desenhos animados «Pica-Pau»
20.40 Um dia com...
21.00 A rapariga que sabia demais
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Tempo internacional
22.30 Foi êxito na TV «Os primeiros Churchill»
23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «TV Funnes»
13.00 Saber não faz mal
13.15 George
13.45 Telejornal, 1.ª edição
14.00 Fim de semana
14.20 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa; física moderna
19.25 «O diário das fábulas»
19.30 Telejornal, 2.ª edição
19.45 TV infantil
20.00 Cartaz TV
20.25 A marcha do Mundo
21.00 Caminhos de...
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Antologia
23.30 Telejornal, 4.ª edição
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Saber não faz mal
21.00 George
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Variedades
22.55 Randall e Hopkirk
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado o vento era fraco e havia neblina em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	13º
P. DOURADAS	9º
COIMBRA	13º
PORTALEGRE	11º
LISBOA	13º
FARO	16º
FUNCHAL	15º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima 23,0º

MONTALEGRE
Mínima 1,0º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar 14,2º
Atmosfera 12,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.53	3,7 m	11.28	0,8 m
18.10	3,8 m	23.56	0,8 m
Dia 26			
6.39	3,6 m	—	—
18.57	3,7 m	12.13	1,0 m
Dia 27			
7.31	3,5 m	0.47	1,0 m
19.51	3,6 m	13.05	1,2 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado por vezes muito nublado, vento fraco de Norte, possibilidades de aguaceiros.

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.47
OCASO ÀS 20.23

DIA 29 | DIA 6 | DIA 14 | DIA 21

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Ao encontro da melodia
16.30 Convívio
18.05 Música popular portuguesa
18.30 «Espectáculo»
19.05 Opereta e zarzuela: Selecção da opereta a «A maestrina» de Eysler, Brammer e Grünwald
20.00 Jornal da noite
20.30 Apresentação do folhetim «O ourives do rei» de Alexandre Dumas, numa adaptação de Alice Ogando
20.42 Melodias
21.00 Momento 74
21.20 Música portuguesa
22.00 «O homem e a natureza» pelo dr. Almeida Fernandes e Gil Montalverne
22.20 Guitarradas pelo conjunto de António Chaínho
22.40 Ritmos de todo o Mundo
23.05 De um dia para o outro por Armando Correia
00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa): sinal horário.

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º programa.

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir? Programa elaborado por Margarida Brandão
18.00 Música portuguesa
19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
20.00 Jornal da noite
20.30 Música sinfónica
20.45 Temas sociológicos, pelo dr. Carlos Cunha
21.00 Opera sem palavras
21.30 A palavra e a forma
22.00 Concerto pelos solistas Bach alemães, obra de Bach
22.45 A harmonia das horas, pelo rev. padre dr. Videira Pires
23.00 «Emissão em línguas estrangeiras»
01.15 Fecho.

Programa Estereofónico MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Sinfonia n.º 1, em ré maior, (Mahler) orq. sinf. de Londres, sob a dir. de George Solti
22.56 Concerto de câmara
23.30 Canções de Mahler
23.50 A sonata «Appassionata» de Beethoven, nas interpretações dos pianistas Claudio Arrau e Svjatoslav Richter
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE
Onda média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 Programa Movimento
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.15 Mensagem do centro social
21.30 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grandes orquestras
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Rádio Renascença

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Canções portuguesas
18.22 Palavra do dia. No final, terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 (Jornal de noticiários de Rádio Renascença)
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.08 Poente
21.30 Curso de língua alemã
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema, 13
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

C. RADIOFÓNICO DE PORTUGAL

06.00 às 10.00 e 22.00 às 02.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA

10.00 às 12.00 e 19.30 às 22.00

RÁDIO PENINSULAR

12.00 às 14.30

RÁDIO GRAÇA

14.30 às 19.30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO A-1

(Até às 22 horas)

AJUDA
Moura, T. Memória, 55 (T. 630944)

ALVALADE
S. João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A (T. 725140)

ANJOS
Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (T. 821653)

AREEIRO
Garantia, Av. P. Manuel da Nóbrega, 5-A (T. 727300)

AV. NOVAS
Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (T. 773043); **Dalva**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 45225)

BAIRRO ALTO
Barreto, R. do Loreto, 30 (T. 327284)

BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B, 75-A (T. 683694)

BAIXA
Oliveira, R. da Prata, 240 (T. 321415)

BENFICA
União, E. de Benfica, 592 (T. 700092)

CAMPO DE OURIQUE
Lobel, R. Infantaria 16, 98-B (T. 688807)

CASTELO
Zilar, R. de S. Tomé, 54 (T. 862835)

CHILE
Veral, R. Morais Soares, 109 (T. 821732)

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (T. 666971)

LUMIAR
Central do Lumiar, R. do Lumiar, 75 (T. 790480)

OLIVAIS
Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237)

PICHELEIRA
Marluz, C. da Picheleira, 140, B-C (T. 728395/720703)

POÇO DO BISPO
Freitas, R. Zófimo Pedroso, 11-13 (T. 381136)

REGO
Baptista, R. Francisco Tomás da Costa, 3-C (T. 771673)

SANTO AMARO
Correia de Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625)

SÃO BENTO
Castro, R. de S. Bento, 199-A (T. 660513)

TURNO A-2

Toda a noite

ALCANTARA
Bairrão, R. Prior do Crato, 25 (T. 661321)

ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (T. 711780); **Roma**, Av. de Roma, 85-B (T. 772466)

AMOREIRAS
Britânica, T. da Légua da Póvoa, 5-B (T. 689250)

ANJOS
Renascença, R. Damasceno Monteiro, 104-A (T. 831504)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, P. do Norte, 11 (T. 311216)

BAIXA
Teixeira Lopes, R. Áurea, 154 (T. 324816)

BENFICA
Alegria, E. de Benfica, 180-A (T. 780511); **Lavinha**, R. eng. Paulo de Barros (à R. Casquinha), 28-A (T. 708242)

CAMINHOS DE FERRO
Frazão, R. da Cruz de Santa Apolónia, 90 (T. 847019)

CAMPO DE OURIQUE
União, R. Saraiva de Carvalho, 145-F (T. 663643)

CAMPOLIDE
Pinto, R. de Campolide, 11 (T. 682610)

CHELAS
Banha, E. de Chelas, 173 (T. 382241)

ENTRECAMPOS
Alcântara, Av. da República, 74-A (T. 771379)

LAPA
Paiva da Costa, R. da Lapa, 105 (T. 664414)

LUMIAR
Douro, Al. Linhas de Torres, 93-A (T. 791131)

PICOAS
Sousa Martins, R. Sousa Martins, 25 (T. 553468)

SANTA APOLÓNIA
(Ver Caminhos de Ferro)

SANTA MARTA
Fernandes, R. de S. José, 187 (T. 326476)

SANTO AMARO
Biotár, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, L. de S. Sebastião da Pedreira, 1 (T. 48642)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Brnnevil-le Franco (Tel. 2435147)

OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Tel. 2430691)

PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Tel. 261186)

ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J. A, 15 (Tel. 260116)

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078); **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); **Carmele**, R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel. 933303); **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5 — Reboleira (Tel. 938703)

DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)

MEM MARTINS
Quimia, Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058)

COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85 (Tel. 2760565)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)

BARREIRO
Santa Marta, R. dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (Tel. 2072141)

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2760182)

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 42 (Tel. 230032)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)

SETÚBAL
Lisboa, R. dr. Paulo Borba (Tel. 22248); **Salão**, Av. Portela (Tel. 22709)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

6.º TURNO

SUB TURNO A

Correia de Araújo, R. de Santa Catarina, 259; **Nova Avenida**, Av. F. de Magalhães, 692; **Pinheiro Manso**, R. S. João de Brito, 25-29; **Santa Teresa**, P. Guilh. G. Fernandes, 100; **Silva Pereira**, R. Costa Cabral, 293.

SUB TURNO B

Alves, P. Exército Libertador, 62; **Barros**, Rua do Loureiro, 104; **Boa Hora**, Rua da Boa Hora, 80; **Cameira**, Rua do Heroísmo, 90; **Confiança**, Rua de Santa Catarina, 960.

COIMBRA

TURNO G

Rodrigues da Silva, R. Ferreira Borges, 32 (Tel. 24348)

cinemas • cinemas • cinemas

ROXI (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Technicolor
Rita Tushingham em ATE AO AMANHECER um filme estranhamente bizarro!

MUNDIAL (T. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana! Colorido
Barbra Streisand e Robert Redford O NOSSO AMOR DE ONTEM

CONDES (T. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos)
3.ª Semana! Colorido
Jean-Paul Belmondo e Jacqueline Bisset. O filme do ano! O MAGNÍFICO (LE MAGNIFIQUE) o filme de Philippe de Broca

CASINO ESTORIL (T. 264621)
17.00 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Colorido
NÃO HÁ FUMO SEM FOGO com Peter Finch e Shelley Winters

ESTÚDIO APOLO 70 (T. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
5.ª Semana! Technicolor
Um dos 10 melhores filmes do ano! AMERICAN GRAFFIT (NOVA GERAÇÃO) de George Lucas
24.00
Grupo D (18 anos)
«Clássicos à Meia-Noite»
O CANDIDATO de Michael Ritchie com Robert Redford

LONDRES (T. 731313)
21.45
Grupo D (18 anos)
Estreia
HIROSHIMA MEU AMOR
14.15, 16.30 e 18.45
Grupo D (18 anos)
Últimas
O CONVITE

ALVALADE (T. 717480)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
2.ª Semana! Colorido
Uma mulher invencível desafia o inferno de Xangai! A RAINHA DO KARATE com Chang-Ching-Ching e Hsslen Chi-Chau
(Metro: Alvalade)

EUROPA (T. 661016)
15.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
3.ª Semana! Eastmancolor
Simone Signoret e Alan Delon ALMAS A NU

RESTELO (T. 610275)
21.30
Grupo C (14 anos)
Technicolor
COBRAS VENENOSAS com Strother Martin e Dick Benedict

IMPÉRIO (T. 555134)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Technicolor
Malcolm McDowell UM HOMEM DE SORTE um filme de Lindsay Anderson
Amanhã
Grupo C (14 anos)
«Os Bons Velhos Tempos»
Realização de George Stevens O GIGANTE com Rock Hudson, Elizabeth Taylor e James Dean
(Metro, alameda)

ROYAL (T. 865037)
15.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
MATAR OU NÃO MATAR, EIS A QUESTÃO. Em complemento BANANAS

CINEARTE (T. 660446)
15.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor
CORRIDA SELVAGEM Robert Fuller, Sherry Bann e Tony Russel

BERNA (T. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
19.ª Semana! Technicolor
TOdd-AO 35 mm
O filme de Norman Jewison JESUS CRISTO SUPERSTAR

ROMA (T. 727778)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana! Colorido
Barbra Streisand e Robert Redford O NOSSO AMOR DE ONTEM

POLITEAMA (T. 326305)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo A (6 anos)
3.ª Semana! Eastmancolor
EUSÉBIO A PANTERA NEGRA

ESTÚDIO 444 (T. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
28.ª Semana! Eastmancolor
O PORTEIRO Bernard Le Coq, Maureen Karwin e Michel Calabru
Amanhã e Sábado
00.30
Grupo D (18 anos)
«Cinema Fora de Horas»
MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES

CINEMA CASTIL (T. 530194)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Eastmancolot
SEGREDOS PROIBIDOS Jacqueline Bisset
(Parque Castil)

PATHÉ (T. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Colorido
CONDE YORGA VAMPIRO um filme de Bob Kelljan

MONUMENTAL (T. 555131)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana! Panavision Technicolor
Clint Eastwood HARRY O DETECTIVE EM ACÇÃO
Amanhã
18.30
Grupo B (10 anos) (Excepcionalmente)
«O Homem No Seu Tempo»
Um filme de D. A. Pennbaker EU SOU BOB DYLAN com Bob Dylan, Joan Baez e Donovan
Sábado
00.30
Grupo D (18 anos)
Ante-Estreia
Burt Lencastre e Robert Ryan ACÇÃO EXECUTIVA

ESTÚDIO (T. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana!
A obra-prima de Ingmar Bergman RITUAL (RITEN) com Ingrid Thulin
(Metro: Alameda)

ÉDEN (T. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
10.ª Semana! Eastmancolor
Cantinflas AS ORDENS DE VOSSELÊNCIAS

ODEON (T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
As artes marciais na máxima ferocidade CRUEL VINGADOR
15.15 e 18.15
Brupo B (10 anos)
O DELICADINHO NA MARINHA

AVIZ (T. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Eastmancolor
MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES Yola e Artur Semedo

SATÉLITE (T. 562632)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
6.ª Semana! Color
A obra-prima de Nagisa Oshima CERIMÓNIA SOLENE

VOX (T. 720808)
ENCERRADO TEMPORARIAMENTE PARA BENEFICIAÇÕES

TIVOLI (T. 50595)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Technicolor
Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw A GOLPADA (THE STING) premiado com 7 Oscares incluindo o do melhor filme e do melhor realizador!

S. JORGE (T. 54154)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Richard Chamberlain e Glenda Jackson TCHAIKOVSKY DEL RIO DE AMOR o celebre filme de Ken Russell

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA MATOS
21.45 (14 anos)
«A morte de um caixeiro viajante»

VILLARET
21.45 (18 anos)
«A Dama de Copas e o Rei de Cuba»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, Ouvir e ... Calar»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«A Menina Alice e o Inspector»

TEATRO MUNICIPAL DE S. LUIZ
21.45 (14 anos)
«Sábado, Domingo e Segunda»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Doroteia»

A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Com Parra Nossa»

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Uma Rosa ao Pequeno Almoço»

LAURA ALVES
22.00 (18 anos)
«Zoo Story»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (14 anos)
«O Fabricante de loiras explosivas»

PARIS
21.30 (10 anos)
«A Grande Bronca»

JARDIM CINEMA
21.00 (14 anos)
«Os Sem Deus»

CINE MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«Sombras no Bosque»

SACAVÉM
S. José
21.00 (18 anos)
«Rosas Vermelhas Para o Inimigo»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Alfredo, Alfredo»

PAREDE
Royal 21.15 (18 anos)
«Heróis desconhecidos»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«Não há fumo sem fogo»

Esplanada
21.30 (14 anos)
«O Seu nome era Espírito Santo»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«A influência dos raios gama no comportamento das margaridas»

LINHA DE SINTRA

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (10 anos)
«O Grande Duelo»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (14 anos)
«O Esquadrão da morte»

DAMAIA
D. João
21.30 (14 anos)
«O Carniceiro»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Condenados a viver»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«O Segredo»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Simplesmente Revista»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Uma Mulher Perigosa»

JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Quando passam as cegonhas»

BATALHA
21.30 (10 anos)
«Cantinflas às ordens de Vossélência»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«40 Idade Perigosa»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
Jerry Enfermeiro Sem Diploma»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A Máscara»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«A Rapariga Invencível»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«A Raiva do Tigre»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«O Magnífico Robin Hood» e «Matar ou Não Matar»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Zorba o Grego»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Paixão Cigana»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30
Concerto

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«Caiu Uma Garota Na Minha Sopa»

AVENIDA
21.30 (6 anos)
«Os Gaiatos do Padre Américo»

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE — Trabalhos de Vicente Besugo (das 10 às 22 h).

BELAS ARTES — Pinturas de Fernando Fernandes e Alberto Carneiro (das 14 às 20 h.).

BUCHHOLZ — Trabalhos de Henrique Manuel (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

CASA DA IMPRENSA — Óleos de Jorge Ferreira (das 16 às 21 h., excepto sábados e domingos).

CASINO ESTORIL — Obras de Margarida Vigoço (das 15 às 3 h.).

COTA D'ARMAS — Trabalhos de José Maria Santos Zoio (das 15 às 22 h.).

DA VINCI — Pintura de Zal.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS — Óleos de Fernando Falpe (das 10 às 12.30 e das 14.30 às 19 h.).

DINASTIA — «Nove Pintores de Paris» (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

DIPROVE — Pinturas de Regina Alexandre (das 15 às 21 h, excepto aos domingos).

ESCOLA ANTÓNIO ARROIO — Exposição de pintura e artes gráficas (das 15 às 20 h.).

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — Trabalhos de Etienne Hajdu (das 10 às 20 h.).

FUTURA — Telas de Moita Macedo (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

GRAFIL — Objectos e guaches de Vitor Belém (Terças e quintas-feiras, das 15 às 24 h; restantes dias, das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

JUDITE DA CRUZ — Trabalhos de José Vaz Vieira (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

OPINIÃO — Desenhos de Renato Cruz (das 10 às 20 h)

OTTOLINI — Pinturas de Lima de Carvalho (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Turgut Zaim, Coralia Forster e Acácio Miranda.

PRISMA 73 — Trabalhos de Garizo do Carmo (das 15 às 20 h. excepto domingos e às quartas-feiras das 15 às 24 h).

QUADRANTE — Trabalhos de Natividade Corrêa (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

S. FRANCISCO — Exposição de Gravura Internacional (das 10 às 13 e das 15 às 19 h). Encerra aos domingos.

S. MAMEDE — Óleos de Carlos Botelho (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

TÁVOLA — Aguarelas de Le Corbusier (das 11 às 20 h).

BARS BOITES — restaurantes típicos

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264946.

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. 229189.

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. Largo Trindade Coelho, n.º 10-11. Encerra aos domingos. T. 320164.

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

DL/NACIONAL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 2363
LISBOA PORTUGAL

O MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS NO PAÍS

O General Spínola contactado esta manhã

A reportagem do «DL» contactou pessoalmente esta manhã, por volta das 10 e 30, o general Spínola na sua residência, na Rua Rafael Andrade, que se encontrava cercada por militares, os quais não opuseram dificuldades ao acesso dos jornalistas.

A esposa do antigo governador da Guiné foi quem recebeu os jornalistas e só passados cinco minutos apareceu o general Spínola que estivera deitado a ouvir rádio, distinguindo-se como música de fundo um fado de Coimbra.

Na declaração prestada aquele militar apenas afirmou:

— **Só posso receber os vossos cumprimentos, nada mais posso dizer.**

Entretanto, apareceu na residência um capitão que ao que se supõe, iria dar conta da situação ao general Spínola. Todos os telefones daquela zona estavam cortados.

COMUNICADO DO RCP ÀS 10 E 40

"A população civil não está a respeitar o apelo para recolher"

Comunicado difundido às 10 e 40 pelo Rádio Clube Português e repetido cerca de dez minutos depois:

«Verifica-se que a população civil não está a respeitar o apelo já efectuado várias vezes para que se mantenha em casa».

«Muito embora o controlo das acções desencadeadas seja quase total, tendo já o ex-ministro do Exército abandonado o Ministério e entrado em contacto com oficiais superiores do comando do Movimento, pede-se mais uma vez à população que permaneça nas suas casas a fim de não pôr em perigo a sua própria integridade física. Em breve será radiodifundido um comunicado esclarecendo domínio da situação.»

A POPULAÇÃO DE LISBOA E O GOLPE MILITAR

Continuação da pág. 1

sitiantes. Por essa hora o quartel começava a ser sobrevoado por helicópteros da Força Aérea. As 14 horas, forças envolventes começaram a disparar contra os revoltosos.

As forças fiéis ao Governo, no Terreiro do Paço, eram comandadas por um brigadeiro que, ao princípio da tarde, apesar de estar só, recusaria a rendição.

Segundo conseguimos apurar, o arranque para o golpe militar verificou-se em Grândola, sob o comando de um tenente-coronel.

Comunicado às famílias dos militares

Às 13 horas o Rádio Clube Português emitiu o seguinte comunicado:

«O Movimento das Forças Armadas informa as famílias de todos os seus elementos que eles se encontram bem e que tudo decorre dentro do previsto».

Interferências na emissão do RCP

As emissões do Rádio Clube Português que têm estado a transmitir os comunicados no Movimento das Forças Armadas passaram a sofrer, a partir das 10 e 30, interferências intermitentes.

No entanto, o posto emissor desconhecido que pretendia impedir a emissão daquela estação radiofónica não tinha potência suficiente para que ela fosse escutada por milhares de populares, muitos dos quais andavam nas ruas acompanhados de telefonias portáteis. Para o Ribatejo seguiram equipas de radiotécnicos militares e civis vonluntários pois se julga que ali estará o centro das perturbações.

MARCELLO CAETANO

Contrastando com o forte dispositivo militar na rua da residência do general Spínola, verificava-se que a rua onde mora o prof. Marcello Caetano se encontrava deserta, não havendo sinal de que estivesse alguém na residência. Um elemento da PIDE-DGS em serviço no local, quando lhe perguntámos onde estaria Marcello Caetano, respondeu-nos textualmente: «Não é esta a altura mais própria para revelar onde está o sr. Presidente do Conselho».

EM AVEIRO

A situação nesta cidade mantém-se calma, verificando-se apenas um grande interesse da população em manter-se informada acerca da situação. No entanto, esta manhã deixaram de se ouvir as emissões da Rádio Portuguesa. Só depois das 10 horas se conseguiu ouvir, com muita dificuldade, a Emissora Nacional, em frequência modelada. Consta que a Standard Eléctrica teria cortada a energia para Aveiro.

Os bancos e repartições públicas (à excepção do Banco de Portugal e da Caixa Geral de Depósitos) encerraram as suas portas às 9 e 30, o mesmo acontecendo com os aquartelamentos da P.S.P., G.N.R. e Regimento de Infantaria 10.

EM VILA REAL DE S. ANTÓNIO

A situação nesta vi la algarvia mantem-se calma notando-se apenas muito interesse da população pelas emissões da Rádio.

Alguns grupos de pessoas aglomeravam-se pelas ruas e avenidas principais fazendo comentários sobre o movimento.

Os quartéis da Guarda Fiscal e da D.G.S. encontram-se encerrados.

CONTROLADO TAMBÉM O AEROPORTO DE FARO

Contactado telefonicamente o aeroporto de Faro esta manhã, cerca das 11 e 30, um informador do Movimento das Forças Armadas declarou que a situação era absolutamente normal tanto naquele local como na cidade. Não foram prestadas mais declarações.

No entanto, o facto de nos ter respondido um representante do Movimento tudo indica que a situação na capital do Algarve se encontra dominada pelas Forças Armadas que esta madrugada derrubaram o Governo.

A SITUAÇÃO NO TERREIRO DO PAÇO

A situação manteve-se confusa durante toda a manhã, no Terreiro do Paço, sendo contraditórias as informações. Às 11 e 30, a fragata «Digogo Cão» evolucionava com rumo a outros dois navios deguerra estacionados no Mar da Palha, ao largo da Praça do Comércio.

EM ESTREMOZ

O regimento de Cavalaria 3, nesta cidade, encontrava-se esta manhã, encerrado e sob prevenção, enquanto os seus habitantes, que pela rádio haviam tomado conhecimento dos factos ocorridos em Lisboa, seguiam com o maior interesse a emissão dos comunicados militares. As repartições públicas encontram-se em funcionamento, não parecendo ter sido afectado o normal desenrolar da vida na cidade.

EM BEJA

Nesta cidade — onde se desenrolou a intentona abortada de 1961 — algumas viaturas do Regimento de Infantaria 3 saíram do seu aquartelamento em direcção, presumivelmente, de Lisboa ou Évora.

O comandante desta unidade, coronel Romão Loureiro, abandonou ontem o exercício das suas funções, por ter sido mobilizado para a colónia de Angola. Este oficial encontrava-se em Beja há cerca de três anos, após ter cumprido uma comissão na Guiné-Bissau, sob o comando do general Spínola. Os aquartelamentos da P.S.P. e da G.N.R. locais não apresentam qualquer movimento anormal. Os bancos e as repartições públicas, bem como alguns estabelecimentos comerciais estão encerrados.

Correm, sobre a situação, os mais variados boatos, notando-se muito interesse nas emissões radiofónicas (Rádio Clube Português).

EM FARO

Na capital algarvia as forças da P.S.P. e da G.N.R. movimentam-se nas proximidades dos quartéis e em algumas ruas. No entanto, pouco mais se nota: os estabelecimentos comerciais e as repartições funcionam normalmente.

O povo mantém-se na expectativa, escutando as comunicações dadas pela emissora do Movimento.

A SITUAÇÃO NO PORTO

Simultaneamente com os acontecimentos de Lisboa, também no Porto as forças do Movimento tomavam posições, ocupando o aeroporto de Pedras Rubras — cujos voos foram cancelados — e o emissor de Miramar do Rádio Clube Português.

Na cidade, o ambiente é calmo. Alguns liceus, escolas e bancos têm encerrado as suas instalações. Os serviços públicos aparentam funcionar normalmente.

Entretanto, saíram de Lamego efectivos militares, provavelmente com destino a Lisboa.

LOJAS FECHADAS

A meio da manhã, muitos dos estabelecimentos comerciais do centro da cidade encerraram as suas portas. Em muitos casos, foram corridas as portas metálicas. No entanto, a grande maioria das lojas e escritórios funcionavam normalmente, embora não raro com menos pessoal do que habitualmente.

Também muitas dependências dos bancos foram encerradas ao público, como medida de precaução contra possíveis assaltos. Todavia, a Caixa Geral dos Depósitos, no Calhariz, continuava a funcionar normalmente.

Embora menor do que habitualmente, o trânsito de veículos continuava a ser intenso em muitas zonas da cidade, assim como o movimento de peões. Formavam-se, com frequência, grupos de pessoas que discutiam os acontecimentos ou tentavam obter informações. As portas das padarias, talhos e outras lojas de géneros alimentícios havia bichas. Mas, repita-se, o ambiente era calmo, não havia pânico.

Foi suspenso o tráfego aéreo com a Espanha

MADRID, 25 — (R.) — Poucas notícias de revolta militar em Portugal eram conhecidas esta manhã na Espanha vizinha.

A agência Europa Press comunicou que a situação era normal na cidad de Chaves, defronte de Verine, no outro lado da fronteira, no Norte de Espanha.

Não havia sinais de tropas concentradas naquela cidade e pessoas e trânsito entravam em Portugal, como é habitual, embora o tráfego aéreo tivesse sido suspenso.

A Embaixada de Portugal em Madrid não fez qualquer comentário acerca da situação.

A TELEVISÃO FRANCESA NO R.C.P.

O Rádio Clube Português (Porto, Miramar) deixou de transmitir (corte súbito) às 9 e 20. A Frequência Modulada foi cortada às 11 e 10.

Entretanto, chegou a Lisboa uma equipa da Radiotelevisão Francesa, que já montou um estúdio à entrada do Rádio Clube Português, no «hall» junto à telefonista. O locutor da O. R. T. F. informou que esteve-ra às 9 e 30 com o dr. Pedro Pinto (secretário da Informação do Governo de Marcello Caetano), que lhe dissera: «Está tudo acabado!»

Às 11 e 30, o general Louro de Sousa (Quartel-Mestre General) foi conduzido de carro para o quartel de Caçadores 5.

ALGUNS TIROS NA E. P. A. M.

Cerca das quatro da manhã, ouviram-se alguns tiros na Escola Prática de Administração Militar, ao Lumiar. Esta manhã, encontravam-se cerrados os portões daquele quartel, com uma viatura pesada obstruindo e protegendo os portões. Os muros estavam guardados por muitos soldados armados de pistola metralhadora.

Entretanto, a força ocupante do Aeroporto era constituída por 130 homens, comandados pelo capitão Grilo.

MAIS PRISÕES

Cerca das 10 e 20 de hoje, foram presos quando pretendiam entrar no Quartel Mestre General de Lisboa, o general Louro de Sousa e o brigadeiro Silvino Silvério Marques — soube-se pouco depois no Comando do Movimento.

Às 10 e 32 foi difundido um novo comunicado do Movimento pedindo para que a população se mantenha em casa, pois em alguns pontos não estaria a ser acatada a ordem de recolher. Nesse mesmo comunicado informa-se que o ex-ministro do Exército, general Andrade e Silva, acabara de entrar em contacto com o comando do Movimento das Forças Armadas, tendo já abandonado o Ministério. Pelas 11 e 5 este comunicado foi repetido aos microfones da emissora do Movimento.

Na rua do Arsenal

FLORES E CIGARROS PARA OS SOLDADOS

Às 12 e 30, tropas de Infantaria 1 e Cavalaria 7, com carros de assalto, atravessaram a «baixa», vidas do Terreiro do Paço, subiram o Chiado, e colocaram-se em frente do quartel da G.N.R. no Carmo. A passagem dos militares foi acompanhada por centenas de populares, aos gritos de «Vitória, vitória!». Na esquina da rua do Carmo com a rua Garrett podiam ver-se duas mulheres oferencendo flores aos revoltosos, e muita gente atirando-lhes cigarros.

Não houve contra-comunicados

Durante toda a manhã, a população do País tomou conhecimento da evolução da situação apenas através dos comunicados do Movimento, difundidos pela rádio. Os meios de comunicação do Governo estiveram paralisados.

SUPLEMENTO LITERÁRIO

AS BATALHAS QUE NÓS PERDEMOS

de Natália Nunes

Há interpretações e interpretações, teorias e teorias, formas e formas de escrever analiticamente. Tantas vezes, no entanto, a teoria elaborada pelo ensaísta representa um voo aquilino e surpreendente do objecto teorizado, mas tão alto ou tão derivado, que já se distancia a ponto de se perder como teoria específica daquele mesmo objecto. Isto, porém, é o que de modo nenhum acontece no caso de Natália Nunes.

Terminada a leitura deste livro «As batalhas que nós perdemos», ficamos a pensar nesta qualidade muito particular da sua autora. Nem no mínimo grau ela força o objecto ao seu desígnio demonstrativo. As teorias que desenha como interpretativas de Augusto Abelaira, de José Cardoso Pires e de Raul Brandão (nelas fundamentalmente se cifra o livro de Natália Nunes) situam-se tão acercadamente demonstrativas dos seus objectos próprios, que estes ensaios de «As batalhas que nós perdemos» revestem-se de todo um ar de verdadeiro «documentário crítico» das obras daqueles autores.

Natália Nunes.

Por FERNANDO LUSO SOARES

Natália Nunes é uma escritora experiente de múltiplos sectores do escrever literatura. O memorialismo, a ficção em romance e em conto, a crónica e as traduções têm sido o domínio constante da sua prática. Todavia, na sua tábua bibliográfica não figurava o ensaísmo crítico. Isto era assim, sem dúvida se bem que lhe conhecêssemos já algumas páginas de semelhante natureza, quer na revista «Vértice» (donde provêm dois estudos deste volume), quer em jornais diários, quer ainda na velha «Cronos» que eu orientei tão-bem-que-mal há alguns anos. Aí, recordarei agora, Natália Nunes publicaria, em 1965, um excelente texto sobre aquele Dostoievsky que aliás lhe tem ocupado (e neste volume sobre crítica ocupa) boa parte das suas reflexões e análises: «prefiguração de «O Grande Inquisidor» em uma novela de Dostoievsky».

Hoje, em conjunto harmónico, este seu primeiro livro de ensaios constitui uma relevante surpresa. A autora que me perdoe a afirmação assim feita. Sabia que Natália Nunes gozava de uma cultura actualizada, viva, ao serviço da sua inteligência no exercício compreensivo das manifestações mais modernas ou recentes da nossa literatura. Confesso, porém, que não tinha ainda medido exactamente a que ponto essa sua inteligência analítica e crítica era, enquanto ágil no entender, tão bem servida por uma maleável e envolvente informação.

Quem já leu romances de Natália Nunes — seja a **Autobiografia de uma Mulher Romântica** (de 1955), seja o **Regresso ao Caos** (de 1961), seja ainda a **Assembleia de Mulheres** (de 1964) — terá logo encontrado uma ficcionista na posse plena de uma penetrantíssima faculdade de análise humana, de uma singular acuidade para surpreender e retratar as relações que se estabelecem complexamente entre o sensualismo e a cultura.

Natália Nunes vem conseguindo dar-nos este quadro particular da sua personalidade de escritora: — talvez porque a «escrita literária» em Natália Nunes já tenha em si alguma coisa de «escrita crítica» (penso por exemplo nesse agilíssimo romance que é **Assembleia de Mulheres**), talvez por isso mesmo me atreva a considerar que a sua prática experimentalista, ensaística, constitui um prolongamento da actividade da ficcionista que ela é. Mas entendamo-nos. Isso acontece, não porque a ficção de Natália Nunes seja ensaística naquele sentido que pode dizer-se próprio da ficção de Augusto Abelaira, mas antes porque, ao lermos Natália Nunes-ensaísta, melhor compreendemos a razão de ser (e de aparecer assim, como nos aparece) a estrutura dos seus livros de ficção.

Por outras palavras e antes de irmos adiante: — o rigor e a clareza do estilo crítico de Natália Nunes reflectem-se (mais decerto em **Assembleia de Mulheres** do que em **Autobiografia de uma Mulher Romântica**, por motivos de antecedência cronológica compreensível) na sua límpida, penetrante e lucida prosa de ficção.

Ao primeiro ensaio deste livro — «As batalhas que nós perdemos», intitulado segundo uma significativa frase extraída de **A Cidade das Flores** — lhe chamou Natália Nunes «ensaio de síntese crítica e de análise interpretativa da obra de Augusto Abelaira». E está certo. Creio que em Portugal muito raramente se escrevem verdadeiros ensaios de análise literária já que — como dizia M. S. Lourenço no inquérito que o «Diário de Lisboa» promoveu em 1971 sobre a «nova crítica» posta em questão — a tendência entre nós é para promovermos a simples crítica à categoria de análise literária. Mas, isso é o que importa acentuar com veemência, os textos de Natália Nunes neste livro constituem, todos eles, verdadeiros ensaios na medida em que não se limitam a uma falaz produção imediatista de meros juízos de valor. Todos eles — desde aquele que tem por tema o geral da obra de Augusto Abelaira nas suas coordenadas fundamentais, como o que aprofunda **O Delfim** de José Cardoso Pires nos seus elementos simbólicos, como ainda o que discreteia sobre o metafisismo idealizante do **Humus** de Raul Brandão — todos eles, dizia eu, se arvoram, se organizam e se estruturam em linhas particulares de uma teoria.

Evidente é que Natália Nunes opera segundo os parâmetros de um método. Do seu método — seja para a descoberta de como em Abelaira se instaura um cepticismo crítico, seja para desvendar a metapoética jacente no citado romance de Cardoso Pires, seja ainda para identificar o referido matafisismo de Raul Brandão. Aí temos a presença de Bâchelard, da sua contraposição estabelecida entre a «imaginação material» e a «imaginação formal» ou de cultura — que a ensaísta cita (ou não cita) expressamente, mas que segue a propósito de Abelaira (o que se pode, por exemplo, ver a págs. 86 e segs.), de José Cardoso Pires (designadamente a págs. 106) e de Raul Brandão (a págs 153). Aí temos Freud e Jung, acerca dos quais a escritora diz com certa bonomia e louvável franqueza: — «Como não tenho conta aberta nos bancos da psicanálise, sinto-me de consciência limpa para pedir pequenos empréstimos a Freud e a Jung, a fim de poder falar depois mais livremente (por exemplo) da metapoética a extrair de toda a simbólica e de todas as vivências do imaginário exibidas em **O Delfim**».

Processos de psicoanalismo e de referenciação simbólica estão presentes, sem dúvida, em Natália Nunes — mas acima de tudo, e em síntese, o que está presente nesta escritora é uma rara acuidade para se servir de todos os dados da cultura e da ciência moderna ao seu dispor, tirando e oferecendo à usufruição do leitor as linhas de um edifício interpretativo capaz de seguros e proficientes efeitos.

Abelaira, Cardoso Pires e Raul Brandão têm já merecido inteligentes e penetrantes estudos de Maria Alzira Barahona, Alexandre Pinheiro Torres, Nelly Novaes Coelho, Joaquim Namorado, Castelo Branco Chaves e outros. Isso é verdade. Mas não é menos verdade, e nisso reside o bom mérito deste livro **As batalhas que nós perdemos**, que Natália Nunes, seguindo o processo honestíssimo de nunca fugir a citar e a referenciar as opiniões e as teses alheias, nos torna possível o controlo e a verificação da sua originalidade crítica e dos seus contributos para o estudo destes autores, que elegeu como temas particulares, concretos, da sua análise literária.

Tão rico é de pormenores ensaísticos este seu livro, que seria estulto, pretensioso e arrojado de imprudência, tentar no espaço curtíssimo de uma recensão de jornal dar saliência particular aos múltiplos aspectos daquela originalidade e daqueles contributos. Sendo assim, limitar-me-ei a advertir a atenção do leitor para alguns pontos que me parecem chave.

Por exemplo, quanto a Augusto Abelaira, a sua tese (discutível decerto, mas sustentável), de o romancista-ensaístico de **Bolor** e de **Enseada Amena** não ser um verdadeiro neo-realista (págs. 25). Quanto ao mesmo Abelaira, a tese de um seu supra-individualismo potencial (págs. 60). E o problema das relações entre a ataraxia em política e o «desgosto» na vida erótica que a ficção abelairiana patenteia com particular significação (págs. 75 e 79). Tudo com o remate da questão certeiramente posta a págs. 55 — uma teoria do nosso imobilismo — que eu não resisto a transrrever.

Escreve Natália Nunes, neste teor: — «Aos que perguntam porque não surgiu ainda entre nós um grande romance, uma grande epopeia dramática que traduza este drama real do nosso indiferentismo e imobilismo — o drama das «batalhas que nós perdemos» — não só através de uma consciencialização teorética, mas precisamente de uma anedótica colorida, urdida com o acontecer das realidades quotidianas, verdadeiramente vividas o desejo e o sonho, podemos fazer outra per-

Continua na página seguinte

NESTE NÚMERO:

Fernando Luso Soares

AS BATALHAS QUE NÓS PERDEMOS

de Natália Nunes

Continuação da primeira página

gunta: senão será essa ataraxia o sintoma mais aparente da inibição de uma respiração de largo fôlego e de uma imaginação desenvolta, e se a obra máxima que tal estado pode permitir não é, afinal, uma reflexão como esta de Abelaira, verificação dolorosa e solipsística da sua própria realidade? (...) Ocorre portanto perguntar se o fraco dinamismo aparente dos romances de Augusto Abelaira, se essa ausência de experiências e de personagens autenticamente diferentes, se essa predominância da dialéctica «numa cabeça», não resultará também da grande **inibição** que infunde na consciência do próprio narrador — de todos os nossos narradores — um ingente e persistente esforço de racionalização dessa mesma indecisão, o qual, em última análise, já nem será de todo consciente? Talvez se encontrem aqui as origens mais profundas das tais «iluminações que esclarecem e obscurecem».

Quanto a José Cardoso Pires, analizando a metapoética de **O Delfim**, Natália Nunes parte da técnica do romancista escancarando perante o leitor a revelação de como faz o seu romance («assim como os actores ajudam a montar os cenários, no palco, à vista dos espectadores»), para se debruçar após sobre o seu processo criador segundo uma dialéctica do «eu» e do «inconsciente» inspirada em Jung. Centrada na análise da **lagoa** (confluência para-simbólica do entrecho romanesco) Natália Nunes interroga-se então a págs. 107: — «Quais as valências simbólicas desta **lagoa**? Que ela é significante na infra-estrutura económica em que se apoia ou integra o romance, é evidente: há uma questão de velhos direitos senhoriais de pescaria e de caçadas nas suas margens, depois um problema de colectivização desses direiros. A referência a uma estrutura económico-social subdesenvolvida, explícita em toda a ambiência de exterior deste romance, pertence ao «dissertar da acção», onde se insere, certamente, uma crítica; mas não constitui, em última análise, parte relevante dessa acção. Tal referência é apenas uma das muitas coordenadas, uma das voltas do «ouro fio» com que o autor tece «ecleticamente» a filigrana do bem e do mal, da «physis» e da «psique» que conformam o mundo dos homens, das mulheres, dos animais e das águas jazentes.

«A **lagoa** mostra-se-nos portanto como um símbolo de morte e de aniquilamento onde as personagens da história põem remate aos seus dilemas. Invocando Bâchelard, esta massa de água jazente constitui, como diria o filósofo, «matéria de desespero».

Finalmente Natália Nunes debruça-se sobre Raul Brandão. E parte desta acentuada ideia, a págs. 127: — «Raul Brandão é um escritor filosofante, razão pela qual talvez, apesar do seu valor, não seja um escritor muito conhecido. Os portugueses, em matéria de literatura, comprazem-se sobretudo no «jogo das formas» ou então no «movimento rectilíneo de superfície» e «nos caminhos luminosos da objectividade», como diz Aquilino Ribeiro». Depois a ensaísta desbrava os meandros do metafisismo e do onirismo brandoniano. E Bâchelard é mais uma vez o seu poderoso indicador. Pelo que, em consequência, escreve: — «Tentarei descobrir qual é a **substância fundamental** do onirismo brandoniano, pois também, segundo Bâchelard, o «nosso espaço onírico tem sempre um coeficiente central» e «há uma lei dos quatro elementos que classifica as diversas imaginações materiais conforme se ligam ao fogo, ao ar, à água e à terra».

Interrogando-se, posto isto, sobre a que elemento estaria ligada a imaginação material de Raul Brandão, e fundamentalmente a sua convicção da existência de uma nítida predominância dos elementos **água** e **terra** na sua imagética, Natália Nunes constrói um caso notável de interpretação literária relativamente ao qual é de justo título advertir a atenção do leitor.

Só lamento que, como já disse, no espaço estreito deste artigo de jornal, eu esteja certamente a entravar a percepção completa deste excelente livro **As batalhas que nós perdemos**.

Folhetim-artístico de José-Augusto França

A NÃO AQUISIÇÃO DE UM ÁLBUM DE SEQUEIRA E MUITO MAIS CONSIDERAÇÕES SOBRE O LEILÃO EM QUE FIGURAM

Não foi adquirido na noite de 4 nem na tarde de 5 do corrente o «Álbum do Palácio de Arroios», de Sequeira, nessas datas posto em praça — e ao qual consagrei um folhetim de aviso e alarme.

Posto à venda por 2500 contos e depois por 1500, subiu então a 1750 contos — e foi retirado para melhor oportunidade, que aliás não é difícil prever pois nem a cota de Sequeira pode descer nem a da moeda subir...

Foi também então anunciado ao público que o Ministério da Educação Nacional arrolava a colecção, o que implica, do comprador eventual, a obrigação de informar permanentemente sobre o seu destino e situação e de não a fazer sair do País. O direito de opção ficou também assim garantido, e ainda bem — embora seja mais teórico do que prático, pois a tal preço o Estado não parece ser comprador. Uma dúvida ficou, porém, pairando sobre o objecto do arrolamento: o álbum, na sua definição actual, ou apenas os 51 desenhos isoladamente considerados e nesse caso assim negociáveis? É claro que é desejável a conservação do álbum porque assim se garante a existência de um núcleo de Sequeiras — mas só por isso, pois na verdade, a composição do álbum é aleatória e só se justifica por uma origem comum e ocasional.

...O leilão, no resto, decorreu como todos os leilões possíveis em Lisboa, quanto à pintura que ofereçam: perfeitamente ao acaso e na mais abençoada inconsciência...

Algumas peças propostas eram notáveis — como um Carlos Reis famoso, «O Cupidinho de Gesso», excelente nu afrancesado em bons truques de atelier (304 contos); ou um pequeno João Vaz, de primeiro plano grosseiro, como é seu uso, mas com um notável «fundo», delicado a sensível, como só nos melhores momentos o pintor pôde atingir (230 contos); ou um Malhoa de flores e romãs escarlates, bem naturalistamente sentidas, que é conhecido e conta na obra de certo modo tão significativamente «portuguesa» do artista.

Mais atrás, uma obra importante: um estudo de Metrass para o seu «Camões na Gruta de Macau» que deveria ficar num museu de arte portuguesa do século XIX como documento de grande interesse. Um «marchand» inteligente adquiriu-o por 48 contos.

Mais à frente, um Ezequiel Pereira, de 1921, de tardio e algo mastigado «impressionismo», como lhe era possível e não está longe dos seus melhores momentos; 50 contos. Um medíocre Falcão Trigoso, por 24 contos e 500. E, pelo meio, um lamentável «busto (aliás cabeça) de velho», de Veloso Salgado — que houve quem comprasse, com visível satisfação, por 21 contos...

Mais atrás, um curioso retrato de D. Maria II, favorecida nas arrobas bochechudas, com busto do pai e Carta Constitucional à vista — pintura canhestra mas saborosa, de uma Corte que não tinha gosto nem cultura para tais coisas; 53 contos. O marido Coburgo valeu só 11 — e era diferentemente mau, pelo lado da erudição pictória possível e insuficiente. O trisavô D. José fez 30 contos, num dos muitos retratos que contentavam a imagística régia, subdesenvolvida desse D. João V.

Um Condeixa de paisagem, medíocre, deu 39 contos, mas um Ferreira Chaves, bem mais interessante, não passou dos 5 contos e trezentos e foi retirado. Como retirado foi um menos que medíocre Bonvalot («Rua Nova», de Cascais) a quem a exageradíssima oferta de 150 contos não satisfez. Quando um par de vistas de Lisboa, de Noël, fez apenas, em água-tinata, 20 contos.

Entre os mais ou menos modernos, pouco abundantes, uma Sara Afonso de 1924, saborosamente menor, fez 100 contos; Francis Smith, em guache, fez 81 (o pior) e 77 contos (o outro) — coisas menores de «petit-maître» ultravalorizado. Um bom pastel de paisagem, de Bernardo Marques, 35 contos — e uma guache de 1953, de Nikias, um palmo quadrado, peça notável desse período do ainda jovem pintor, 40 contos e 500. Uma cabeça de gesso de António Soares, em guacho e sem qualquer interesse, fez 9 contos e um bom desenho seu, 7 contos — ao contrário do que parecia lógico.

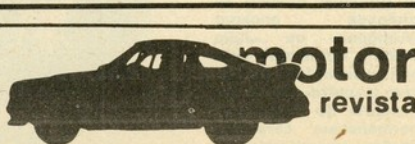
(Duas aguarelas de Ricardo Hogan, e de M.A. Lupi, fizeram também 7.500 uma e 8.500 a outra, numa absurda aproximação de valores).

Mas foi na parte «clássica» do leilão que as coisas se baralharam, com um Benlliuve meissonieresco e pequenino por 96 contos, e uma enorme «máquina» francesa, anónima, certamente do segundo quartel do século XIX, representando um juramento de Vercinjetorix, retirado aos 85 contos. Pensei em tempos «apresentar» este quadro na última exposição da AICA, numa proposta crítica de tipo «salonnard», e consultei especialistas franceses (e um colega jugoslavo, A. Celebonovic, que prepara uma obra exaustiva sobre o academismo europeu), sem êxito — ficando por saber a origem deste curioso e significativo quadro preto-romântico há anos adquirido no leilão de um famoso antiquário alemão do Funchal, que o tinha em grande estima.

O Impossível Canaletto.

Um Demarne (115 contos) e um Chastelet (retirado aos 90 contos) eram peças de qualidade aceitável. Não, de modo algum, uma cópia menor ou mínima de Greuze (28 contos), nem uma «Duquesa de Penthièvre», pastel falsíssimo do século não-XVIII (14 contos). Mas, em notável excepção, um «Homem assombrado», excelente exemplo secundário do século XVIII francês (é claro que não atribuível à escola de Louis Le Nain), muito bem comprado por 31 contos.

Em matéria de atribuições, um quadro houve, porém, que ultrapassou tudo quanto de absurdo ou asnático se possa observar em festivais semelhantes: uma «Vista do grande Canal de Veneza», «atribuída a António Canal, mais conhecido por Canaletto» «não assinado, como geralmente se apresentam as obras deste grande pintor, mas é certamente antigo e possivelmente deste artista»; se aliás, não for de Guardi, como também se sugeriu no acto da venda...

É claro que não é de Canaletto, nem de discípulo seu, nem da sua oficina, nem de qualquer meio artístico que com o seu tenha relação! Nem, ao menos, apresenta qualquer espécie de parecença que não seja efeito de uma grosseiríssima imitação, de pinta-monos levado pela moda europeia do Canalettismo, pelo século XIX dentro! Obras eminentemente superiores, compradas em Itália em fins do século, capazes de enganar, pela qualidade, olhos cultivados (como algumas das que se expõem na Wallace Collection de Londres) não são aceites pelos especialistas venezianos — e aparece agora em Lisboa, atribuída a Canaletto, uma «croûte» destas! A enormidade é tal que só à inocência se pode atribuir — não decerto (o que não seria evidentemente possível dada a idoneidade da firma leiloeira), à vontade de lograr o comprador... Este, bem integrado no meio dos coleccionadores lisboetas (e não sei quem foi) não precisaria que o enganassem: foi suficientemente ignorante (para não lhe chamarmos outra coisa — que seria «tolo») para se enganar a si próprio, pela módica quantia de 123 contos, incluindo impostos e comissões...

MEYERHOLD: 100 ANO

1. BREVE ANTOLOGIA DE

O MAGO, O MÁGICO DO TEATRO; Fisenstein

O TEATRO NATURALISTA E O TEATRO DE ATMOSFERA

O Teatro de Arte de Moscovo (1) apresenta dois rostos diferentes: o do teatro naturalista e o do teatro de atmosfera. O naturalismo foi colhido dos Meininqer (2). O seu princípio fundamental consiste na «reprodução exacta da natureza». Tudo deve ser «verdadeiro»: tetos, chaminés, papel pintado, foqões de sala, tubaqem, etc..

Cai uma cascata sobre a cena e deve cair água autêntica. Lembro-me de umapequenacapelaconstruídacomt r o n c o s autênticos, de uma casa revestida de painéis de madeira, com janelas duplas, cortinas de algodão, vidros embaciados pelo gelo. Todos os cantos da cena bem iluminados, pormenorizados; as chaminés, as mesas, as estantes cheias de grande número de objectos só visíveis com binóculos; para os ver a todos, um observador teria que gastar um acto inteiro. Ouvia-se um trenó a passar com um ruído que assustava o público, e uma lua redonda que se movia no céu puxada por um arame. Por uma janela, avistava-se um barco de verdade a navegar num «fiord». Na cena, erguia-se uma construção não apenas com várias salas, mas com vários andares, com escadas autênticas e portas de carvalho. Cenário múltiplo e giratório. Luzes nos candeeiros. Muitos tetos. Um telão representando o céu, colocado em semicírculo. Se a acção decorre ao ar livre, o solo cobre-se de lama de cartão. Numa palavra, trata-se de obter o que pretende o pintor Jan Styka nas suas paisagens: que haja uma estreita relação entre a pintura e a realidade. Como em Jan Styka, no teatro naturalista o pintor cria em íntima colaboração com o carpinteiro, com o figurinista, com o estucador.

Na montagem de obras históricas, o teatro naturalista obedece à regra de transformar a cena numa exposição de objectos da época, ou pelo menos copiados de desenhos da época ou de fotografias tiradas em museus. O encenador e o cenógrafo determinam tão exactamente quanto possível o ano, o mês e o dia em que a acção decorre. Não basta que decorra em determinado século; um pequeno bosque bonito, fontes mitológicas, atalhos tortuosos e labirínticos, caminhos de rosas, etc., tudo isto não basta para satisfazer os encenadores naturalistas. Têm que determinar com precisão como eram as mangas na época de Luís XV, e em que se distinguia o penteado da época de Luís XVI da época de Luís XV. Não seguem o exemplo do método de K. A. Somov, não estilizam a época, mas procuram a revista de modas do ano, do mês, do dia em que, de acordo com o pensamento do encenador, a acção decorre.

O teatro naturalista estabelece desse modo o método de «copiar o estilo histórico». Com tal processo, é óbvio que não se perceba de maneira nenhuma a estrutura rítmica de uma peça como «Júlio César», com a sua luta plástica entre duas forças opostas, a qual não pode ser desse modo comunicada. Nenhum encenador se deu conta de que a síntese do «cesarismo» não pode ser dada através de um caleidoscópio de cenas «veristas» e da reprodução exacta de «tipos» copiados da multidão da época.

Meyenhold.

A maquilhagem dos actores é sempre «fortemente característica». Têm rostos vivos, tal como os encontramos na rua. É evidente que o teatro naturalista considera o rosto como o meio principal para expressar a intenção do actor, e consequentemente esquece os outros elementos expressivos. O teatro naturalista desconhece as belezas da plasticidade, não obriga os actores a treinar o corpo, e se cria uma escola, não compreende que a educação física deve ser o elemento principal quando se pretende encenar «Antígona» ou «Júlio César», obras que pela sua musicalidade pertencem a «outro» teatro. Na memória do espectador permanecem caracterizações complicadas e nunca atitudes ou movimentos rítmicos. (...)

(1906)

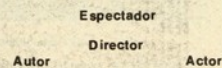
SOBRE O ACTOR

Dois métodos de direcção, que colocam de diferentes maneiras a relação entre actor e encenador: um deles impede a liberdade criadora tanto do actor como do espectador; o outro liberta não apenas o actor, mas também o espectador, obrigando este a criar (de início apenas na esfera da imaginação) em vez de se limitar a contemplar.

Os dois métodos são muito claros se imaginarmos os quatros fundamentos do teatro (autor, encenador, actor, espectador), colocados na seguinte representação gráfica:

1) Um triângulo cujo vértice superior seja o encenador, e os dois vértices inferiores o autor e o actor. O espectador recebe a criação destes últimos **através da criação do encenador** (observar no desenho o espectador sobre o vértice superior do triângulo). Este é um dos tipos de teatro (o «teatro triangular»).

Espectador

Director

Autor **Actor**

2) Uma recta (horizontal), na qual os quatro fundamentos do teatro estão representados em quatro pontos da esquerda para a direita: autor-encenador-actor-espectador. E este o outro tipo de teatro («teatro-linear»). O actor abre para o espectador a sua alma, fazendo sua a criação do encenador como este fez sua a criação do autor.

+Autor

+Encenador

+Actor

+Espectador

1) No «teatro triangular», o encenador, depois de expor o seu plano de direcção em todos os pormenores, desenhando as personagens tal como as vê, e depois de assinalar todas as pausas, faz os ensaios até que a sua concepção da peça surja com precisão absoluta tal como a sentia e a via no seu trabalho solitário.

O «teatro triangular» é semelhante a uma orquestra sinfónica, e o encenador o seu maestro. Todavia, o teatro, cuja estrutura não prevê a presença do encenador, revela por si mesmo a diferença entre os métodos do director da orquestra e do encenador. (...)

A criação do actor, pelo contrário, assume uma missão mais importante que a de dar a conhecer a concepção do encenador. O actor só conseguirá interessar o espectador se chegar à síntese das intenções do autor e do encenador, exprimindo-se ao mesmo tempo a ele próprio.

O mérito principal de um músico consiste em possuir uma técnica de virtuoso e executar as indicações do maestro, despersonalizando-se.

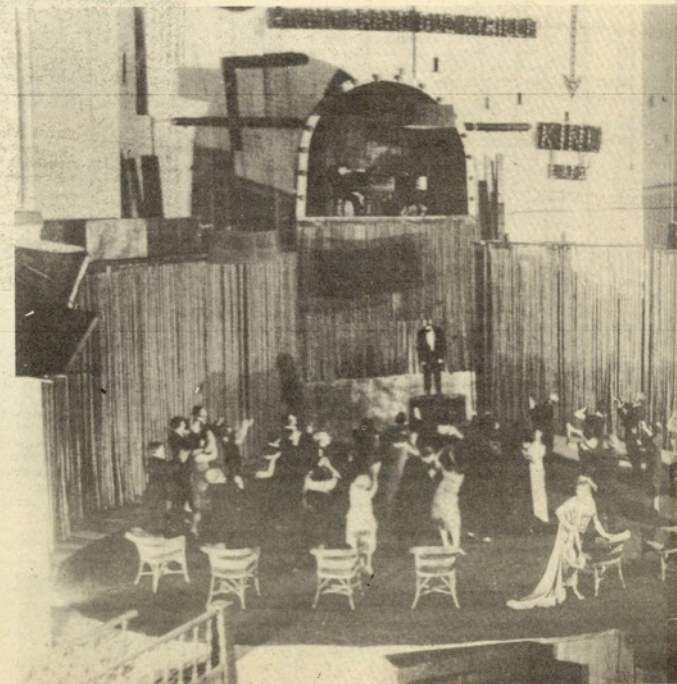
Se se considera o «teatro triangular» como uma orquestra sinfónica, deverá admitir-se que esse teatro só poderá ser representado por um actor capaz de exprimir sem falhas as ideias do encenador, um actor dotado da técnica de um virtuoso, mas com débil personalidade.

2) No «teatro linear», o encenador, após ter recriado pessoalmente o trabalho do autor, propõe ao actor essa criação (o autor e o encenador surgem pois fundidos). O actor, fazendo sua a criação do autor através da recriação do encenador — com autor e encenador atrás de si —, coloca-se perante o espectador, revelando-lhe livremente a sua alma e fazendo assim mais intensa a interpretação entre os principais elementos do teatro: o intérprete e o espectador.

Para que a recta não se transforme numa linha ondulada, o encenador deve transmitir, **por si só**, um tom e um

Carlos Porto

OS
MEYERHOLD

A Dama das Camélias.

estilo à obra, embora a criatividade do actor no «teatro linear» permaneça livre.

O encenador revela o seu plano durante as **discussões** sobre a obra, dando-lhe as perspectivas que correspondem ao **seu** ponto de vista. Fazendo os actores comungar na sua paixão pelo texto, fá-los partícipes da alma do autor e da sua interpretação; todavia, **após essas discussões** todos os actores readquirem a sua autonomia. O encenador une-os para harmonizar as diferentes partes; mas, como? Apenas equilibrando-as depois de terem sido livremente criadas pelos artífices desta criação colectiva.

Estabelecida aquela harmonia sem a qual o espectáculo seria impensável, o encenador **não procura obter uma reprodução exacta das suas ideias**, unitária apenas em função da harmonia do espectáculo, a fim de que a criação colectiva não fique fraccionada. Aguarda, pelo contrário, o momento de poder esconder-se nos bastidores, deixando que os actores «destruam a estrutura da obra», no caso de não estarem de acordo com o encenador e com o autor (o que pode acontecer no caso de não pertencerem à «nova escola»), ou que descubram a sua própria alma com as improvisações, não acrescentando nada ao texto, mas completando o que o encenador insinuou, e obrigando o espectador a captar, através do prisma da sua criação, tanto a criação do autor como a do encenador. **O teatro é interpretação.**

(1909)

Encenação de Meyerhold. Teatro de Moscovo 1922.

O OUTUBRO TEATRAL

O Outubro das artes significa a vitória sobre a hipnose da pseudotradição, atrás da qual se oculta a oposição a novas formas, uma inércia prejudicial e frequentemente a hostilidade para com a construção comunista.

O Outubro das artes significa lutar contra a tendência puramente educativa, que coloca o proletariado à mercê da ideologia feudal e burguesa.

O Outubro das artes significa adoptar uma atitude verdadeiramente marxista sobre a arte no campo das suas relações de produção.

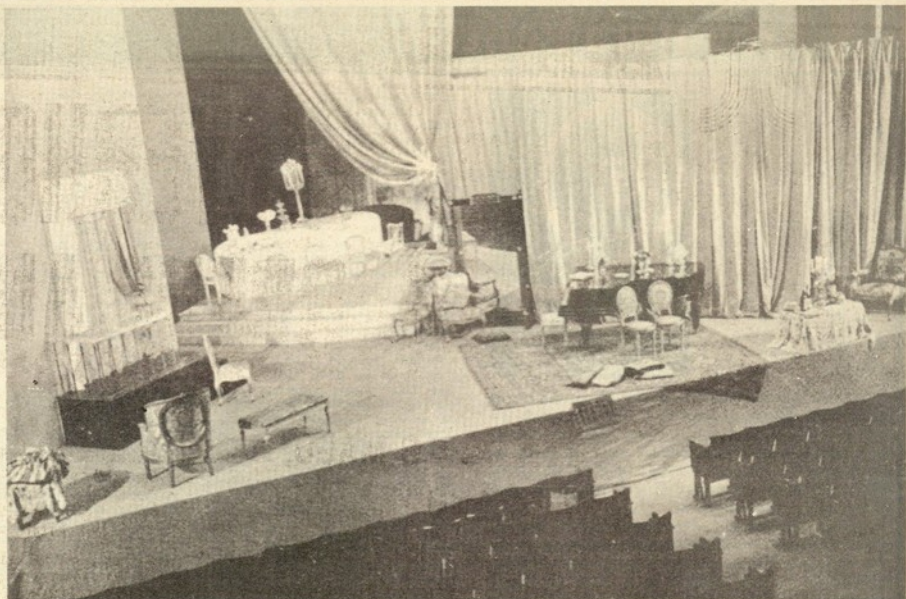
O Outubro das artes significa procurar formas adequadas ao conteúdo revolucionário do nosso tempo.

(1920)

VIVA O GRANDE OUTUBRO DAS ARTES!

A RECONSTRUÇÃO DO TEATRO

Camaradas: levantemos aqui o problema da acção exercida pelo teatro sobre o espectador; levantamo-lo num momento em que o problema de saber o que deve ser o teatro revolucionário nem sempre é solucionado pelos seus organizadores. Ora, temos tanto mais necessidade de todos os factores que determinam essa acção quanto o espectáculo é, hoje, elaborado, por um lado, de acordo com a orientação do nosso partido, e, pelo outro, de acordo com as necessidades e as exigências do novo espectador. Já que se pretende um teatro que seja um instrumento de propaganda, é lógico pedir que possam ser lançadas do palco determinadas ideias. O público deve entender por que o encenador e actor fizeram este ou aquele espectáculo e o que pretenderam exprimir.

O papel das imagens e das situações cénicas consiste em levar o espectador a reflectir sobre os mesmos temas que se discutem das reuniões. Nós estimulamos a actividade cerebral do público, forçamo-lo a pensar e a discutir. Este é um aspecto do teatro. Mas há outro, que se chama sensibilidade. O teatro não actua apenas sobre o cérebro mas também sobre o «sentimento». Assim, pois, se não passa de retórica e de argumentação, se apresenta diálogos tomados de uma dramaturgia limitada a discussões, não chega a ser teatro. é uma sala de conferências, e não podemos aceitá-lo. (...)

(1930)

BIOMECÂNICA

Pergunta — Disse você que o actor de talento não deve interpretar uma personagem negativa?

Resposta — Não disse tal coisa. Disse que um actor de talento e com capacidade de simpatia não é capaz de fazer desaparecer essas características, não é fácil livrar-se delas, se as suas ideias não forem suficientemente elaboradas... Vi em muitos espectáculos actores que não conseguiram superar essas características, que não conseguiram apagá-las... e continuaram a ser fascinantes em papéis de personagens negativas.

P. — O seu ponto de vista sobre o sistema biomecânico?

R. — A verdadeira biomecânica é o sistema que empregamos, mas sem conseguirmos trazê-la inteiramente para a cena. A biomecânica é um sistema de treinamento elaborado com base na minha grande experiência de contacto com os actores. Quando via um actor, dizia que precisava de saber isto ou aquilo ou outra coisa ainda. (...) O actor deve saber mobilizar todos os meios de que dispõe, conduzindo-os e dirigindo-os para o espectador, de forma que as ideias fundamentais do espectáculo possam chegar ao público. (...) A biomecânica serve para preparar o actor ao mesmo tempo que se refere à dicção, colocação da voz, técnica respiratória, canto, porque o actor deve saber tudo isso. O actor deve possuir um arsenal de técnicas adquiridas de que precisará quando tiver de representar determinado papel, e a biomecânica proporciona-lhe a aquisição dessas técnicas. (...)

(1933)

MEYERHOLD CONTRA O MEYERHOLDISMO

... Permito-me seguidamente falar de teatro, porque também aí veremos claramente a burla que devemos discutir: o meyerholdismo. De que se trata, de onde saíu esse meyerholdismo, quem lhe deu vida, quem o praticou, quem lhe abriu caminho, quem o afirmou? Aqui, detenho-me um momento para dizer que se há um nexo íntimo, uma coesão estreita entre a forma e o conteúdo, qualquer que seja o campo de arte em que nos situemos, veremos que essa força de conexão, essa cimentação de forma e do conteúdo não depende de um artifício técnico (como se os tivessemos apanhado de surpresa) nem de uma habilidade técnica dos artistas.

Essa fusão, essa forte cimentação deriva precisamente do facto do homem ser o fundamento de toda a arte, tanto no sentido de que é o homem o seu criador, como no sentido de que as obras de arte são criadas para o homem; alimentam-se da presença do homem na própria obra, qualquer que ela seja. (...) Por isso, os sem-vergonha, digamos assim, que separam a forma do conteúdo, que se esforçam para encontrar o modo de dissolver esse cimento, ferem sobretudo o coração do homem. E este, como um Prometeu Agrilhoado ou como um Sebastião da pintura da Renascença, mana sangue, porque a sua melhor parte, aquela de que vive e respira, foi maltratada. (...)

Depois desta breve observação, é fácil falar de meyerholdismo. (...)

Esquecermos uma grande série de criações, cada uma das quais proporcionaria um ou outro elemento; bastará, procurando intensamente, lembrar o que chegou a ser tão negativo nas mãos dos epígonos, dos ecléticos, dos formalistas, dos charlatães, para compreender que foram eles que criaram a necessidade de que se fale desse fenómeno como de um fenómeno prejudicial, porque já não se trata de meyerholdiano, mas apenas de meyerboldismo. (...)

Eu, como encenador, cometi erros, grandes erros, mas esses erros foram uma consequência do impulso colossal com que me lancei a fazer as coisas. Ao cortar madeira, não podem deixar de saltar lascas. Havia um ímpeto autêntico, a vontade de não mostrar apenas o conteúdo, porque qualquer que fosse a obra, tanto por parte do dramaturgo como do encenador, vive-se sempre numa ordem de grandeza; porém essa grandeza de ideias nem sempre encontra a forma adequada para expressar o referido conteúdo. (...)

(1936)

PONTOS DÉBEIS DA FRENTE TEATRAL

Não existe a palavra «apoliticismo» em referência ao criador. O teatro está ligado à opinião pública e é inadmissível não corresponder às suas exigências.

Um dos pontos vulneráveis da frente teatral são os velhos profissionais de teatro. A herança das épocas pré-revolucionárias, o fetichismo das tradições ilusórias: são os principais pontos vulneráveis da frente teatral. (...)

Dentro em breve, não haverá espectadores, seremos todos actores — só então conseguiremos a verdadeira arte teatral. Nesta época de transição daremos todo o apoio ao espírito de iniciativa dos amadores.

Para as novas palavras é necessário um novo entusiasmo, formas novas.

Queremos saír da apertada estreiteza da sala, e ir para a rua; queremos escapar ao teatro fechado. Abaixo o aborrecimento.

Esperamos o renascimento do teatro de feira.

Entretanto, que o actor seja um vagabundo.

A arte do teatro passa a ser uma actividade de massas, sem limites, e não «de acordo com hierarquias». O teatro da vi[illegible] será criado, não a partir de [illegible]ima, como fazemos com a propaganda de produção, mas com a produção. O homem novo encontrar-se-á a si próprio, produzindo.»

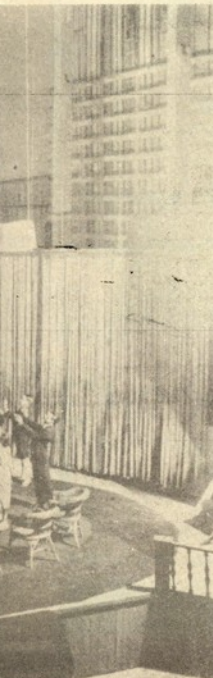
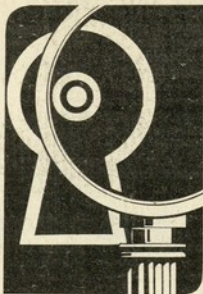
(1920)

(Continua)

VSEVOLOD MEYERHOLD

(1) Dirigido por Stanislavski.

(2) Célebres actores alemães, cuja actividade foi fundamental na promoção do naturalismo.

(Transcrito com a devida vénia de: Meyerhold — Textos Teóricos — Vol. I int., selecção e tradução de J. A. Hormigon — Ed. Comunicacion. Madrid.)

Literatura Policial

DICK HASKINS

O que são MACBETH e HAMLET senão obras de características policiais? E AS COLINAS DA IRA, de Leon Uris, não será uma obra de características mistas, a um tempo uma história de espionagem e policial? O ESPIÃO QUE SAIU DO FRIO não será, igualmente, um romance com as mesmas características?

Estes exemplos, entre muitos outros que se poderiam focar, significarão que Shakespeare tenha sido um escritor «especializado» em Literatura Policial ou que Leon Uris e John Le Carré sejam cultores do género, como Agatha Christie e Ellery Queen?

A Literatura Policial nada mais é do que um ramo especializado da Literatura, em Geral, é um ramo que explora o conflito humano sob o seu aspecto criminal. Contra algumas opiniões pessimistas, este género literário não perdeu adeptos, nem nunca os perderá. Simplesmente, três factores contribuem para que essas mesmas opiniões estabeleçam alguma confusão nos espíritos menos esclarecidos sobre o assunto: a vida agitada dos nossos dias e uma onda — presentemente já na fase mais adiantada da ressaca — de literatura fantasiosa, mesmo de excessos de sexo e violência, erradamente rotulada de policial; o próprio ritmo da vida de hoje, de uma vida vivida em cheio em cada vinte e quatro horas, fatigando corpos e espíritos, espíritos mais irrequietos do que nunca, vivendo actualmente o clímax do desejo, por vezes mal orientado e controlado, de literatura de divulgação e especialização: esta é outra onda que esmorecerá. Note-se que de modo algum censuramos os espíritos sequiosos de conhecimento; apenas frisamos que sempre houve, há e haverá ondas semelhantes, particularidades que marcam uma época, sem falarmos na ânsia aparente, snobe, de exibir uma pseudo cultura coleccionando livros a metro para encher estantes.

Há muito de acertado e errado nestas vagas, mas o romance — seja ele de que natureza for — jamais deixará de interessar. Existe quem pretenda convencer o próximo de que a literatura de ficção morreu, mas consideramos esta afirmação absolutamente errada; o que se verifica é somente aquilo a que acima nos referimos: o tempo escasseia mais do que nunca e cada um de nós pretende viver o melhor possível cada dia, preocupando-se pouco ou muito pouco com o dia seguinte: a fadiga humana também deve ter atingido o seu ponto mais alto nos tempos que correm — após um dia de tantos excessos conscientes e inconscientes, estendemo-nos num «maple», quantas vezes ignorando a própria família que nos rodeia, mas de olhos fixos na TV, sem nos apercebermos de que alguns programas nem de longe merecem que lhes concedamos o espaço de tempo que poderíamos consumir distraindo e enriquecendo o espírito com leitura.

Se o nosso objectivo é a Literatura Policial, ponhamos agora de parte qualquer outro género literário; ela ocupará a parte restante deste artigo. Contudo, não confundamos a clássica Literatura Policial, a cultivada por tantos e tantos escritores como Conan Doyle, Agatha Christie, Queen e Chandler, com aquela que não passa de uma fraude.

Na abertura em corpo destacado desta secção deixámos em suspenso uma interrrogativa: pelo facto de Shakespeare, Leon Uris e John Le Carré terem produzido obras de carácter policial, deveríamos considerá-los escritores especializados neste género? Não os consideramos como tal, na verdade; quisemos apenas exemplificar com os seus nomes que eles e outros romancistas se serviram e servem dos «condimentos policiais» para produzirem as suas obras. E se isto sucedeu e continua a suceder, parece-nos lógico admitir que muito de interesse deve residir no romance policial para que os que não cultivam especificamente este tipo de literatura recorram à sua fonte...

Abundam no nosso país os pseudo intelectuais, os que gostam de exibir uma falsa cultura e procuram expor a corrente do seu complexo pensamento à razão de dezenas de escudo por palavra. Exprimem-se ideias usando e abusando de «pois», «na medida em que», «actual conjuntura», «mentalizar», etc, etc., dividindo a literatura em **MAIOR** e **menor** (é «tão bem» dizê-lo à volta de uma mesa de café ou numa reunião elegante!). E, curioso, é sempre na Literatura Policial que eles vão bater. Porquê? Será que quem a desdenha o faz por não ser capaz de a produzir... e a quer comprar...?

Dificilmente nos esqueceremos de uma imagem que presenciámos há algum tempo: ocupando uma mesa em determinado café, um indivíduo lia um livro de bolso (que identificámos como romance policial) aberto dentro de um outro volume de maiores dimensões: quando esse indivíduo abandonou o café, levava debaixo do braço uma obra de Shakespeare, o «manto» que ocultava o livro **menor**! Por que motivo outras pessoas compram um livro policial exigindo que o mesmo seja embrulhado e não se incomodando com o facto de transportarem um Eça ou um Voltaire sem papel a escondê-los... «porque é para comer mesmo na livraria» e para os outros formarem elevados juízos sobre a sua «alimentação».

No entanto, os factos sempre venceram os argumentos; um juiz não condena um réu baseado na argumentação do acusador, mas em face de provas, de factos incontestáveis. E é um facto indiscutível que a produção e as tiragens do livro policial estão à cabeça das listas editoriais em todo o mundo.

Não poderá um livro policial ser tão bem escrito como qualquer outra obra? Um bom enredo policial, com um enigma bem tecido, não poderá constituir um estímulo e um exercício para o desenvolvimento do raciocínio dedutivo? Não representará um romance deste género, que prenda o leitor, uma aconselhável distracção para o espírito e até, por vezes, um sedativo inofensivo, de melhores e mais seguros efeitos do que o abuso de produtos químicos?

Não é fácil imaginar-se uma obra policial: se o escritor é honesto para consigo próprio e para com aqueles que pagam para o ler, toma dezenas de notas antes da produção de um livro, «digere» todo um complexo esquema que traça e continua a anotar enquanto escreve, a mover as suas personagens num mais ou menos emaranhado fio de meada, duma atmosfera de maior ou menor suspense. Trabalhando mais no silêncio da noite, ou durante o dia e a noite, um livro pode custar a um escritor três ou mais meses de trabalho, o que ao leitor (não considerando o preço do livro, é claro!) pode custar somente meia dúzia de horas de leitura.

Ainda sublinhando que a Literatura Policial não é uma literatura fácil, que o dom de a escrever não se aprende e sim nasce com o escritor, podemos acrescentar que conhecemos diversos exemplos de escritores especializados no género produzindo sem dificuldade de outra literatura, ao passo que não nos parece digno de nota um exemplo contrário.

Havia mais a acrescentar; a defesa desta tese (de uma «mini-tese», afinal), com que iniciámos a secção «Literatura Policial» do nosso Suplemento, seria mais extensa se o espaço não fosse limitado. Mas não queremos concluir sem acrescentar que nos propomos analisar nesta mesma secção, e construtivamente, os romances policiais que forem publicados no nosso país, noticiar com a possível antecedência os títulos programados pelas editoras e dedicar quaisquer outros artigos à Literatura Policial no espaço que nos é reservado semanalmente.

Faremos por cumprir a nossa missão, alheando-nos de qualquer espécie de favoritismo e desprezando a crítica destrutiva; criticar, só por criticar, é fácil — o que não é fácil é saber criticar, porque para o fazer conscientemente é indispensável, quanto a nós, conhecer por experiência própria o que se vai analisar feito pelos outros.

Notas de Viagem

PERGAMO-II

Das portas do mar açoreadas
Em vasto pântano, saídos da tirreme,
Ricardo e Liz avançam pelo mármore
Da longa rua, coroados de sol
Atingidos por flores e jubilosos vivas
Com o andar de quem sabe sobre que pisa
Lentamente, os ventos enfunando
Suas vestes brancas, dirigem-se
Para a biblioteca, com uns duzentos mil
rolos de papiro,

Que Ricardo vai oferecer a Liz,
Para o próximo incêndio de Alexandria.
Será que o amor degrada ou se degrada
irreversivelmete?

Temos depois, quando a loucura
Tomou a cabeça de Ricardo,
Ele era visto por tugúrios,
Vãos de escada, em Amesterdão,
Nova Iorque ou Roma, à procura
Do maior diamente para selar
As pazes do seu amor por Liz.

M. ANTÓNIO

Movimento editorial

• Ficção

Integrado na colecção «Obras de Alberto Ferreira», a «Arcádia» acaba de lançar o romance «Crise» desse autor. A obra é antecedida de um prólogo, de uma dedicatória e de uma citação.

• Teatro

Escrita em 1944 a pedido da actriz Bibi Ferreira, a peça «O Amor do Soldado» de Jorge Amado acaba de ser editada em Portugal pelas «Publicações Europa-América». Trata-se duma peça escrita em homenagem a Castro Alves, que só em 1947 foi editada no Brasil com o título de «O Amor de Castro Alves».

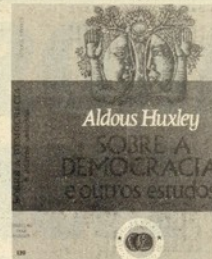
• Memórias

FERREIRA DE CASTRO — A SUA VIDA, A SUA PERSONALIDADE, A SUA OBRA — PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

De excepcional interesse, o estudo «Ferreira de Castro — a sua vida, a sua personalidade, a sua obra», que as «Publicações Europa-América» acabam de lançar, com uma introdução e textos escolhidos por Alvaro Salema. O volume contém, em apêndice, uma cronologia da vida do autor e um estudo bibliográfico actualizado.

• Ensaio

Aldous Huxley pronuncia-se sobre a igualdade, a inteligência, a educação, a religião, o espírito e o conforto na colectânea de ensaios que os «Livros do Brasil» acabam de publicar com o título de «Sobre a Democracia e outros estudos».

E também dos Livros do Brasil» o ensaio «Continentes Perdidos», de L. Sprague de Camp, acerca das lendas da existência da Atlântida e dos resultados das mais recentes investigações científicas sobre este continente.

O DIÁRIO DE LISBOA ASSOCIA-SE À HOMENAGEM PRESTADA A OSCAR LOPES

Organizado pelo semanário «A Opinião», realizou-se na praia da Aguda um jantar de homenagem a Oscar Lopes em que participaram mais de quatrocentas pessoas vindas de todos os pontos do País. Sobre o significado desta homenagem, já Urbano Tavares Rodrigues publicou uma nota no corpo do Diário de Lisboa mas mal ficaria a este suplemento literário não acrescentar, à publicação dessa nota, uma outra aderindo inteiramente aos propósitos dos responsáveis pelo semanário «A Opinião».

O trabalho de Oscar Lopes em prol das letras portuguesas é bem conhecido e não carece de apresentações. À homenagem que lhe foi prestada na Aguda aderem por isso quantos trabalham e colaboram neste suplemento que se preza de não relatar factos relacionados com a vida mundana — mesmo quando esses factos se relacionam com a vida literária — e de evitar tudo o que possa confundir-se com o espírito de elogio mútuo que ainda sobrevive entre nós. A adesão do Suplemento Literário do Diário de Lisboa à homenagem prestada a Oscar Lopes é uma atitude deliberada que nada tem a ver com a camaradagem existente entre oficiais do mesmo ofício. Aderindo a esta homenagem, o Suplemento Literário do Diários de Lisboa limita-se a praticar um acto de justiça elementar.

Crítica de artes plásticas José Luís Porfírio

OS ANOS 50 EM LISBOA

«Felizmente já há pessoas que não se importam de pagar 400 ou 500 contos por um quadrinho» dizia-me, há algum tempo, uma simpática funcionária de uma galeria de Lisboa, diante de uma excelente «acrochage» de surrealistas parisienses e afins. Não se tratava sequer de uma exposição montada com grandes esforços de propaganda, mas simplesmente das paredes de uma loja que vende quadros e que discretamente vai introduzindo em Portugal um certo número de pinturas e de pintores, impensáveis ainda há meia dúzia de anos para o gosto da maioria, senão da totalidade, dos coleccionadores endinheirados.

Quer em simples «acrochage», quer em exposições individuais ou colectivas, e ainda secundadas pela acção de certas instituições culturais como a Fundação Gulbenkian, Lisboa vai assim actualizando o seu conhecimento e o seu gosto por padrões de há vinte anos, enquanto os seus mais poderosos burgueses vão comprando arte moderna vinte vezes mais cara também (coisa séria e aceitável, portanto!)

Vários exemplos poderia hoje ir buscar, acontece porém que algumas exposições ainda não vi (Hadju), e que há, ou houve, recentemente três exposições individuais que correspondem a outras tantas orientações da produção artística parisiense dos anos 40/50 as quais, aliás, também por cá se fizeram sentir entre os nossos artistas ai pelo final dos anos 50, muito antes pois, da actual aceitação comercial e coleccionística que teria sido obviamente a altura ideal para levar a cabo um determinado número de confrontos, contribuindo, efectivamente para a história da arte que se ia (podia) fazer no nosso país, e que bem menos úteis, embora interessantes se me afiguram hoje em dia. Vejamo-las, pois:

1.º Abstracção Geométrica (Vasarely, exposição na gal. Quadrum).

Co-fundador da galeria Denise-René ainda durante a última guerra (1944), Vasarely foi desde então a figura principal, a vedeta, se preferirem, daquilo que na altura ou pouco depois se designava por abstracção geométrica, herdeira das especulações europeias dos anos 20 e 30 (de Stil, Cercle et Carré, Abstraction Créaction etc.) e que, quinze anos depois, em confronto publicitário com uma fórmula «nova» proposta nos U.S.A., a Pop Art, viria a ser extremamente divulgada com o nome de Op Art. Aluno da Bauhaus de Budapeste Vasarely significa também uma importante charneira entre duas gerações a de Albers e sobretudo a de um ainda mal conhecido Mondrian e a adaptação das suas teorias e propostas a um mundo novo, tecnocrático, de uma programada computorizada (perdõe-se-me o rebarbativo do termo!) expansão da arte, ou da «estética», à escala da vida de todos nós, que vai desde o múltiplo-gadget ao brinquedo, à planificação de toda uma cidade nova. Aqui também a arte do século vinte cada vez mais se tornou em coisa mental, trabalho executado por mecânicos ajudantes homens ainda ou máquinas longe da mão do seu «criador».

Vasarely significa o triunfo dos seguidores e adaptadores de uma nova visão ao tipo mesmo da nossa sociedade (ocidental e capitalista) e disso tem bem nítida consciência que o obriga a afirmações como esta:

«A minha imagem de marca na imprensa é detestável: sou o PDG de uma fábrica que produz em série telas, tapeçarias, múltiplos e edições. Bem organizado vendo a minha produção em toda a parte e bastante caro. Justifico os meus benefícios com propósitos sociais, mas na realidade sou um dos promotores da sociedade de consumo...»

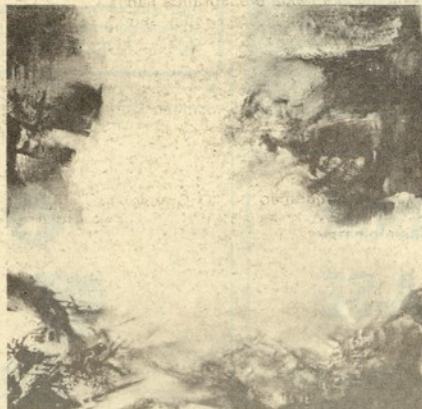
E a justificações como esta:

«Aproximadamente um quarto da minha produção, em originais e edições, é constituída por dons benévolos em favor dos museus e de colectividades com poucos meios, ofertas a obras contra a guerra, contra o racismo, contra a fome, para a infância desvalida, para certas acções políticas, etc. Sem falar das ofertas, a título gracioso, e dos presentes de todos os tipos. Esta é uma muito breve descrição do PDG pintor plástico» (opus international n.º 46 — 1973).

Curiosa esta necessidade de se justificar deste pintor-divulgador de form(ul)as que precisou de se tornar num dos produtores de arte mais caras do mundo para ser visto, e vendido, em Portugal!

2.º Abtracção Lírica (Zao Wou-Ki, gal diprove).

A 73.ª exposição individual deste pintor chinês-de-Paris, ocorreu há pouco mais de um mês em Lisboa, com uma mostra de trabalhos dos últimos 10 anos. Zao Wou-Ki representou quando do seu aparecimento em Paris em 1948 uma aparente justificação para um encontro entre culturas e tradições diferentes, a memória de uma caligrafia e a apresentação, algo polémica, frente ao predomínio da abstracção geométrica, de um punhado de individualidades que entre o puro gestualismo e a abstracção de tradição francesa poderiam ser designados, e foram-no, de abastractos líricos, significando tal lirismos uma «qualidade» de simpatia em relação à natureza, e uma dissolução e indistinção total de formas e de significados, voltada para próprios valores da pintura como pintura, que rapidamente se tornaram numa prática meramente decorativa de pintura e de uma segunda escola de Paris que assim, e só assim, conseguiu encontrar ressonância, audição... e mercado à escala mundial.

Não vou até ao ponto de dizer, como o fez M. Pleynet (Art International XV/1 Jan 1971) que de chinês, Zao Wou-Ky só tem o nome até porque esse problema só interessa na medida em que vem, mais uma vez, provar o poder aglutinador do ambiente parisiense do pós-guerra sobre as mais diferentes personalidades. No entanto, da relativa supresa que devetersidoseuaparecimento, saudado por homens como Michaux resta agora, no que se pode ver, apenas uma sábia cozinha, uma repetida dialéctica da forma-escrita e do informe que mais não é que a estafada, embora agradável, repetição de uma fórmula, um momento de invenção prolongado para **render uma vida inteira.**

Vasarely.

Zao Wou-121.

Lindztröm: Ditaros.

3.º Nova-Figuração (Linström, gal 111).

Na «luta» entre a razão geométrica e o fascínio lírico surgiu, também no fim dos anos 40, uma pintura vinda quase sempre do Norte de Flandres, funcionando também no que se poderia classificar como uma reacção expressionista, numa pintura que apostava simultaneamente no ícone e no gesto, ditado imediato da corrente de consciência que assinala periodicamente, em determinados sectores, um cansaço do laboratório de experiências em que a pintura do século XX se tornou.

A pintura a oleo presente na 111, e só esta, é um excelente exemplo, pelo empenho perfeitamente conseguido de uma imediata comunicação, de violento manejar de enormes pastas de pintura, cuja rapidez e violência de execução estão manifestas na sua atormentada e salpicada superfície. Havia, noutros tempos, nas nossas feiras, um número que consistia na execução de pinturas a partir de uns quantos baldes de tinta de cenário atirados sobre um pano, com os quais espontaneamente se ia constituindo um quadro no que era também e sobretudo, um espectáculo. Este é um tipo de pintura cuja execução deveria constituir um espectáculo de tipo semelhante, caso, evidentemente não estivesse já inteiramente domesticada, ou melhor, para este caso, enjaulada por anos e anos de uma vocação que não é evidentemente a sua, a do consumo de luxo. E talvez aqui, diante da violência comunicativa da pintura exposta na 111, que melhor podemos sentir, direi mesmo palpar (tal a realidade material das crostas de pintura) as contradições nas quais constantemente se funda o trabalho artístico numa sociedade como a nossa que nos levam, quem sabe, a um beco sem saída?.

Quase simultâneas em Lisboa estas três exposições, numa altura em que são quase inúteis para a produção artística portuguesa, desempenharão por ventura alguma acção positiva na nossa vida artística?

. Só há duas respostas, Sim e Não!

Sim, porque ajudarão a «moralizar» um mercado, sem tom nem som, fazendo entrar Portugal num plano mais vasto de mercados internacionais e das suas cotações, colocando os nossos artistas, pelo menos da sua produção actual (aquela que não tem o peso e o valor da história) ao nível consentâneo com esse mercado internacional.

Sim, porque são estas as primeiras pedras de colecções de arte moderna internacional, que ficarão, embora nas mãos de particulares dentro do nosso País servindo, quem sabe, um futuro museu de arte contemporânea a constituir graças à colaboração de boas vontades particulares.

Não na medida em que tudo isto seria uma paródia de todo o sentido real de libertação e de investigação que tem animado a arte contemporânea, que levaria, eu sei lá, à construção de um museu do séc. XIX (na orientação e espírito) com peças do séc. XX, seria a prova provada que a cultura é afinal um emblema ou brasão de casta ou de classe, e que o pensamento, invenção, criatividade dos nossos contemporâneos estão só e exclusivamente ao serviço dos mesmos valores, como eu próprio a escrever estas linhas, como o leitor deste jornal ao lê-las.

E o mais curioso é que estas duas respostas não se excluem inteiramente uma à outra exprimindo apenas uma diferença de atitude que do ser para o dever ser se assume. Que cada um de nós tome a que... puder!